Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

As Organizações Negras em São Carlos:
Política e Identidade Cultural

Márcio Mucedula Aguiar

São Carlos - SP
1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

AS ORGANIZAÇÕES NEGRAS EM SÃO CARLOS: POLÍTICA E IDENTIDADE CULTURAL

MÁRCIO MUCEDULA AGUIAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais.

São Carlos
1998

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar três organizações negras em São Carlos: O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, O Centro de Cultura Afro-brasileira Congada e o Centro Cultural Negro Municipal.

A pesquisa se propõe a entender como essas organizações pensam a relação cultura-identidade-política. E principalmente observar até que ponto a cultura aparece no movimento negro enquanto estratégia para agremiar novos membros e para lutar contra o racismo e discriminação.

Além disso o trabalho propõe a fazer um histórico dessas entidades e observar os diferentes tipos de mobilização dessas organizações na cidade.

Foram elaborados roteiros de entrevistas semi-abertas que buscavam a história dessas entidades e captar as possíveis interações, suas divergências e o porquê da filiação do militante à determinada organização. Também foram analisados panfletos, manifestos, documentos e estatutos de algumas dessas entidades.

Como principais conclusões deste trabalho destacam-se: os grupos do movimento negro de São Carlos se organizam segundo os tipos de concepção de identidade que possuem. O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio teve extrema importância para o surgimento de grupos do movimento negro em São Carlos, o clube acabou funcionando como uma referência para essas pessoas, um marco que demonstra a capacidade de organização da população negra na cidade. Muitas das pessoas que hoje participam dessas organizações são filhos, netos ou sobrinhos de fundadores do Flor de Maio. A concepção de identidade dos membros do Flor de Maio está ligada a noção de comunidade. Daí a sua organização em forma de um clube.

Quanto ao Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada, as manifestações culturais aparecem como uma forma de conscientização da identidade que leva a uma ação política. Ou seja, a cultura e a identidade são concebidas com fins eminentemente políticos.

Quanto ao Centro Cultural Negro Municipal a identidade surge como uma forma de revalorização da contribuição cultural dos negros na sociedade brasileira e com isso a sua forma de organização é uma associação de divulgação cultural. Ele também possui um papel político pois foi principalmente através de sua atuação que se conseguiu a condenação na justiça de um caso de racismo na cidade.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo financiamento da pesquisa, sem o qual este trabalho se tornaria praticamente impossível.

Muitas pessoas contribuíram para a execução deste trabalho. Antes de mais nada é necessário lembrar dos incentivos de meus pais e de minha tia aos meus estudos.

Gostaria de agradecer aos membros do Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada: Casimiro Paschoal da Silva, Nilson Casimiro Pereira, Célia Aparecida Pereira.

Quanto ao Centro Cultural Negro Municipal, sem sombra de dúvidas, a ajuda da presidente da entidade foi fundamental, Maria de Lourdes Tobias Serafim sempre me recebeu com simpatia e com disposição a me ajudar no que fosse possível. Gostaria também de fazer um agradecimento especial ao Benê (Benedito Elcio da Silva) que não mediu esforços ao me ajudar numa das fases mais difíceis deste trabalho.

Aos meus amigos Jansen Moraes da Silva (In Memoriam), Sérgio Antônio Ortiz, André Luiz Fasting, Antônio José Pedroso, Carlos Eduardo Siegl e Paulo Inone pessoas que me ajudaram com sua amizade em momentos difíceis. Nesses anos que estive em São Carlos, não posso deixar de agradecer a três grandes amigas: Kelen Christina Leite, Regina Helena Granja e Silvana Donatoni. Geralmente os anos tendem a diminuir o grau de amizade entre as pessoas, não posso dizer isso em relação a essas pessoas pois com o passar dos anos nossa amizade só se fortaleceu.

À Ana Maria Suficiel Bertolo e à Claire Suficiel Marino pela paciência e incentivo tão necessários no início do mestrado, naquela fase as dificuldades eram enormes e sempre encontrei uma palavra amiga dessas duas grandes pessoas.

Quanto a minha orientadora, é difícil expressar em poucas linhas a minha gratidão. Tive muitas dificuldades quando iniciei a graduação em Ciências Sociais e também no mestrado. Marly de Almeida Gomes Vianna sempre esteve presente como professora e principalmente como amiga. Como professora e orientadora sempre foi exigente, dedicada e teve a capacidade de me ensinar a pensar por mim mesmo. Como amiga se revelou um ser humano especial que sempre esteve disposto a ajudar em qualquer momento.

Gostaria também de agradecer as valiosas sugestões das professoras Marina Cardoso e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva na banca de qualificação e no decorrer do trabalho.

Finalmente devo agradecer à Rosana Vicente de Carvalho pelo amor, carinho e compreensão que sempre me dedicou e dedica.

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à memória de Jansen Moraes da Silva, amigo sempre presente através dos seus incentivos e amizade, mas que infelizmente não chegou a ver o fim desta pesquisa.

Sumário

Resumo

03

Agradecimentos	04
Dedicatória	05
Introdução	07
Capítulo 1 - Os movimentos sociais no meio negro	10
1.1 – Algumas considerações conceituais	10
1.2 – Identidade, negro e movimento negro	21
1.3 - O negro e a reação: algumas notas sobre os movimentos no meio negro	33
1.4 – Os anos 70: a formação do Movimento Negro Unificado	44
Capítulo 2 - As Organizações Negras em São Carlos	49
2.1 - O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio	49
2.2 - O Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada	61
2.3 - O Grupo de Cultura Afro da UFSCar	72
2.4 - O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar	75
2.5 - O Centro Cultural Negro Municipal	77
Capítulo 3 - O Movimento Negro na voz dos seus agentes	87
3.1 – As influências na formação do Movimento Negro na cidade: o papel do Flor de Maio e das universidades	87
3.2 - A cultura como estratégia de agremiação de novos membros	91
3.3 – Identidade para os militantes e as dificuldades para sua constituição devido ao contínuo de cor	97
3.4 - As diferenças entre as entidades	101
Considerações Finais	109
Bibliografia	114
Anexo	119

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende fazer uma análise de três organizações negras na cidade de São Carlos: o Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada, o Centro

Cultural Negro Municipal e o Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio.

A escolha deste tema de dissertação se deveu a inquietações surgidas na época da graduação. Ao estudar o fenômeno do nazismo num curso de História Moderna e Contemporânea, comecei a me preocupar cada vez mais com o problema do racismo e da discriminação.

Passei a pensar num objeto de estudo que pudesse me levar de encontro a essas questões e principalmente um estudo que se centrasse no Brasil. A partir de então, comecei, através de discussões com minha orientadora Marly de Almeida Gomes Vianna e minha amiga Silvana Donatoni, a pensar num objeto que se inserisse na cidade de São Carlos. As discussões levaram a dois projetos: o primeiro estudaria as organizações negras na cidade e as pessoas que participavam de tais organizações. O segundo, que seria desenvolvido por Silvana Donatoni, estudaria a vivência de discriminação de pessoas negras tanto as envolvidas com as organizações quanto as não envolvidas.

Desde a graduação eu sempre notava a existência de organizações negras, em São Carlos, principalmente em algumas datas especiais, como o 13 de maio e o 20 de novembro, quando havia alguma manifestação dessas entidades. O que me espantava era que uma cidade relativamente pequena como São Carlos pudesse contar com tantas organizações de negros: se essas organizações existiam isso deveria ser reflexo das lutas de várias pessoas contra o racismo e a discriminação. Mas, geralmente, o que mais chamava a atenção nas manifestações destas entidades era elas estarem sempre relacionadas a manifestações culturais como dança, música e outras atividades artísticas.

Foi a partir daí que problematizei meu objeto de pesquisa ou seja, resolvi analisar como estas organizações pensam a relação cultura-identidade-política. E principalmente queria observar até que ponto a cultura aparece no movimento negro enquanto estratégia para agremiar novos membros e para lutar contra o racismo e a discriminação.

Escolhi três organizações para o estudo: O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, que é a entidade mais antiga de São Carlos, fundado no dia 4 de maio de 1928. Quanto às outras duas entidades, o Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada e o Centro Cultural Negro Municipal, surgiram nas décadas de 70 e 80 e estão

inseridas no contexto do desenvolvimento do movimento negro em escala mundial, seja pela influência norte-americana, seja pelo processo de independência das nações africanas e a luta contra o apartheid.

O trabalho pretende, num primeiro momento, fazer um levantamento bibliográfico, atentando especialmente para a relação entre movimento negro, cultura e política e tentando analisar como a questão cultural aparece articulada (ou não) para a temática movimento negro.

A segunda parte do trabalho pretende fazer um histórico dessas entidades. Ao pesquisar a história dessas entidades pretende-se fazer um registro das formas de organização da população negra de São Carlos procurando observar os diferentes tipos de mobilizações.

Na terceira parte serão analisados depoimentos de militantes sobre as entidades mencionadas. Com isso será possível captar as possíveis interações dessas entidades e algumas vezes divergências entre as mesmas e o porquê da filiação do militante a determinada organização.

A coleta de dados enfrentou certas dificuldades. As pessoas muitas vezes tinham um certo receio sobre o trabalho e nem sempre se sentiam à vontade para falar. Essas dificuldades foram superadas na medida em que se esclareciam os objetivos e as propostas desta pesquisa. Além disso, era necessário lidar com as expectativas criadas tanto no pesquisador como nos militantes sobre as conseqüências deste trabalho para as entidades.

Elaboramos roteiros de entrevista semi-aberta para as entrevistas com os militantes, que buscavam a história das entidades, entender como pensavam a relação entre cultura e política e sua concepção de identidade. Também foi possível captar diferentes visões dos militantes sobre cada uma das entidades estudadas. As entrevistas foram realizadas entre julho de 1996 e julho de 1997. Além das entrevistas, foram consultados também documentos que as entidades possuíam sobre sua história: panfletos, manifestos, livros de atas, além dos estatutos de algumas dessas entidades.

Cap. 1 - Os movimentos sociais no meio negro

1.1 - Algumas considerações conceituais

Para a realização de um estudo sobre as organizações negras torna-se necessário a definição dos conceitos a partir dos quais a análise será construída.

É necessário em primeiro lugar, definir o que se entende por movimento social. Vários trabalhos sobre esta temática fazem uma distinção entre “novos” e “velhos” movimentos sociais. Cronologicamente, são considerados novos movimentos sociais os que surgiram na década de 70 em contraposição aos “velhos” movimentos sociais ligados aos partidos e sindicatos.

Para Frank e Fuentes¹, muitos dos que se chamam novos movimentos sociais apresentam características dos movimentos ligados à classe trabalhadora. Para estes autores, os movimentos ecológicos e pacifistas são os únicos que podem ser considerados legitimamente novos, pois surgiram em função de necessidades sociais geradas mais recentemente pelo desenvolvimento mundial. Quanto aos movimentos étnicos, religiosos e até de mulheres, segundo os autores, sempre existiram em vários lugares do mundo. *“Exemplos destes movimentos são as revoltas de escravos em Roma, as Beguine e outros movimentos de mulheres no século XII, alguns dos quais desencadearam a caça às bruxas e outras formas de repressão contra as mulheres, os movimentos/guerras camponesas do século XVI na Alemanha, os conflitos históricos étnicos e nacionais em todo continente.”*² Para estes autores, os movimentos que se autodenominam novos possuem grande mutabilidade e adaptabilidade e muitos deles herdaram a capacidade organizativa e lideranças de velhos movimentos operários. Portanto, a distinção entre novos e velhos não é tão rígida quanto possa parecer.

Frank e Fuentes colocam pontos importantes para a discussão dos movimentos sociais. Em primeiro lugar, como dissemos, eles colocam que não existe uma diferença tão rígida entre os novos e velhos movimentos sociais. Para eles, os novos movimentos sociais fazem uma crítica às formas de luta e organização que

¹ FRANK, André Gunter; FUENTES, Marta - “ Dez teses acerca dos movimentos sociais”- In: *Lua Nova* (17), São Paulo, junho 1989.

² IDEM pág. 21

resultaram dos movimentos ligados as classes trabalhadoras. Partidos e sindicatos aparecem muitas vezes como ineficazes ou com formas rígidas de organização, tendo dificuldades em lidar com novas demandas sociais.

Claus Offe³, para analisar os “novos” movimentos sociais que surgem na década de 70, recorre a uma distinção entre as formas de políticas originadas do pós-guerra e os novos temas que se configuram em 70. Nessa distinção ele estabelece dois tipos de paradigmas que orientam a ação política dos grupos sociais. Nos primeiros anos do pós-guerra até a década de 70 ele vê o “velho paradigma”. Segundo Offe, neste paradigma os temas hegemônicos estão relacionados com a construção da nação, cidadania, participação e redistribuição da renda. Os temas básicos se referem ao crescimento econômico, distribuição e seguridade social⁴. O estado de bem-estar social é um consenso, não havendo nenhuma força significativa de esquerda ou de direita que o questione. Há uma valorização da democracia representativa mediatizada pelos partidos políticos. Segundo ele, haveria um suposto sociológico neste paradigma: a família, o trabalho e o consumo absorveriam a maior parte da população, e à política caberia criar a seguridade e as condições para que esse processo continuasse operando. Neste paradigma os atores políticos dominantes são os grupos de interesses altamente institucionalizados e os partidos políticos.

³Ver cap. VII - Los Nuevos movimientos sociales cuestionan los limites de la política institucional - OFFE, Claus - *Partidos políticos y nuevos movimientos sociales*/ Claus Offe; Trad. Juan Gutierrez - Madrid: Sistema, 1992.

⁴No contexto europeu, pelo menos.

A partir da década de 70, configura-se um novo paradigma. Nesta nova forma de se conceber a política existe uma maior individualização e diferenciação. São politizados temas como religião, família, comunidades culturais e etc. Essas mudanças, para o autor, decorrem das mudanças no mundo do trabalho que fazem com que o indivíduo não tenha laços duradouros com um determinado segmento. O indivíduo passa por uma série de atividades produtivas e não se fixa em nenhuma. Ao se deslocar rapidamente de uma atividade a outra torna-se difícil a sua inserção em um grupo estável. É neste contexto de mudanças que estão inseridos os “novos” movimentos sociais. Este trabalho utilizará o conceito de “novos” movimentos sociais elaborado por Offe e que será discutido mais adiante.

A discussão sobre os novos movimentos sociais que surgem na década de 70 sempre esteve carregada de uma certa esperança que os pesquisadores possuíam acerca da transformação de nossa sociedade. A partir da constatação de que vivíamos em um período caracterizado por um estado autoritário, a emergência desses movimentos levava a crer que as camadas populares começavam a se perceber enquanto atores políticos.

As camadas populares instituíam em suas comunidades práticas associativas pautadas pela noção de igualdade, o que poderia ser um indicativo do nascimento de uma cultura política que inexistia no país.

Segundo Cardoso⁵ os novos atores políticos não lutam apenas por melhores salários, mas buscam uma sociedade mais democrática. Os movimentos sociais questionam o estado autoritário, fazem reconhecer a presença dos excluídos e se colocam ao lado de partidos e sindicatos, mas, não se formam a partir deles. Os grupos que compõem os movimentos sociais se percebem como comunidade a partir de uma experiência comum de discriminação que enfatiza certas carências. Neste sentido, a comunidade se percebe através de uma experiência de igualdade.

⁵CARDOSO, Ruth C. L. - "Movimentos sociais urbanos: balanço crítico", In Sorj. B. e Tavares, M. H. (orgs.) *Sociedade e Política no Brasil pós-64*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

Durham⁶ coloca problemas para se interpretar esses movimentos sociais. Existem dificuldades em se estabelecer a base social desses movimentos, sua base de classe é muito heterogênea e suas formas de participação estão fora dos atores políticos tradicionais, sindicatos e partidos. Esses movimentos lutam pela ampliação do espaço político e dos benefícios do desenvolvimento econômico.

O rápido processo de urbanização provocou uma concentração de população na zona urbana, o que levou à criação de novas necessidades de consumo como educação, transporte, atendimento médico e equipamentos sociais e culturais. Seguindo seu raciocínio, o critério de organização de tais movimentos não se faz no processo produtivo, mas a partir da esfera do consumo. Os movimentos se articulam em reivindicações coletivas em função de carências comuns.

Ainda segundo Durham, a organização dos movimentos sociais estrutura-se de duas maneiras: uma tradicional formal, com eleições e a outra comunitária, que evita a institucionalização de representação. A forma comunitária é a mais importante por privilegiar a igualdade na constituição da coletividade. A noção abstrata de igualdade toma forma a partir da vivência de uma coletividade de iguais, o que implica o reconhecimento da pessoa em um plano público. Neste sentido, surge a consciência de cidadania no reconhecimento do direito a melhores condições de vida.

Uma outra explicação das causas do surgimento dos "novos" movimentos sociais poderia ser uma resposta ao crescente processo de alienação por que passa a sociedade (Kärner, 1987.). Os movimentos sociais surgem independentes de partidos e sindicatos e talvez isso ocorra em função das formas de organização tradicionais passarem por um processo de alienação, como todas as outras esferas de organização social. Com suas pretensões de representatividade e centralidade, essas organizações teriam impedido a criatividade social. Os novos movimentos sociais seriam um processo coletivo e comunicativo de protesto contra as relações sociais existentes, gerando um projeto de sociedade alternativa. Neste sentido, eles seriam uma resposta ao constante processo de alienação por que passa a

⁶DURHAM, Eunice, "Movimentos sociais - A construção da cidadania", In *Novos Estudos* (10), São Paulo,

sociedade.⁷

Warren⁸ destaca a importância dos novos movimentos sociais na constituição de uma nova cultura política. Estes seriam uma ação grupal para transformação da realidade, voltada para realização de objetivos de um projeto sob a orientação de princípios valorativos comuns. O desenvolvimento dos meios de comunicação contribuíram para desterritorialização dos novos modelos culturais. Esses continham fatores culturais que incentivaram os princípios de democracia de base, livre organização, auto gestão e direito à diversidade que influíram na formação desses movimentos.

Telles⁹ caracteriza que a nova produção teórica elabora a idéia de uma sociedade que é palco de práticas associativas de grupo, onde os novos atores são percebidos fora do estado e contra o mesmo. A constituição dos sujeitos políticos não se dá a partir de parâmetros clássicos da relação classe-partido-estado. A sociedade e não o Estado é vista enquanto espaço de constituição de novos sujeitos. A identidade dessas populações passa a ser fundada na luta pela ampliação dos direitos de cidadania.

A dominação e a subordinação desses grupos não se revelariam na exclusão e repressão, mas em práticas de poder regidas por uma lógica que apóia a despolitização e privatiza a vida social. Os movimentos representariam a possibilidade de abertura de espaços públicos, espaços onde as pessoas se reconhecem enquanto iguais e enquanto sujeitos na luta pêlos seus direitos.

CEBRAP, out. 1984.

⁷KÄRNER, Hartmut - "Movimentos sociais: revolução do cotidiano." In: Scherer-Warren, Ilse e Krischke, Paulo(orgs.) - *Uma Revolução no Cotidiano? Os novos movimentos sociais na América Latina*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

⁸SCHERER-WARREN, Ilse - "O caráter nos novos movimentos sociais" In: IBIDEM.

⁹TELLES, Vera da Silva - "Os novos movimentos sociais: reflexões sobre a experiência dos anos 70.", In: IBIDEM.

Cruz¹⁰ tenta avaliar o impacto que essas novas formas de organização (movimentos sociais) têm no processo de reconstituição do estado. A crise por que passa o Estado hoje, para ele, é necessariamente uma crise do conceito de democracia que este gerou. O modelo social, que imperou de 45 até o final da década de 60, apresentou três fraturas que geraram respostas de auto-organização, que se denominam movimentos sociais. Houve uma ruptura cultural: a crise da família e a perda de fé nas crenças tradicionais. Os movimentos feministas e juvenis são conseqüência disto. O Estado passa por várias crises que questionam sua capacidade de intervenção e colocam limites ao modelo de desenvolvimento baseado no *american way of life*. As formas de Estado estão em crise, e esta se dá a partir de relações contraditórias entre as velhas formas de organização (sindicatos e partidos) e as novas (movimentos sociais).

Viola e Mainwaring¹¹ analisaram a influência dos novos movimentos sociais nos regimes políticos do Brasil e da Argentina e observam em que sentido eles influenciaram na formação de uma nova cultura política nesses países. Para eles, os novos movimentos sociais são atores importantes na definição de democracia, por questionarem a cultura semi-democrática desses países e trazerem à arena política novos valores, métodos e perspectivas.

A análise destes autores é centrada em quatro movimentos sociais: as comunidades eclesiais de base, o movimento feminista, os grupos de defesa dos direitos humanos e as associações ecológicas. Segundo sua hipótese, os novos movimentos sociais podem afetar a vida política e a transição à democracia, ao criarem condições para formação de uma nova cultura política mais democrática, que influenciaria na mudança do regime.

Em outra interpretação, Gutierrez¹² criticará a forma como os movimentos sociais são vistos pelas teorias desenvolvimentistas que os concebem como reflexos voluntaristas das classes sociais, representadas por partidos e sindicatos. Suas

¹⁰CRUZ, Rafael de la - "Os novos movimentos sociais: encontros e desencontros com a democracia." In: IBIDEM.

¹¹VIOLA, Eduardo e MAINWARING, Scott - "Novos movimentos sociais: cultura política e democracia: Brasil e Argentina." In: IBIDEM.

¹²GUTIÉRREZ, Fernando Calderon - "Os movimentos sociais frente à crise." In: IBIDEM.

ações são determinadas, pela ordem econômica, estatal ou ação partidária.

Segundo este analista, os movimentos sociais poderiam ser vistos na sua diversidade e complexidade como portadores de uma nova ordem social. Tais movimentos refletiriam um momento de inflexão entre as orientações tradicionais e o surgimento de novas práticas e orientações.

Numa outra percepção, Camacho¹³ fará uma distinção entre os movimentos sociais e os populares. Os movimentos sociais possuiriam uma dinâmica gerada na sociedade civil, que se orientaria a partir de interesses específicos, que questionam as estruturas de dominação prevalentes, tendo como objetivo transformar as condições de crescimento social. Já os movimentos populares surgem quando os movimentos sociais convergem na luta para a transformação do Estado.

Ainda segundo Camacho, os movimentos sociais são expressão da sociedade civil e, nesta, as relações entre grupos tendem à hegemonia e ao consenso, ou seja, as contradições se resolvem pela persuasão e a pressão e, neste sentido, os movimentos sociais se formam a partir de tensões internas da sociedade civil. Já na sociedade política, as contradições se resolvem pela coerção pública. Por mais dinâmicos que sejam os movimentos sociais e populares eles não podem ser a chave de explicação para as forças motrizes da sociedade, pois estas são as contradições de classe. A realização das transformações mais radicais exigidas por tais movimentos só é possível através de um partido.

Krischke¹⁴ desenvolve sua análise a partir do conceito de democracia como um processo de identidade restritiva, concebido primeiramente por Sérgio Zermeno. A democracia como processo de identidade restritiva levaria o Estado a desafios e criaria condições para uma mudança na cultura política. Essa identidade seria uma experiência positiva nas transformações mais amplas no sistema político e cultural que são geradas pelo igualitarismo de experiências de base.

Jacobi,¹⁵ em sua crítica a produção teórica sobre movimentos sociais, ressalta que esta não deu conta da dinâmica da ação estatal neste processo. O que perpassa de uma maneira geral toda a literatura, é a idéia de que as contradições

¹³CAMACHO, Daniel - "Movimentos sociais: algumas discussões conceituais." In: IBIDEM.

¹⁴KRISCHKE, Paulo J. - "Movimentos sociais e transição política: contribuições da democracia de base." In: IBIDEM.

urbanas são o fator indutor das reivindicações populares ,ou seja, existe um pressuposto de que os fatores objetivos desencadeiam lutas sociais.

Para ele, não se pode estabelecer uma relação mecânica entre carências e exclusão, pois os movimentos, de alguma forma, vão traduzir uma luta pela redistribuição dos meios de consumo coletivo. O autor destaca que a ênfase dada à questão da crise urbana é pertinente aos países de capitalismo avançado, mas não é suficiente para explicar a realidade latino-americana. As análises também não enfatizam a heterogeneidade da base social e nem as contradições internas de tais movimentos.

Um fator positivo que Jacobi ressalta é a formação de uma nova cultura política, que é baseada em uma concepção de igualdade fundada na vivência de relações de solidariedade, facilitando assim a formação da consciência de cidadania.

Todos os trabalhos descritos analisam tais movimentos dando ênfase principalmente aos valores que tais movimentos implementam na prática cotidiana e que poderiam levar a uma mudança geral nas relações sociais. Mas nenhum desses trabalhos define com clareza o que entende por movimentos sociais. Parece que qualquer grupo que se organize em função de determinado problema e tente dialogar com o Estado pode ser considerado movimento social. Uma associação de bairro que se organize para o atendimento de reivindicações ligadas a saneamento básico pode ser considerada movimento social, assim como uma passeata de estudantes que reivindique passe estudantil, por exemplo. Neste sentido, quais seriam os critérios de comparação entre esses movimentos mais gerais e o tradicional movimento operário? Quais seriam os elos de ligação?

¹⁵JACOBI, Pedro R. - "Movimentos sociais: Teoria e prática em questão", In: IBIDEM.

Nos trabalhos discutidos enfatizam-se os valores de igualdade e identidade, além de formas organizativas que são regidas de forma horizontal, não apresentando portanto uma liderança formal. Esses valores não possuem nada de novo ou em oposição aos valores gerados na Revolução Francesa e no Iluminismo.

Quanto às formas organizativas, por um lado representam um avanço, ao evitarem o centralismo e o burocratismo, mas em contrapartida, é sabido que na sociedade atual as principais mudanças são travadas no sistema político. Portanto, para que determinadas reivindicações sejam realmente implantadas, é necessário uma organização que passe por um partido político. Essas formas de organização, consideradas convencionais e ultrapassadas por muitos dos movimentos sociais, são ainda hoje as que apresentam mais resultados para as demandas de tais movimentos.

O conceito que me pareceu mais claro para a análise dos movimentos sociais e que será adotado neste trabalho é o elaborado por Claus Offe:

“...puedem definir-se los nuevos movimientos sociales políticamente relevantes como los movimientos que reivindican ser reconocidos como actores políticos por la comunidad amplia - aunque sus formas de acción no disfruten de una legitimación conferida por institucionales sociales establecidas - , y que apuntan a objetivos cuya consecución tendría efectos que afectarían a la sociedad en su conjunto más que al mismo grupo solamente.”¹⁶

O principal mérito desta definição é ressaltar a relevância dos movimentos sociais que apontam para demandas que transcendam a particularidade de determinados grupos, para a consecução de objetivos de caráter universal. Ou, dito de outra maneira e considerando nosso estudo, seus problemas, que a primeira vista aparecem como demandas específicas, no caso racismo e preconceito, não são problemas só dos negros mas da sociedade como um todo. Portanto, o sucesso e a própria definição do movimento negro como movimento social dependerá de sua capacidade de envolver outros grupos sociais em sua luta, colocando que a luta contra o preconceito e racismo é uma luta da sociedade, não só dos negros, judeus,

¹⁶ Cap. - VII - Los nuevos movimientos sociales cuestionan los límites de la política institucional - In: OFFE, Claus - *Partidos Políticos y Nuevos Movimientos Sociales*/ Claus Offe; Trad. Juan Gutierrez - Madrid: Sistema, 1992. pág. 176.

orientais e etc.

Os "novos" movimentos sociais se articulam a partir de demandas particulares, colocando assim, sérios problemas ao seu desenvolvimento. Seu poder de transformação social vai até o limite da resolução de suas demandas, que não afetam a sociedade como um todo.

Os critérios de articulação desses "novos" movimentos, estão relacionados à idade, gênero, etnia e valores morais, além da preservação do meio ambiente. São considerados como irrelevantes os códigos de identificação sócio-econômica (classes sociais) e as ideologias. Com isso, tais movimentos tornam-se facilmente manipuláveis e suas lutas se desvinculam de um projeto global de transformação da sociedade.

O que parece estar ocorrendo é uma politização das diferenças, antes tradicionalmente ligadas à esfera privada, hoje politizadas. Busca-se no Estado o reconhecimento dessas diferenças e sua regulação. Como bem demonstra Pierucci,¹⁷ a esquerda incorpora tais diferenças com ares de modernidade, sendo que o tema das diferenças no decorrer da história foi uma das bandeiras da direita. Para Pierucci, a esquerda pode incorrer num erro ao legitimar as diferenças, pois a luta deve ser sempre pela busca da igualdade. A diferença pode representar uma cilada para a esquerda e o seu reconhecimento pode levar ao recrudescimento. No caso da população negra associam-se certos estilos musicais como o samba e o pagode como características "naturais" do ser negro. Essas diferenças, que são construídas socialmente, são "naturalizadas" e vem carregadas de estereótipos. O negro acaba sendo associado ao "exótico" e como consequência deve se manter ao socialmente esperado, ou seja, ele só será reconhecido no samba, futebol e atividades que ressaltem um lado mais "emocional" e "físico". A diferença neste sentido pode representar uma cilada, pois pode legitimar situações que são criadas socialmente e não são naturais.

Fragmenta-se cada vez mais o mundo social e incorpora-se tal fragmentação ao que alguns autores caracterizam de pós-moderno. A ideologia neoliberal surge neste contexto como um elo de ligação dessas idéias. Ao legitimar as fragmentações

¹⁷PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*. In: Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, São Paulo,

da vida social, torna-se difícil a criação de um projeto global de transformação social. O neoliberalismo tem como objetivo a desarticulação do estado de bem-estar social, passando a responsabilidade das questões sociais ao indivíduo, levando o individualismo burguês à sua forma extremada. Se isso tem reflexos sérios na Europa, em países como o Brasil onde não existe articulação forte da sociedade civil e sequer construiu-se Estado de Bem-estar social, as conseqüências dessas práticas serão ainda piores.

Discussões de questões particulares sem sua articulação com os problemas mais gerais, que afetam a sociedade como um todo, podem ter conseqüências muito sérias. O exemplo da demarcação de terras indígenas, que é uma reivindicação justa e pertinente, é um projeto válido, a partir do momento que se relacione com a questão dos trabalhadores do campo e com a reforma agrária. Essa questão não pode ser tratada separadamente, pois é um problema geral de sobrevivência dos trabalhadores do campo. Os problemas específicos de determinados grupos sociais, no caso do movimento negro, o racismo e a discriminação só terão chances de serem resolvidos a partir do momento em que se consiga articular essa demanda específica do movimento negro com problemas mais gerais que afetam a sociedade como um todo.

As diferenças em quaisquer grupos sociais existem e são até saudáveis. Tais diferenças geram especificidades e estratégias de lutas diferentes em cada grupo social. Mas essas diferenças não devem ser tais que impeçam a interação e busca de estratégias comuns de vários grupos sociais. O racismo e a discriminação são apenas um dos aspectos de um problema mais amplo que afeta a sociedade como um todo, ou seja, a desigualdade social. Da mesma forma que os negros vivenciam situações de discriminação e racismo, judeus, orientais e nordestinos, vivem este problema. Com isso uma estratégia de luta comum é possível, pois apesar das diferenças desses grupos eles vivenciam um problema que é comum a todos. Os vários grupos que compõem a sociedade possuem demandas particulares mas essas não devem ser exacerbadas a tal ponto que impeçam a busca de objetivos gerais que afetam a sociedade como um todo.

1.2- Identidade, negro e movimento negro.

A identidade é uma construção social, ou seja, o que somos hoje é produto de relações vividas desde a infância (*Debert, 1994.*). Ser adolescente, jovem ou adulto, mais do que fases do nosso desenvolvimento biológico, representam etapas em que vamos assumindo identidades específicas de acordo com a idade¹⁸.

Segundo Debert, a idéia de uma identidade pessoal não é, como se pressupõe à primeira vista, resultado de nossa individualidade mas uma construção social que vai sendo moldada e modificada no decorrer de nossas vidas.

Para Stuart Hall, a identidade está se modificando em função dos impactos das grandes transformações por que passa a sociedade moderna. Para ele as sociedades modernas são caracterizadas por mudanças rápidas, constantes e permanentes e isso modifica e pressupõe novos referenciais para se entender o que seja identidade.

Segundo Hall, este processo de mudanças, que é chamado por muitos de “globalização”, afetou o mundo social de tal forma que as antigas identidades (classe, gênero, sexualidade, etnicidade, nacionalidade e etc.) que estabilizaram o mundo social estariam em declínio dando espaço a novas identidades que fragmentam cada vez mais o sujeito. Hall caracteriza tal mudança como uma “crise de Identidades”: *“ Um tipo distinto de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final deste século, fragmentando paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnicidade, raça e nacionalidade que nos deram localizações sólidas como indivíduos sociais. Estas transformações estão também modificando nossas identidades pessoais, enfraquecendo o próprio sentido de nós mesmos enquanto sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de self” é algumas vezes chamado de deslocamento ou des-centramento do sujeito. Este conjunto de deslocamentos duplos - descentrando indivíduos tanto de seu lugar no mundo cultural e social, quanto de si mesmos - constitui a “crise de identidade” para o*

¹⁸ DEBERT, Guita Grin - “ Antropologia e velhice” - In: *Textos Didáticos*, Nº 13, IFCH/UNCAMP, 1994.

*indivíduo.*¹⁹

Hall distingue três concepções de identidade. A primeira seria a do sujeito do Iluminismo. Tal sujeito é o “indivíduo centrado” e “unificado” e sobretudo caracterizado pela razão. Um outro tipo de identidade foi propiciado pelo desenvolvimento das Ciências Humanas: o sujeito sociológico. Ao invés de ter um núcleo autônomo como o anterior este não é auto-suficiente mas é formado em relação a outros, de maneira que a identidade se dá pela interação entre o eu e a sociedade. O último sujeito seria o pós-moderno, isento de uma identidade fixa, permanente ou essencial. É o sujeito pós-moderno que caracterizaria o tipo de identidade que as pessoas vivem hoje. Na minha concepção, talvez o termo a ser usado não deva ser pós-moderno, afinal o que se convencionou chamar de pós-modernidade remete à idéia de uma ruptura com a modernidade. Mais do que uma ruptura com a modernidade, o período atual deve ser caracterizado como um aprofundamento das tendências da modernidade.

Segundo Hall, a identidade deste terceiro sujeito é como uma “festa móvel” formada e transformada em relação às maneiras pelas quais somos representados e tratados no sistema cultural. Multiplicam-se os sistemas de significado e representação cultural e com isso configura-se uma multiplicidade difusa e confusa de identidades possíveis. O sujeito caminha por vários grupos sociais assumindo “identidades” conforme o grupo com que está se relacionando e com isso ele pode “jogar” conforme seu interesse.

O importante a reter deste autor é a fragmentação das identidades e, neste sentido, sua fluidez conforme o interesse dos indivíduos ou grupos a que pertence. É óbvio que os indivíduos podem assumir várias identidades dependendo dos grupos com que estão interagindo, mas deve ficar claro que essas várias identidades estão reunidas em uma única pessoa, que jogará conforme os interesses que mais satisfaçam sua aspiração em determinado momento. Um professor negro, por exemplo, vive algumas situações profissionais em que é irrelevante ser ou não negro. Mas em determinadas situações, principalmente se ele milita em um determinado grupo do movimento negro, será importante que ressalte que é um

¹⁹ HALL, Stuart - “A questão da identidade cultural”/ Stuart Hall; Tradução de Andréa Borghi e Simone Miziara

professor negro. Ao se identificar enquanto negro ele propiciara visibilidade social ao seu grupo específico, o que é um dos pontos mais importantes das lutas do Movimento Negro hoje.

A questão da identidade sempre apareceu como um problema para grupos do Movimento Negro. Um dos principais obstáculos que muitos militantes colocam para o crescimento do movimento negro é a existência de uma identidade negra fortemente estigmatizada no Brasil. Para que exista participação e militância em tais movimentos é necessário que as pessoas se identifiquem como negras e sejam sensíveis aos problemas que afetam os negros na sociedade brasileira.

As primeiras definições de negro foram marcadas por uma visão biológica das diferenças. Ou seja, a primeira definição que se impunha era o conceito de raça. Este conceito já foi extremamente debatido, e fica claro que tal conceito é mais ideológico do que explicativo. As desigualdades existentes no mundo social, produto das relações entre os homens, são vistas como produtos inatos das características intrínsecas de cada raça. Tal visão justificou a dominação e extermínio de vários povos, dos africanos escravizados aos judeus na Segunda Guerra Mundial.

Com o avanço das ciências biológicas e humanas, os grupos humanos deixam de ser definidos a partir de características somáticas e passam a ser definidos a partir de diferenças culturais. Essas culturas não podem ser vistas em termos de superioridade ou inferioridade mas como equivalentes e tal visão vai impondo o conceito de relativismo cultural. A compreensão de determinada cultura só é possível a partir de seus próprios valores.²⁰

Apesar do avanço que o conceito de cultura representou, o racismo o incorporou. As culturas passam a ser vistas como entidades autônomas e separadas, excluindo-se a possibilidade de interações entre elas, como se se pudesse falar de uma cultura branca ou negra como entes separados e contrapostos. Na verdade, da mesma maneira que não se pode falar em raças não se pode caracterizar culturas como entes irreduzíveis em si mesmos pois as culturas se mesclam e interagem.

Frangella - In: *Textos Didáticos*, N° 18, IFCH/UNICAMP, 1995.

²⁰ LEVI-STRAUSS, Claude - Raça e História - In: *Raça e Ciência* - São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970. pág. 231 à 269.

Ser negro, por exemplo, da mesma forma que ser branco ultrapassa a pigmentação da pele e passa necessariamente por uma construção sócio-cultural. De uma forma geral, a imagem do negro na sociedade brasileira vem carregada de estereótipos, imagens que associam o negro à vagabundagem e à malandragem causando-lhe extremas dificuldades de vida.

Uma das propostas do movimento negro é reelaborar identidades, acabando com os estigmas negativos e transformando-os em aspectos positivos. Este é o argumento de Irene Sales Souza²¹, que a partir do estudos de dois grupos do movimento negro em Franca e Ribeirão Preto constatou uma mudança no referencial de identidade de pessoas que participavam em tais grupos. Sua hipótese era de que a participação de homens e mulheres nestes grupos do movimento negro possibilitaria uma integração de suas identidades através da transformação social de identidades negativas em positivas. O grupo, para ela, se constitui um ponto de referência dando segurança para o enfrentamento da discriminação.

A identidade social, como bem caracteriza Duarte²², é constituída a partir de um processo de valoração e classificação. Somos o que somos em relação aos outros. Ao nos compararmos com os outros estabelecemos uma distinção que vem carregada por um valor. “Eles” se contrapõe a “nós” por um valor, criando assim a identidade social.

A constituição da identidade social passa necessariamente por valorações que levam a classificações. Para Duarte esta classificação implica uma certa hierarquia. Duarte utiliza em sua concepção sobre identidade social a teoria da hierarquia proposta por Louis Dumont, que por sua vez elabora suas idéias a partir da análise do Sistema de Castas Hindu. Para Dumont, as castas são a manifestação de um princípio fundamental da vida social: a hierarquia. “ Adotar um valor é hierarquizar, e um certo consenso sobre os valores, uma certa hierarquia das idéias, das coisas e das pessoas é indispensável à vida social.”²³

Na Índia, segundo Dumont, as desigualdades são percebidas como produto

²¹ SOUZA, Irene Sales - O Resgate da Identidade na travessia do movimento negro: arte, cultura e política. - São Paulo: USP, tese de doutorado, 1991.

²² DUARTE, L.F. - “ Classificação e valor na reflexão sobre identidade social” In: CARDOSO, R. (org.), *A Aventura Antropológica - teoria e pesquisa*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

²³ DUMONT, L. - “ Introdução” - In: *Homos hierarchicus: O Sistema das Castas e suas implicações* / Louis

de uma ordem divina e portanto são consideradas naturais e funcionais ao sistema de castas; em contraposição a sociedade ocidental, estabelece em seus mores a igualdade e liberdade enquanto princípio de vida social. A idéia de igualdade no Ocidente pressupõe a noção de indivíduo, sendo a humanidade constituída de pessoas e cada indivíduo particular a essência da humanidade. O individualismo é, assim o valor fundante. O importante que queremos reter deste autor é a necessidade do valor e, portanto, de uma hierarquia²⁴ na vida social. Mas, veja-se bem, a hierarquia é uma construção social, portanto ela mesma mutável, que aparece como uma exigência de nossa capacidade de simbolização. O pensamento humano se constitui a partir de um universo simbólico que possibilita ao homem se situar dentro da natureza e da sociedade. Para se situar frente aos grupos sociais ou perante a própria natureza os homens se classificam e essa classificação, que implica numa hierarquia, é uma construção social.

Duarte, em outro trabalho²⁵, coloca que na oposição ou relação hierárquica existe a presença lógica de um nível superior onde há unidade e um nível inferior onde há distinção.

Nas relações entre brancos e negros no Brasil observamos este tipo de configuração. A distinção entre brancos e negros se dá em termos de superioridade e inferioridade. Quanto mais a tonalidade de cor da pele da pessoa se aproximar do negro mais inferior ela se torna neste tipo de escala. No polo oposto se encontram os brancos que possuem maiores chances de mobilidade social.

Dumont; Tradução de Carlos Alberto da Fonseca - São Paulo: Editora USP, 1992. pág. 66

²⁴ “ Definiremos hierarquia como *princípio de gradação dos elementos de um conjunto em relação ao conjunto...* ” In: DUMONT, L. - Cap. III - A Hierarquia - *Homo Hierarchicus*- São Paulo: Ed. USP, 1992. pág. 118.

²⁵ DUARTE, L. F. - Cap. II - A construção social da pessoa moderna - In: *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1986. pág. 41

Numa concepção racista o branco só existe em oposição ao negro que encarnaria a inferioridade. O próprio sentido e significado que se dão a estas palavras expressam uma relação hierárquica. Muitas vezes associa-se a palavra branco à luz, ao divino e ao limpo, enquanto o negro é associado ao lúgubre, sombrio e sujo, por exemplo. Como diz Fanon, na mentalidade racista branca, os negros representam os genitais ou seja a potência sexual: “Na Europa, o preto tem uma função: representar os sentimentos inferiores, as más inclinações, o lado obscuro da alma. No inconsciente coletivo do Homo Occidentalis, o preto, ou se prefere, a cor preta simboliza o mal, o pecado, a miséria, a morte, a guerra, a fome. Todas as aves de rapina são pretas.”²⁶

Duarte coloca que em algumas situações podem ocorrer “inversões hierárquicas”, e, neste caso, um nível inferior pode tornar-se superior. Essa operação ocorre claramente no livro *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre onde o mulato, que na época muitos viam como um tipo degenerado devido a miscegenação, passa a ser superior. Neste sentido a identidade implica num processo de valoração e classificação. “Qualquer identidade só é em função do “nível” em que se encontra no interior de uma “totalidade” (qualificada diferencialmente por um “valor”) e em função da situação que se faz operar (...).”²⁷

Esta discussão sobre identidade e valor será retomada mais adiante sobre as implicações da valoração do ser negro e de uma chamada cultura negra.

No decorrer deste trabalho utilizou-se muito o termo negro. Como já foi dito anteriormente, ser negro é um conceito sócio-cultural e para se obter uma definição do que é ser negro serão utilizadas algumas considerações elaboradas por Fredrick Barth²⁸.

²⁶ FANNON, Frantz - *Pele negra, mascaras brancas* / Franzt Fannon; Tradução de Alexandre Pomar - Porto: sd. pág. 219

²⁷ DUARTE, L.F. - Cap. II - A Construção Social da pessoa Moderna - In: *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1986. pág. 43

²⁸ BARTH, Fredrick - “Introdução” - In: *Los grupos étnicos y sus fronteras* / Fredrick Barth; Tradução de Sérgio Lugo Renalan - México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

Barth faz uma crítica das definições de grupos étnicos proposta pela Antropologia de uma forma geral. Segundo este autor, a maioria das definições atribuem o compartilhar de uma cultura comum importância fundamental para se definir um grupo étnico, quando compartilhar uma cultura comum é mais um resultado da organização do grupo étnico do que uma característica primária do grupo.

Os grupos étnicos, para ele, devem ser considerados como uma forma de organização social. É neste sentido que reside a importância da auto-atribuição e atribuição pelos outros da identificação dos membros de determinado grupo étnico. *“...los grupos étnicos son categorías de adscripción e identificación que son utilizadas por los actores mismos y tienen, por tanto, la característica de organizar interacción entre los individuos.”*²⁹

Essas constatações, se adequam à análise de Manuela Carneiro da Cunha³⁰, e, da mesma forma que a autora, estou de acordo com a ideia de Barth: *“ grupos étnicos como formas de organização social em populações cujos membros se identificam e são identificados pelos outros, constituindo-se uma categoria distinta de outras categorias da mesma ordem (Barth, 1969:11).”*³¹ Dito isto, como bem caracteriza Cunha, a cultura aparece como algo dinâmico e constantemente reelaborado: *“ Essa definição dá primazia à identificação do grupo em relação à cultura que ele exhibe. Assim fazendo, resolve-se a questão da continuidade no tempo de um grupo e de sua identidade em situações ecológicas diferentes, o que conforme vimos, seria problemático caso tomássemos os traços culturais como critérios. Em suma, traços culturais poderão variar no tempo e no espaço, como de fato variam, sem que isso afete a identidade do grupo. Essa perspectiva está, assim, em consonância com a que percebe a cultura como algo essencialmente dinâmico e perpetuamente reelaborado. A cultura, portanto, em vez de ser o pressuposto de um grupo étnico, é de certa maneira produto deste.”*³²

²⁹ IBIDEM. pág. 10 e 11.

³⁰ CUNHA, Manuela Carneiro da. - Parecer sobre os critérios de identidade étnica - In: *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

³¹ BARTH, F. - *Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference*. Bergen-oslo, Universitets Forlaget. APUD CUNHA, Manuela Carneiro da. - “Parecer sobre os critérios de identidade étnica” - In: *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986. pág. 116

³² CUNHA, Manuela Carneiro - “Parecer sobre os critérios de identidade étnica” - In: *Antropologia do Brasil* :

É neste sentido que concebo como negros as pessoas que se autoidentificam e são socialmente consideradas como tal. E a cultura não aparece como uma categoria intrínseca do ser negro mas como um conjunto de representações que são constantemente elaborados e reelaboradas e dão significados e sentidos à ação do grupo que pertençam. Nas palavras de Geertz: “ *O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.*”³³ Ao perceber a cultura como sistema simbólico pode-se buscar como é construído o conceito de identidade negra ou de cultura negra, como essas associações constroem essas categorias e o que está por de trás destas construções. Essa perspectiva acaba se complementando com as considerações de Fredrick Barth e Manuela Carneiro da Cunha. A cultura, assim aparece como um conjunto de representações,³⁴ que conferem significado a ações dos indivíduos e que está sempre sendo reelaborada; em vez de aparecer como uma característica primária do grupo, é de certa maneira produto do mesmo.

Um outro aspecto levantado por Barth é o papel do contraste para a elaboração da identidade: “*Por distintos que puedan parecer tales miembros en su conducta manifiesta, si afirman que son A, en contraste con otra categoría análoga B, esperan ser tratados como tales, y que su propia conducta sea interpretada y juzgada como A s y no como B s; en otras palabras, están confirmando su adhesión a la cultura común de los A.*”³⁵

Roberto Cardoso de Oliveira aponta também o caráter construtivo como um

mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986. pág.116

³³ GEERTZ, Clifford - Cap. I - Uma descrição densa: Por uma teoria Interpretativa da Cultura - In: *A Interpretação das Culturas / Clifford Geertz*; Trad. Fanny Wrobel - Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. pág. 15

³⁴ “Esta perspectiva está, assim, em consonância com a que percebe a cultura como algo essencialmente dinâmico e perpetuamente reelaborado. A cultura, portanto, em vez de ser o pressuposto de um grupo étnico, é de certa maneira produto deste.” In: CUNHA, Manuela Carneiro da - “ Parecer sobre os critérios de identidade étnica”- In: *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade* - São Paulo: Brasiliense, 1986. pág. 116.

³⁵ BARTH, Fredrick - “Introdução” - In: *Los grupos étnicos y sus fronteras/ Fredrick Barth*; Trad. Sérgio Lugo

ponto importante para constituição da identidade étnica: “ *Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defronta. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente.*”³⁶

O movimento negro tem como uma de suas principais bandeiras a valorização da identidade negra. E muitas pessoas que antes de entrarem para o movimento tinham vergonha de serem negros e, portanto, não se identificavam como tais, passam agora a repensar tais atitudes. Ser negro começa hoje a ser valorizado e cada vez mais busca-se uma cultura negra que seria uma linguagem essencial para atrair a população para o movimento. Na década de 60, o *black is beautiful* caracterizou esta tentativa de transformação da identidade.

A identidade implica num processo de valorização, e isto é uma das demandas do movimento negro, que busca fazer o negro passar por um processo de valorização da sua identidade. Se, antes, ser negro levava a algumas pessoas um sentimento de vergonha e inferioridade, agora, ser negro começa a ser valorizado e neste sentido pode-se falar em inversão hierárquica.

Esse processo começou com o movimento de negritude nascido na década de 30. Segundo Munanga³⁷, o conceito de negritude nasce como uma resposta a assimilação do negro via embranquecimento: a negritude é uma recusa à assimilação, a libertação do negro só será possível pela reconquista de si e pela busca de uma dignidade autônoma. Ainda segundo Munanga, a negritude enquanto movimento tinha como objetivo: a) buscar uma identidade negra africana; b) protestar contra o mundo colonial e lutar pela emancipação dos povos oprimidos; c) apelo por uma revisão das relações entre os povos buscando uma civilização universal. Ao buscar esses objetivos, o movimento buscava uma volta às origens, volta às origens que se manifestava na tentativa de restituir à África o orgulho de seu passado e o valor de suas culturas. Segundo Munanga, Aemé Cesaire, que cria a palavra negritude, a entendia como um reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação do seu destino, de sua história e de sua cultura. Negritude implicava em

Renalan - México: Fondo de Cultura Económica, 1976. pág. 17.

³⁶ OLIVEIRA, R. C. - Cap. I - Identidade étnica, identificação e manipulação - In: *Identidade, Etnia e estrutura social* - São Paulo: Pioneira, 1983. pág. 5.

identidade, fidelidade e solidariedade. Ainda segundo Munanga, para Cesaire, encontrar a identidade seria assumir plenamente e com orgulho a condição de negro, a fidelidade uma ligação com a terra mãe e a solidariedade seria um sentimento que ligaria secretamente todos os irmãos negros do mundo.

Em Margarido³⁸ encontramos uma crítica ao conceito de negritude. Para este autor há uma certa irracionalidade no termo negritude. Esta irracionalidade se manifesta no apelo a um mundo de puro sentimento, base de uma suposta essência negra. Brancos e negros se diferenciariam devido a concepções de mundo diferentes porém complementares. A concepção de mundo do negro seria caracterizada pela emoção enquanto a do branco se prima pela razão. A emoção é negra enquanto a razão é Ocidental. O elemento negro seria importante à cultura ocidental na medida que restituíria a emoção, a “frieza” característica de uma sociedade dominada pela técnica. Esta concepção do negro ligado à emoção e à natureza e o branco à razão e à técnica acaba por justificar a própria situação criada pelo colonialismo. Segundo Margarido³⁹ os bronzes de Benin possuíam técnicas para a sua fabricação que em nada se deviam a uma concepção emocional de vida mas a um apuro técnico. Portanto associar os negros à emoção e à natureza acaba por reforçar estereótipos que justificam determinada realidade. Para Margarido, um humanismo negro a partir dessas bases seria artificial pois impediria o homem negro de dominar a técnica, condição de domínio dos povos ocidentais, e confinaria os negros à emoção e à natureza.

Apesar disso, a negritude foi extremamente importante pois implicou num processo de valorização da identidade negra. Mas hoje em dia, a mídia explora a valorização do ser negro apenas em função de uma lógica de mercado e de consumo. Nas músicas, nas formas de vestir e nos tipos de comportamento procura-se revalorizar o ser negro. Isso também ocorre no Brasil, e prova disso são o sucesso de grupos musicais como Olodum e a edição da revista Raça.

Parece estar ocorrendo não mais a luta pela modificação da situação social dos negros e sim a formação de um mercado consumidor negro. A mídia e os meios

³⁷ MUNANGA, K. - *Negritude - usos e sentidos* - São Paulo: Ática, 1986.

³⁸ MARGARIDO, Alfredo - *Negritude e Humanismo* - Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 1964.

³⁹ IBIDEM. pág. 34

de comunicação, de uma forma geral, utilizam dessa identidade, seja ela corte de cabelo , música e até produtos de beleza na tentativa de se criar um mercado de consumo para os negros. Este é um ponto importante para a discussão acerca de uma identidade e cultura especificamente negra.

Um exemplo de como os meios de comunicação manipulam as imagens associadas ao negro ocorre no carnaval. Pode-se observar que nesta época, onde com mais freqüência aparece o negro na mídia, ele é associado à dança e à festa e principalmente aparece como objeto sexual.

Torna-se necessário uma discussão séria sobre como hoje está sendo trabalhada a identidade negra. O que parece estar acontecendo é uma manipulação desta identidade, seja pela mídia ou outros grupos sociais, não com fins de resolver os problemas da população negra mas com a função de criar um mercado de consumo negro.

Yvonne Maggie⁴⁰ faz uma análise do sistema de classificação racial no Brasil. Segundo ela, a “cor” aparece como um elemento importante na construção de um sistema classificatório no Brasil, e, apesar da importância disso não houve, segundo a autora, uma interpretação sociológica do problema. Maggie fez um levantamento dos eventos do centenário da abolição realizado em 1988, buscando verificar onde, com quem e para quem se falou sobre o drama das relações raciais no Brasil. A análise quantitativa do evento demonstrou que o mês de maio havia sido mais rico em eventos que o mês de novembro⁴¹, o que revelaria a importância que teve a lei Áurea na mentalidade das pessoas.

⁴⁰ MAGGIE, Yvonne - *A Ilusão do concreto: Análise do Sistema de Classificação racial no Brasil* - Tese apresentada como parte dos requisitos para o concurso de professor titular de Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

⁴¹ 20 de novembro dia Nacional da Consciência Negra.

A maior quantidade de eventos que se deu foi sobre o tema cultura negra. A maioria das instituições, sejam acadêmicas, governamentais, Igreja e movimento negro escolheram este tema para pensar o negro e a diferença entre negros e os “outros”. Segundo Maggie, dos 1702 eventos realizados naquele ano, 500 foram sobre cultura negra e 295 sobre a situação atual do negro. Com isso, a autora coloca a seguinte questão: porque essa recusa em se falar das desigualdades entre brancos e negros no Brasil? A resposta, para ela, deve ser buscada no terror de se pensar “brancos” e “pretos”, “claros” e “escuros” como diferentes na vida social. Com isso, nos eventos, discutiram-se mais identidade, democracia racial e buscavam-se sinais diacríticos de uma cultura negra do que desigualdades socialmente produzidas. *“Pode-se agora entender como a cor é boa para pensar e comunicar diferenças significativas na cultura. Preto e branco, claro e escuro, e finalmente negro são termos e oposições usados socialmente para comunicar diferenças significativas na cultura brasileira. Se o negro é pensado como diferente culturalmente, pretos e brancos marcam diferenças sociais como mostra o panfleto da bolsa de valores e o gradiente claro e escuro escamoteia essa diferença social usando grau e não qualidade, valorando os mais claros.”*⁴² A cor, para autora, é um critério fundamental para produção de desigualdades no Brasil.

Continuando seu raciocínio, Maggie diz que no Brasil usa-se o termo negro para se colocar a diferença na cultura enquanto nos Estados Unidos, os “blacks” querem ser norte-americanos e exigem direitos iguais aos brancos. Nos Estados Unidos as cores preta e branca, comunicam que a diferença é social; no Brasil, fala-se de negro porque se quer comunicar que a diferença está na cultura, na origem. Para autora, em nosso país, a oposição “preto/branco” denota desigualdade social enquanto “negro/branco” marca diferenças culturais de origem e portanto de identidade étnica. *“Tornar-se negro significa remeter-se à origem, construir a identidade através da origem e explicar a diferença pela cultura e pela escravidão.*

⁴² IBIDEM. pág. 77

Ao se enfatizar a diferença cultural usa-se o termo negro e não se fala nos números gritantes da diferença entre pretos e brancos. Por isso, no ano do centenário, não se falou que “pretos” tem oito anos a menos do que brancos, em termos de expectativa de vida. Não se disse que pretos estudam menos anos do que brancos e que morrem mais crianças pretas do que brancas. É por isso que o negro no Brasil é assunto do Ministério da Cultura e não do Ministério do Trabalho, da Saúde ou da Justiça.”⁴³

Essas considerações colocadas por Maggie são de extrema importância para uma discussão séria de cultura e identidades negras no Brasil. Seu raciocínio alerta para o perigo de se buscar uma igualdade somente numa maior valorização cultural do ser negro e esquecer-se da situação da maioria dos negros que ainda se encontram em condições de vida precárias. Ou seja, tentar resolver as desigualdades que surgem no mundo material apenas no plano simbólico.

1.3 - O negro e a reação: algumas notas sobre os movimentos sociais no meio negro.

Neste item pretendo fazer um pequeno histórico do movimento negro ressaltando os aspectos mais significativos da sua história e que são relevantes para compreender as entidades negras de São Carlos. Parto das considerações levantadas por Florestan Fernandes em seu trabalho sobre o movimentos sociais do meio negro, que surgem a partir da década de 20, encontrados em *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*.

Segundo Fernandes,⁴⁴ a população negra, no final do sistema escravista, via-se diante de um dilema: ou a) lutar pela absorção da população negra e de “cor” na ordem social competitiva ou b) lutar contra o preconceito de cor e romper com a associação entre cor e posição social ínfima. Os movimentos que começam a eclodir na década de 20, segundo o autor, vão marcar o início da participação de negros e mulatos, como e enquanto tais. A principal preocupação desses movimentos era a

⁴³ IDEM, pág. 80

⁴⁴ FERNANDES, Florestan - Cap. I - Os Movimentos sociais no meio negro. In: *A Integração do negro na Sociedade de Classes* - Vol. 2, 3 ed. , São Paulo: Ática, 1978.

mudança das concepções que existiam sobre o negro nesta época.

Estes movimentos não se colocam contra a ordem existente, mas, se posicionam contra as atitudes e expectativas da população branca com relação a negros e mulatos. Pode-se caracterizá-los como sendo uma rebelião de cunho integracionista, pois, os membros desses movimentos pretendem se opor à persistência do tipo de relações entre brancos e negros que era característica do antigo sistema escravista. Ainda nesta época se mantém os modelos arcaicos de ajustamento racial, gerados pelo sistema escravista.

Na concepção de Florestan Fernandes, a dificuldade do negro em se adaptar à sociedade pós-abolição se deve ao seu horizonte sócio-cultural marcado pelo passado escravista. Este horizonte impede os negros de se adaptarem aos requisitos psicossociais exigidos pelo trabalho livre. Com isso, as lideranças dos primeiros movimentos que surgem passaram a ter uma preocupação com a reeducação de negros e mulatos. Essa população, para se integrar efetivamente, precisaria absorver novas técnicas sociais e padrões de comportamento característicos das instituições da sociedade pós-abolição.

Existem vários movimentos no meio negro, mas para o fim deste trabalho e seguindo a análise de Florestan Fernandes, passarei a descrever a história da Frente Negra.

Entre 1924 e 1926, Benedito Florêncio, Gervásio de Moraes e Lino Guedes que antes eram militantes em Campinas passam a morar em São Paulo. Possuindo uma certa tradição de militância, eles passam a ser os principais oradores em festas do meio negro. Nesta época começa a se cogitar e sentir necessidade de se criar um grupo negro consciente contra o sentimento de inferioridade que imperava no meio negro. Em 1924 foi fundado o jornal *Clarim da Alvorada* por Jaime de Aguiar e José Correia Leite. No início, esse jornal tem preocupações e pretensões literárias passando depois a se estabelecer como jornal doutrinário e de luta.⁴⁵

⁴⁵ Moreira, Renato Jardim - Movimentos sociais no meio negro. APUD. In: FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes.* - Vol. 2, 3º ed., São Paulo: Ática, 1978. pág. 18 e 19.

Entre os anos de 1927 a 1945 surgiriam várias associações, sendo que Florestan destaca 19 delas⁴⁶, incluindo a Frente Negra. Como a maioria dessas associações teve vida curta, Florestan analisa a Frente Negra, por ser a principal.

A Frente Negra foi fundada em 16 de setembro de 1931 com o objetivo de lutar por uma efetiva integração do negro na sociedade. "O negro não estava preparado nem técnica, nem psicológica, nem moralmente para a vida livre. A Frente Negra visava lutar contra isso: a estratégia era reunir os negros para prepará-los, para quebrar o seu medo e a sua covardia diante do branco, para dar-lhe coragem e ousadia, na competição econômica e na defesa dos seus direitos."⁴⁷ Os grupos que fundaram a Frente Negra eram ligados ao *Clarim da Alvorada* e a entidade foi recebida com grande entusiasmo, passando a congregar milhares de membros⁴⁸. Possuía um núcleo dirigente em São Paulo e ramificações no interior e até mesmo em outros estados.

A partir de 18 de março de 1933, a Frente Negra criou um jornal próprio, *A Voz da Raça*, que colocou em prática todo um programa de proselitismo. Nos estatutos da Frente Negra figuravam como objetivo promover a "união política e social da gente negra nacional, para a afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos, atuais, na comunhão brasileira".⁴⁹

A estrutura organizativa desta entidade era formada por um grande conselho, que contava com a participação de 20 membros, dentre estes, havia um chefe e um secretário, sendo os outros cargos preenchidos pelo presidente. O grande conselho era assessorado por um conselho auxiliar, formado por cabos distritais da capital. É este órgão que se torna o fulcro da milícia frentenegrina que tinha uma organização paramilitar.

⁴⁶ FERNANDES, F. Cap. I - Os Movimentos sociais no meio negro. In: *A integração do negro na sociedade de classes* - São Paulo: Ática, 1978. ver pág.45.

⁴⁷ IBIDEM. pág. 34 e 35.

⁴⁸ IDEM. pág. 46

⁴⁹ transcrições do estatuto da Frente Negra, APUD. Fernandes, F. - *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. - Vol. 2, 3 ed. , São Paulo, 1978. PÁG. 46.

Seus componentes vestiam camisas brancas e estavam sujeitos a uma rígida disciplina. Além disso, segundo Fernandes, recebiam treinamento militar, chefiados por Raul Joviano do Amaral, que tinha o cargo de capitão. Percebe-se aí uma nítida influência das organizações de tipo autoritário, em especial a Ação Integralista. Vários fatores podem explicar porque este tipo de organização autoritária recebeu tanto respaldo popular. Em um meio social caracterizado pela desorganização e por um individualismo predatório, como bem caracterizou Florestan Fernandes, participar de uma entidade de grandes proporções possibilita ao indivíduo sentir laços de solidariedade que ele não encontra em seu meio social. Ou seja, o indivíduo não se sente mais sozinho no “mundo”, é um militante da Frente, com uma posição dentro de uma hierarquia, posição que possui um certo prestígio. Não quer dizer que todas essas pessoas que participavam da organização aceitassem o autoritarismo ou que fossem conscientes de suas conseqüências políticas, mas algumas delas, por não possuírem perspectivas de solução para os graves problemas que as afligem, viam na solução autoritária o melhor caminho. (Observe-se hoje quantas pessoas sentem nostalgia pelo regime militar, considerando ser necessária a “autoridade” para colocar “ordem” na casa.) Numa sociedade onde ser negro é carregar o pior dos fardos e não se dava nenhuma possibilidade para mudança desta situação, era de se esperar que houvesse grande entusiasmo por esta forma de organização nitidamente influenciada pelo Integralismo.

Em 1936, a Frente Negra foi transformada em partido político, fato que não despertou muito interesse entre os negros, sendo que os que eram mais ligados aos movimentos negros se espantavam com sua organização e a quantidade de membros que possuía.

A Frente Negra pode ser vista, segundo Fernandes, como um movimento reivindicatório de tipo assimilacionista que repudia o padrão tradicionalista e assimétrico de dominação racial e aspira a uma integração rápida da população negra na sociedade como um todo. Ela acabou funcionando, seguindo seu raciocínio, como um mecanismo de reação societária, visando consolidar e difundir uma consciência própria e autônoma da realidade brasileira.

Sua atuação se dava em três níveis distintos: a) no combate às manifestações de preconceito de cor, tentando derrubar valores e técnicas sociais a partir dos quais

o mesmo se assentava b) na tentativa de reeducação do negro c) e na criação de formas de arregimentação que expandissem e fortalecessem a cooperação e solidariedade entre os negros.

Com o advento do Estado Novo em 1937, a Frente Negra, nesta época já registrada como partido político, foi fechada. Os seus membros a transformam em União Negra Brasileira mas está já não era uma organização nas mesmas proporções. Fatores ligados às deficiências de ordem interna, que muito se deviam às técnicas autoritárias internas de organização de poder, e, principalmente o início do Estado Novo, levaram ao fim da entidade. A Frente Negra foi o principal movimento do meio negro das primeiras décadas deste século.

As dificuldades enfrentadas pelos negros para sua incorporação à sociedade se deveu principalmente à forma como se deu o processo de abolição.

A abolição, segundo Florestan Fernandes, foi feita sem nenhuma preocupação com o destino da população negra. A experiência de vida do negro era profundamente marcada pelo sistema escravista e com isso ele tinha dificuldades em se encaixar nos requisitos psicossociais exigidos pelo trabalho livre. Em sua mentalidade, a noção de trabalho se confundia com a escravidão, ao mesmo tempo em que sua idéia de liberdade era marcada pela idéia de ir e vir e de não se submeter a qualquer forma de controle; daí a dificuldade de adaptação a qualquer tipo de trabalho regular ou supervisionado.

Somados a esses fatores, há de se acrescentar a política de substituição da mão-obra escrava via imigração. Os imigrantes eram preferidos como trabalhadores em detrimento aos ex-agentes do trabalho escravo. Em áreas onde os fazendeiros possuíam recursos, os imigrantes eram contratados, e em contrapartida, somente nas áreas mais decadentes eram reaproveitados os negros. Com isso os imigrantes iriam monopolizar as principais chances no mercado de trabalho, e uma parte deles conseguirá realizar uma mobilidade social ascendente.

Quando os imigrantes chegavam ao Brasil, aceitavam qualquer tipo de trabalho, não tinham em sua mentalidade uma noção de trabalho tão degradada como os ex-escravos. Além disso, possuíam uma família estruturada, o que gerava segurança e solidariedade entre seus membros, facilitando sua incorporação ao mercado de trabalho. Os fatores ligados ao passado escravista, que Florestan

Fernandes caracteriza como herança sócio cultural da senzala, aliadas às precárias condições de vida marcadas pela pauperização e exclusão do mercado de trabalho, geraram anomia social no seio desta população. Esta situação só começou a mudar na década de 30, quando pequenas parcelas da população negra passaram a ser incorporadas ao mercado de trabalho, mas mesmo assim nas piores e mais mal remuneradas ocupações. Foi nessa época que surgiram os primeiros movimentos que Fernandes descreve.

Numa outra interpretação, Carlos Hasenbalg⁵⁰, explicará a situação social dos não-brancos no Brasil, desenfazendo o legado do escravismo em nossas relações raciais⁵¹. Para ele, o racismo e a discriminação adquirem uma nova função na sociedade pós-abolição. Com o fim da escravidão, o racismo e a discriminação tornam-se operacionais socialmente, passando a ser utilizados como critérios eficazes dentre os mecanismos que regulam o preenchimento de posições na estrutura de classes. Os brancos aproveitam do racismo e da opressão racial para obter vantagem competitiva no preenchimento de posições na estrutura de classes. Além disso, os não brancos encontravam-se concentrados em regiões menos dinâmicas do ponto de vista de desenvolvimento, na época da Abolição. Em São Paulo, os grupos negros competiam com os imigrantes com vantagem para estes últimos, mas mesmo assim, em poucas décadas, obtiveram ganhos sócio-econômicos. Já em regiões mais atrasadas, como o Nordeste, a Abolição foi um processo de reajustamento menos drástico e os ex-escravos permaneceram num contexto agrário de estagnação.

Vários outros movimentos ocorrem a partir da década de 40. Segundo Regina Pahim Pinto⁵², surge no Rio de Janeiro, em 1944, o TEN (Teatro Experimental Negro), com a preocupação de se afirmar politicamente a partir do resgate da cultura

⁵⁰ HASENBALG, C. - *Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil* - Rio de Janeiro: Graal, 1979.

⁵¹ Para Florestam Fernandes a sociedade pós-abolição (“sociedade de classes”) é caracterizada pelo desenvolvimento da industrialização e urbanização e tende à “racionalização”. Portanto, a incorporação do elemento negro à sociedade se daria na medida em que se superasse as expectativas e estereótipos advindos da sociedade escravocrata. Conforme o negro fosse sendo incorporado ao mercado de trabalho, e à sociedade como um todo, o preconceito e a discriminação tenderiam a diminuir. Para Carlos Hasenbalg, o preconceito e a discriminação assumiram nova função na sociedade pós-abolição, sendo um critério eficaz para o preenchimento de posições dentro da estrutura de classes, portanto ele não tende a diminuir. Concordo mais com a visão deste último.

⁵² Pinto, Regina Pahim - *Movimento negro em São Paulo: Luta e Identidade* - São Paulo, 1993. Tese (doutor.)

negra. Seu fundador, Abdias do Nascimento, tinha como objetivo organizar um tipo de ação que possuísse um significado cultural e artístico aliado a uma função social.

Ainda segundo a autora, há uma mudança na década de 40 e 50 nas manifestações e eventos negros e começou a existir uma preocupação com a busca de uma cultura específica do negro, principalmente com uma possível ascendência afro. Abdias do Nascimento, líder do TEN, estava fortemente influenciado pelo movimento da negritude e de libertação dos negros nos Estados Unidos. O TEN imprimirá em suas atividades um caráter de elite intelectual negra e já se observa uma preocupação com a volta as origens africanas.

Foi elaborada no Rio de Janeiro, em 1945, uma carta de princípios, pelo Comitê Democrático Afro-Brasileiro, comitê este definido por Abdias do Nascimento como o braço político do TEN. Os princípios⁵³, segundo Regina Pahin Pinto, se referem aos direitos dos trabalhadores e estão ligados a questões de política interna e externa do país e principalmente com a educação.

Segundo Pinto, foi nesta época que o termo afro-brasileiro passou a ser utilizado para denominar negro. O TEN ainda organizou mais dois eventos: a Convenção Nacional do Negro e a Conferência Nacional do Negro.

O primeiro evento se subdividiu em duas reuniões: a primeira ocorreu em São Paulo em novembro de 1945 e a segunda no Rio de Janeiro, em 1946. Há, nas duas, uma preocupação com a Identidade. Entre seus objetivos está o de resgatar a memória do negro brasileiro, que seria a base de um substrato que poderia ser fonte de uma possível identidade. E essa identidade poderia ser a fonte de uma possível ação social(Pinto, 1993).

Quanto à Conferência Nacional do Negro, esta ocorreu em 1949, contando com a participação de organizações negras de vários estados. Nos seus objetivos figurava o levantamento das aspirações dos negros através de investigações no Distrito Federal e outros estados. Além disso, tentava-se articular um programa para combater as dificuldades concretas dos negros. Seus membros pretendiam demonstrar à população o caráter racista das teorizações antropológicas e sociológicas representadas pelos congressos Afro-brasileiros em 1934 e 1937 (Pinto,

1993).

Em 1950, ainda segundo Regina Pahin Pinto, como consequência de uma das deliberações da conferência de 1949, ocorreu o primeiro Congresso do Negro Brasileiro. Neste congresso existia a preocupação com os problemas práticos e atuais dos negros. Segundo a autora, observam-se duas correntes em conflito: a primeira era representada por Edson Carneiro e estudiosos brancos como Darcy Ribeiro e L.A. Costa Pinto, e “ *pretendia impor ao Congresso um rumo acadêmico, pois, no seu entender o negro não possuía reivindicações sócio-econômicas ou políticas específicas. A outra corrente, popular e majoritária , pretendia que o Congresso tratasse do que os seus componentes definiam como as necessidades específicas, sociais, políticas e culturais, da gente negra. Entre os defensores deste ponto de vista, estavam Aguinaldo Camargo, Abdias do Nascimento e Sebastião Rodrigues Alves.*”⁵⁴

Na conferência elaborou-se uma declaração que colocava o problema do negro como um aspecto particular do problema geral do povo brasileiro e que, neste sentido, só podia ser superado através do desenvolvimento do espírito associativo dos negros. Segundo a autora, ainda se enfatizava a necessidade de ampliação das oportunidades educacionais e sociais para todos; a partir dessas condições seria possível às pessoas ascenderem de acordo com sua capacidade e aptidão. Em suas recomendações ainda está o incentivo a realização de congressos culturais e científicos para que realmente se conhecessem as relações raciais. Dever-se-ia também realizar um congresso internacional para a discussão das relações de raça. Aconselhou-se aos partidos que incluíssem negros na sua lista de agremiações partidárias pois isso poderia levar ao desenvolvimento das capacidades políticas e à formação de lideranças negras.

⁵³ ver pág. 348 In: IBIDEM.

⁵⁴ In: IBIDEM. ver final da pág. 350 e começo da 351

Neste congresso, diz Regina P. Pinto, há recomendações no sentido de se marcar a identidade do negro e meios para *reeducá-los* e *desrecalcá-lo*⁵⁵. A transformação das atitudes dos negros pode se dar através do teatro, cinema, literatura e concursos de beleza. Começa a haver preocupações com as reminiscências africanas.

A autora descreve a fundação da Associação Cultural do Negro, por Abdias do Nascimento e Solano Trindade, no final de 1954. Esta associação passaria a editar os *Cadernos de Cultura Negra*. Em 1967 ela criaria uma escola (Escola Áurea Brasileira), que procurou incentivar as pessoas que desejassem cantar música popular brasileira. Nos objetivos da entidade existia a preocupação com a recuperação do elemento afro-brasileiro e além disso coordenar, esclarecer e orientar atividades de caráter econômico, educacional, político e social.

Pinto assinala a forte preocupação da entidade com o reencontro das raízes da cultura negra, sua divulgação e desenvolvimento. Ainda segundo a autora, seria necessário reavivar o conhecimento do negro de certos valores do grupo. Essa entidade passará por processo de desarticulação devido a conflitos internos e suas atividades só serão retomadas em 1977 no bairro Casa Verde, agora com uma atuação mais assistencial. A composição social da entidade passou a ser predominantemente de negros de baixa renda, e a parte assistencial da entidade era dinamizada por bailes e encaminhamento de pessoas ao mercado de trabalho.

Segundo Pinto, houve perda do “élan” étnico da entidade e os freqüentadores só passaram a procurá-la por ocasião dos bailes; os negros que poderiam lecionar nas escolas perdem o interesse na associação e ela acaba fechando as portas.

⁵⁵In: IBIDEM. palavras da autora. Ver final da pág. 351

Pinto coloca que no período que se inicia em meados da década de 40 até o início de 60, o negro ainda continuou se manifestando, iniciando-se uma nova fase do processo de afirmação de sua identidade. O movimento começou a ressaltar a busca de raízes afro e afirmar a importância da cultura negra. Entre 1964 e 1970 não ocorreram grandes eventos e nem a fundação de novas entidades. Para a autora, esta situação de apatia reverteu-se no início dos anos 70. O ressurgimento dos movimentos sociais, na sociedade como um todo, o processo de libertação africana, bem como a radicalização do movimento negro nos Estados Unidos criaram um ambiente favorável para isso.

Regina Pahin Pinto se propõe a analisar o Movimento Negro a partir da questão da identidade. Em seu raciocínio, a constituição do movimento negro implica num duplo processo: a) o combate e a tentativa de se livrar de uma identidade estigmatizada e como consequência: b) a criação de uma identidade não estigmatizada de ser negro. A identidade para ela passa a ser importante nessas duas dimensões distintas. O desenrolar do movimento possibilitaria um processo de afirmação da identidade e com isso a construção de um grupo étnico⁵⁶ e neste processo a identidade étnica não só articularia o grupo étnico mas seria usado como mediador das reivindicações como elemento político.

Como problemas para o desenvolvimento do movimento negro a autora coloca várias dificuldades, sendo que uma delas seria conciliar militância e sobrevivência econômica. A militância muitas vezes fica prejudicada pela falta de tempo devido ao trabalho necessário para sobrevivência. Quanto à repercussão do movimento na população negra, está seria falha devido aos poucos recursos financeiros com que contam as organizações. A penetração do movimento na comunidade negra torna-se complicada também porque os negros não assumem

⁵⁶ “Aqui, não se trata apenas de o indivíduo sentir problemas que ele vivência no seu dia-a-dia ou determinados interesses que não estão sendo satisfeitos, condição importante para formar a base de qualquer movimento. No movimento negro, o processo é muito mais complexo, pois, para que o indivíduo participe, é necessário que ele se sinta negro, o que nem sempre é um processo tranquilo. E é neste ponto que o movimento negro difere dos outros movimentos, na medida em que ele também age no sentido de fazer o indivíduo sentir-se negro e, assim possuir consciência dos problemas que o afligem. É esta característica que faz com que o movimento negro seja simultaneamente também um processo de construção de um grupo étnico.” - Cap. 3 - Movimento Negro: repercussões - In: Pinto, Regina Pahin. - *Movimento Negro em São Paulo: Luta e Identidade*, Tese (doutor.) FFLCH/USP, 1993, pág. 454.

sua identidade.

Acrescentam-se a isso as diferenças de vivência de identidade no meio negro. Essa diferença de vivência se deve à heterogeneidade (diferenças de classes, idade, formação escolar etc.) que caracteriza o meio negro. Encontramos negros em situações precárias bem como uma pequena parcela que poderia formar uma elite negra. Um negro que pertence a uma classe mais pobre e, por exemplo, participa do candomblé, tem uma forma de vivenciar a identidade diferente do que um negro de classe média. É fundamental, na concepção da autora, para o desenvolvimento do movimento negro, que o negro assuma sua identidade.

A formação de uma identidade pode levá-los a buscar elementos de uma cultura de raízes africanas. Se esse processo pode ser positivo num primeiro momento, na concepção da autora, esse fenômeno pode levar o negro a valorizar aspectos culturais que favorecem a percepção de sua cultura como exótica. Essa percepção está de acordo com o raciocínio de Antônio Cândido,⁵⁷ que coloca o perigo dos negros se organizarem a partir desses aspectos. Afinal tais práticas culturais nada podem fazer para reverter a situação social em que se encontram. Segundo Cândido, nossa sociedade possui uma influência predominantemente ocidental. É a cultura ocidental que detém os mecanismos da ciência, da organização política e por fim da dominação. É necessário que os negros dominem também a cultura ocidental mas nem por isso deixem de valorizar suas origens. Como bem caracteriza Cândido,⁵⁸ quando falamos de uma cultura brasileira falamos de uma cultura formada pela interação de várias outras que não estão separadas na realidade mas interagidas.

Regina Pahin Pinto discute também a viabilidade de se utilizar a cultura como uma estratégia de se marcar uma diferença. Essa estratégia esbarraria no problema de que a cultura negra já foi apropriada por uma população não exclusivamente negra. Pinto conclui que ainda existe um longo caminho a percorrer para que o movimento transforme a cultura numa linguagem capaz de mobilizar politicamente.

1.4 - Os anos 70: a formação do Movimento Negro Unificado

⁵⁷ CANDIDO, Antônio - A Faculdade no Centenário da Abolição - In: *Novos Estudos*, n° 34, 1992

⁵⁸ IBIDEM, pág. 29

Na década de 70 alguns fatores conjunturais iram propiciar uma nova força ao movimento negro. Em maio de 1978, em São Paulo, um trabalhador negro foi morto nas dependências do 44º distrito policial de Guaianazes. Soma-se a esse fato a expulsão de um grupo de atletas negros do Clube Tietê. Esses dois fatores irão desencadear a formação do Movimento Unificado contra o Racismo e Discriminação [(MUCDR), (Nascimento,1989)].

Fundado em dezoito de julho de 1978, o MUCDR fará sua primeira manifestação pública na escadaria do Teatro municipal de São Paulo no dia sete de julho do mesmo ano. Esta manifestação foi um ato público onde foi lida uma carta de princípios assinadas por várias entidades.⁵⁹ A partir de sua primeira assembléia, realizada no dia vinte e três de julho do mesmo ano, também em São Paulo, o movimento passou a se denominar Movimento Negro Unificado (MNU). O MNU se propõe a exercer o papel de direção e unificação do movimento negro no país. Segundo Nascimento, sua idéia chave era que a unidade das diferentes associações, grupos e tendências é de fundamental importância para a luta contra o racismo e a discriminação.

Analisando seu programa de ação fica claro que para este movimento a resolução dos problemas dos negros passa necessariamente pela sua organização e neste sentido a tarefa básica do MNU consistia na organização política da população negra enquanto forma de pressão sobre a sociedade.

O MNU colocava que a exploração e espoliação de certos grupos dentro da sociedade se dá em função do sistema capitalista:“ *O Movimento Negro Unificado entende que a ordem capitalista, por privilegiar a um sistema altamente explorador e mantenedor de desigualdades, não favorece resoluções que atendam as reivindicações da maioria da população.*”⁶⁰

⁵⁹ NASCIMENTO, Maria Ercília do - *A Estratégia da desigualdade: o movimento negro dos anos 70* - Dissertação de mestrado, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1989. Ver pág. 88 onde a autora coloca os nomes de catorze entidades e associações.

⁶⁰ MNU - Movimento negro unificado - Programa de ação.

Portanto a luta não se restringe só às aspirações da comunidade negra mas de todos os segmentos que de alguma forma estão sendo oprimidos. O problema do negro está inserido na exploração, que é fruto do sistema capitalista. O MNU tem como objetivo “...organizar a população negra em suas entidades, escolas de samba, terreiros de candomblé e umbanda, clubes recreativos, blocos afoxés e organizá-la nos sindicatos, associações de moradores, partidos políticos, nas prisões, na polícia e nas forças armadas.”⁶¹

O movimento também se propõe a denunciar através de documentos as violações dos direitos humanos dos oprimidos em geral e especificamente contra os negros. Pode-se perceber claramente, pelos princípios propostos, que o MNU tem um caráter universal pois não se limita aos problemas dos negros mas dos oprimidos de uma forma geral. Neste sentido ele pode ser caracterizado como um movimento politicamente relevante, conforme proposto por Clauss Offe⁶².

Também em sua primeira assembléia foi aprovada a criação dos centros de luta: “ grupos de negros organizados em seus locais de trabalho, bairros e favelas, escolas, para levarem a luta contra a discriminação racial.”⁶³ Seria a partir destes Centros de Lutas que se estruturariam comissões a nível municipal e estadual que permitiriam a eleição de uma Comissão Executiva Nacional. Nascimento coloca que esta primeira assembléia, realizada no dia 23/07/1978, contou com a presença dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e apoio de entidades negras da Bahia , Sergipe, Pernambuco e Alagoas.

⁶¹ IBIDEM, pág. 2.

⁶² A discussão de seu conceito de movimentos sociais e as implicações deste no trabalho ver Cap. I, item 1.1, pág.18 e 19.

⁶³ “Movimento Negro”. AFRO-LATINA-AMÉRICA, jornal Versus, nº 24, São Paulo, Setembro de 1978, p. 41. APUD In: NASCIMENTO, Maria Ercília do - *A Estratégia da Desigualdade: o movimento negro nos anos 70* - São Paulo: PUC, 1989.

A segunda assembléia do movimento ocorreu nos dias nove e dez de setembro de 1978 no Rio de Janeiro. O MNU reafirmou o combate à discriminação, ao preconceito e à violência policial. Segundo Nascimento, a assembléia tinha como objetivo organizar internamente o movimento, e além disso, buscava reorganizar a própria comunidade negra a partir de pontos específicos de luta. A terceira assembléia nacional ocorreu em Salvador, em quatro de novembro de 1978, contando com a presença de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia. Esta assembléia enfrentou problemas com os órgãos de segurança locais que acusaram o movimento de tentar ferir a lei Afonso Arinos. Decidiu-se que nos dias dois e três em São Paulo ocorreria a reunião preparatória para o segundo Congresso de Cultura Negra que seria realizada no Panamá em 1979. Também definiu-se o 20 de novembro como o “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Ainda no ano de 1978, no dia 25 de novembro, encerrando as comemorações em homenagem aos 283 anos da morte de Zumbi, foi realizado o I FECONEZU (Festival de Cultura Negra Zumbi), em Araraquara. O Evento foi promovido pela Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo. A organização deste evento coube ao grupo Gana de Araraquara e participaram vários grupos teatrais como o Vissungo (São Paulo), o Gana de Araraquara, Caramunga (Orlandia), Carapuça (São Carlos) e o Centro de Cultura e Arte Negra/CECAN (São Paulo). Neste festival foi lançado o primeiro número de “Cadernos Negros” pelo grupo Quilomboje. (Nascimento, 1989)

Nascimento destaca que o *Jornanegro*, um dos jornais da época, colocava que o saldo positivo deste primeiro festival foi o seu caráter de encontro e a constatação de que a comunidade negra necessitava se aproximar. O segundo FECONEZU foi realizado em 1979 em Ribeirão Preto.

Ainda segundo a autora, os anos de 1979 e 1980 foram marcados pelas comemorações do dia da Denúncia Contra o Racismo (13 de maio) e o da Consciência Negra (20 de Novembro). O terceiro FECONEZU ocorreu em São Carlos. Em 1979 ocorreu o primeiro Congresso Nacional do MNU que aprovou um programa que “*Defende melhores oportunidades de ensino, trabalho, emancipação social da mulher negra e exige uma autêntica democracia racial ; o programa inclui*

*ainda apoio à luta internacional contra o racismo e as questões gerais contra o arrocho salarial e falta de uma Constituinte livre, democrática e soberana.*⁶⁴

No dia 21 de setembro de 1980 ocorreu a assembléia estadual, em São Paulo, onde foi aprovado que o II Congresso Nacional seria realizado em abril de 1981, em Belo Horizonte. Para Nascimento, as resoluções do II Congresso se dividiram entre princípios norteadores do regimento interno, estatutos e assuntos relacionados a Assembléia Constituinte. Após este II Congresso a Comissão Executiva Nacional do MNU teve apenas mais um encontro. Neste encontro, ainda segundo Nascimento, o MNU pretendia definir uma linha política clara e ao mesmo tempo próxima das entidades das quais pretendia ser a direção política. Mas neste encontro não se conseguiu definir um projeto político capaz de abarcar as diversas entidades culturais e com isso o MNU acabou por se afastar delas.

A organização de diferente entidades, associações e tendências, aparece para Nascimento, como a questão central do Movimento Negro Unificado. Além disso, a autora coloca que na década de 70, os movimentos do meio negro passam a conceber a cultura negra ou afro-brasileira com um significado diferente dos movimentos do passado. Através de peças de teatros, músicas ou danças procura-se atrair membros da população negra. Nessas manifestações de ordem cultural são inseridas questões de fundo político, propiciando um debate após o seu final. Dessa forma fica mais fácil atrair mais pessoas, que se fossem chamadas para discutir racismo e preconceito, de uma forma direta, talvez se sentissem constrangidas.

Tal opinião é compartilhada por vários dos militantes que eu entrevistei. A cultura, para muitos deles, pode ser uma linguagem eficaz para atrair pessoas. Se as pessoas fossem convidadas para discutir política ou racismo, certamente elas não iriam, dizem eles. Muitas dessas pessoas passam o dia todo trabalhando e no final do dia estão cansadas, não se dispendo a discutir tais assuntos. Neste sentido a cultura aparece como uma forma de atração ou como um recurso para discutir problemas enfrentados pelos negros no seu cotidiano.

⁶⁴ 'MNU Assegura Vitória'. TIÇÃO, Porto Alegre, Ano I, Outubro, 1980. APUD.In: NASCIMENTO, M. E. do - *A Estratégia da Desigualdade: o movimento negro nos anos 70* - São Paulo: PUC, 1989.

As entidades que surgiram na década de 70 procuram se organizar através do viés cultural- educativo, tentando estabelecer a criação de uma linguagem artística por meio de música, dança e teatro. Nascimento cita peças como “Ogira” e “E agora falamos nós” respectivamente de Tereza Santos e Eduardo Oliveira e Oliveira, como manifestação deste fenômeno. “ *Com marcada ênfase educativa e cultural se sobressaem o grupo de Divulgação da Arte e Cultura Negra (Gana) de Araraquara, Teatro Zumbi de Santos, Grupo Rebu, posteriormente Congada de São Carlos, além do já citado, Grupo Evolução de Campinas. Ainda merecem destaque o Grupo Vissungo de São Paulo e o Quilomboje, também de São Paulo, formado desde 1978 e dedicado a divulgação da prosa e poesias negras.*”⁶⁵ A formação do Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN) de São Paulo além do Instituto de Pesquisas da Cultura Negra (IPCN) do Rio de Janeiro sintetizariam esta nova visão de movimento.

Esta nova visão de movimento, de que fala Nascimento, é muito parecida com as propostas defendidas pelo Centro Popular de Cultura que funcionou entre 1962 e 1964 na sede da União Nacional dos Estudantes no Rio de Janeiro (Ortiz, 1994). Segundo Ortiz, Carlos Estevam, um dos teóricos do Centro Popular de Cultura, considera a “cultura popular” como uma forma de “consciência” que “deságua” numa ação política.⁶⁶ “*O conceito de cultura popular se confunde, pois, com a idéia de conscientização; subverte-se desta forma o antigo significado que assimilava a tradição à categoria de cultura popular.*”⁶⁷ A “cultura popular” para Ortiz, passa a ser vista como um projeto político que utiliza a cultura como elemento de sua realização. Como foi dito anteriormente, nessa nova visão de movimento negro, é através de manifestações culturais que se procurará atrair a população negra e discutir os seus problemas inserindo questões de fundo político.

⁶⁵ NASCIMENTO, M. E. do - A estratégia da Desigualdade: o movimento negro nos anos 70. - São Paulo: PUC, 1989. pág.92

⁶⁶ ORTIZ, Renato - *Cultura Brasileira e identidade nacional* - 5º ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994. pág. 71 e 72.

⁶⁷ IBIDEM pág. 72.

Cap. 2 - As Organizações negras em São Carlos

2.1 - O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio foi fundado em 04 de maio de 1928. Essa associação se originou de um grupo de trabalhadores da Companhia Paulista (Fepasa). *“...É interessante notar que estas entidades se formam e constróem sede dentro de um regime de cooperação. Em todas as cidades do interior paulista onde existe ferrovia, estas sociedades apareceram, sendo um traço marcante o engajamento de ferroviários na organização destas.”*⁶⁸ Segundo o depoimento de duas sócias⁶⁹ fundadoras no início o clube era quase que exclusivamente formado por pessoas que trabalhavam na Companhia Paulista: *“...esses fundadores, todos eram empregados da paulista, pediram material, material fino, bom, para conseguir, veio tudo quanto era material....”*⁷⁰

Esses funcionários da Companhia Paulista eram considerados na cidade como uma elite negra⁷¹. Veja no depoimento de uma das sócias:

“...não existe aquela hipocrisia que existia antigamente, o negro de gravata, terno, era posudo era o tal, hoje não tem mais isso, hoje está bem mais liberal, porque na época quem era empregado da Paulista, da Ferrovia, Virgem Maria! aqueles lá...então meu Deus do céu, eram tudo na cidade, separado, era separado, já isso naquela época, hoje não tem mais, você veja como já mudou, hoje é tudo igual,...naquela época o pessoal da Paulista não se misturava, na época tinha aqui a engenharia, então os negros que trabalhavam aqui eram diferentes dos outros, como tinha essa parte, então os funcionários da ferrovia não se misturavam com outros, o crédito na cidade tinha para eles, para outros não tinha, falava que trabalhava na Paulista, estava tudo fácil e outras pessoas já não tinha.... na época o melhor

⁶⁸ CUNHA JR., Henrique - *Textos para o movimento negro* - São Paulo: Edicon, 1992, pág. 25

⁶⁹ Depoimento concedido por Dona Leontina Lopes e Dona Anésia Cunha colhido em março de 1997 por mim e Silvana Donatoni.

⁷⁰ IBIDEM.

⁷¹ Elite negra no sentido de pessoas que conseguiam garantir aos seus familiares patamares mínimos de

emprego que tinha era na paulista... .”

Ainda, segundo depoimento de Dona Leontina e Dona Anésia, além do material doado pela Companhia, a prefeitura doou uma antiga casa para ser desmanchada e com isso poder se aproveitar os tijolos: *“...os tijolos não, foi uma casa velha que o Luizão deu e eles desmancharam para aproveitar, aproveitou os todos os tijolos, naquele tempo, naquele tempo a Paulista ajudou muito, foi no nome desses empregados. ...”*

A idéia de se criar um clube nasceu da necessidade dessas pessoas de terem um lugar para se encontrar e principalmente uma sociedade onde pudessem se divertir.

“Foi exatamente a 4 de maio de 1928 que foi fundado o Grêmio Recreativo Familiar Beneficente Flor de Maio. Homens e mulheres do povo queriam se organizar, ter o seu local de lazer, centro social que os reunisse, território somente deles. Ali fariam as suas festas, comemorariam suas alegrias, mas também, compartilhariam em comum agruras e tristezas.”⁷²

Segundo Dona Leontina Lopes, a sociedade foi criada: *“...para ter um lugar para as pessoas se divertirem, sociedade própria e cada um na sua... .”* Dona Anésia também colocou que o clube propiciava *“...alegria, divertimento, a gente estava lá, estava entre os parentes, eu ainda com toda minha idade, eu gosto de ir lá prá reencontrar... .”⁷³* Segundo Clóvis Moura⁷⁴, o clube Flor de Maio nasceu como outros do gênero, ou seja, como uma resposta à impossibilidade da comunidade negra poder ingressar em clubes ou outras organizações da sociedade. Note-se que no depoimento de Dona Leontina ela ressalta a necessidade de uma sociedade própria e “cada um na sua”.

sobrevivência e também lazer.

⁷² *A Folha*, São Carlos: 2 de março de 1973, pág 06.

⁷³ Depoimento concedido por Dona Leontina Lopes e Dona Anésia Cunha colhido em março de 1997 por mim e Silvana Donatoni.

⁷⁴ MOURA, Clóvis - *Sociologia do Negro Brasileiro* - São Paulo: Ática, 1988. Conforme nota 10 pág.149.

Ainda nesse depoimento observa-se que a construção desse clube se deu com muito sacrifício “...então conseguimos fazer com todo sacrifício e muita labuta e pra trabalhar, eles trabalhavam, saiam do serviço as duas horas e a gente de casa mandava lanche, uma comida.... .”

Segundo o Livro ata, no dia 15/11/48 foram realizadas as solenidades da pedra fundamental da construção da entidade.

“...o Exmo. Sr. Prefeito Prof. Luiz Augusto de Oliveira, DD. Prefeito Municipal, que em palavras brilhantes e cheias de entusiasmo enalteceu a raça preta são-carlense e prometeu que dentro de suas possibilidades como governador de nossa São Carlos, tudo irá fazer para que não fique só no lançamento da primeira pedra, mas sim, que dentro em breve torne realidade o término do projeto de construção da sede própria do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio. ...”⁷⁵

O terreno foi doado por lei pela Câmara Municipal de São Carlos. A construção desta sede exigiu muitos sacrifícios pois o clube sempre teve dificuldades financeiras devido a falta de pontualidade nas mensalidades de muitos de seus sócios. Entre 1948 e 1952, nas assembléias, repetem-se apelos para que se concretize o ideal de uma sede própria. Pelas atas não foi possível saber quando foi a inauguração da nova sede mas é a partir de 9 de março de 1953 que começou a aparecer no livro de atas o endereço atual da entidade. Transcorreram-se aproximadamente quatro anos entre o ideal e a concretização do mesmo. Este fato demonstra quanto sacrifício e trabalho tiveram seus membros.

Em 1949 o clube lançaria o primeiro concurso na cidade para eleição da primeira rainha negra de São Carlos. Um fato interessante é que esta coroação foi feita pela rainha do São Carlos Clube. Este fato do ponto de vista simbólico pode atestar o que Florestan Fernandes narra dos primeiros movimentos do meio negro, ou seja, a necessidade destes movimentos de buscar a valorização do negro comparando-o com o branco.

⁷⁵ Livro de Ata, 15/11/48, pág.27

Quanto ao nome do clube nem Dona Leontina e Dona Anésia sabiam informar com precisão o porque do nome Flor de Maio, mas ambas acreditam que este nome se deu em função do clube ter sido fundado em maio. Segundo Clóvis Moura o nome flor se deveu ao fato de “...somente aqueles negros que fossem flores poderiam neles ingressar.”⁷⁶ Somente pessoas de bom caráter, trabalhadoras e que tivessem um comportamento exemplar poderiam ser sócias; de alguma forma, ao clube, pertenciam o que se poderia caracterizar como uma elite negra da cidade.

O movimento de fundação do clube se assemelha aos movimentos negros do início da década de 20 descritos por Florestan Fernandes. Tais movimentos tinham como objetivo ressocializar⁷⁷ o negro e tentar eliminar as imagens do negro associadas a vadiagem e malandragem. O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio também se organizou dessa forma e nos seus bailes havia muito disciplina e só participavam pessoas que estivessem vestidas de acordo com a ocasião:

*“ era o lugar mais respeitado que tinha, era ali mesmo, outras sociedades de brancos que tinha aí, quando acontecia de ir lá via a disciplina como é que era, não tinha aquelas coisas, a maldade, aproveitar....eu era diretora das mulheres, precisava a gente olhar até como as mulheres sentavam...em ordem, de qualquer jeito não entrava lá, tinha que tá em cima da pinta, quem não tinha meio não ia,...., poderia ir mas não podia tomar parte, negócio de tênis sujo, nada disso, tudo ali em ordem ...”.*⁷⁸

Ao analisar o primeiro estatuto do Clube aprovado em 04 maio de 1932 observa-se que o clube foi montado em função da população negra da cidade. Veja o que diz sobre a composição do clube: “..é composto de pessoas de cor, sem número limitado, não havendo distinção de sexo ou posição social.” Segundo o

⁷⁶ IBIDEM.

⁷⁷ Para Florestan Fernandes o negro não estava preparado para se integrar na sociedade pós-abolição. A herança sócio-cultural da senzala associada à pauperização do seu meio social geravam anomia no seio desta população. Suas noções de trabalho ainda estavam fortemente marcadas pela experiência da escravidão. Com isso ele tinha dificuldades em se adaptar em qualquer tipo de trabalho e aceitar qualquer tipo de disciplina ou controle. Além disso, o trabalho passa a ser realizado esporadicamente apenas para garantir o sustento por um determinado tempo. O negro também possuía dificuldades em ter uma família estável fator que também acarretará problemas em sua adaptação a sociedade pós-abolição. Neste sentido, os primeiros movimentos sociais que surgem no meio negro tem o objetivo de ressocializar no negro, ou seja, adequá-lo aos requisitos psicossociais necessários ao trabalho livre e romper com o ciclo vicioso entre pauperização e herança sócio-cultural da senzala.

⁷⁸ Depoimento concedido por Dona Leontina Lopes e Dona Anésia Cunha colhido em março de 1997 por mim e Silvana Donatoni.

depoimento das duas fundadoras (Dona Leontina Lopes e Dona Anésia Cunha) os brancos podiam participar, mas raramente participavam. Naquela época cada um participava em sua sociedade, sendo que os italianos freqüentavam o Ítalo, somente no carnaval havia alguma interação, mas fica claro em seu depoimento que cada um devia ficar no seu clube *“...cada um fazendo a sua sociedade, vinham visitar no tempo do carnaval, até o São Carlos Clube ia, com a turma deles, a turma nossa ia lá....”*

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio constitui-se na cidade como um clube de negros. Nesse sentido é de suma importância o seu aparecimento e desenvolvimento. Sua origem e construção já dá uma referência positiva à população negra da cidade quanto a sua capacidade de organização e além disso propiciará terreno para criação de uma identidade negra na cidade. Silva⁷⁹, ao analisar o black soul coloca a importância que têm essas reuniões festivas para a formação de uma identidade. Talvez essa análise possa ser elucidativa no caso do Flor de Maio:

“ No meu entender, o fato dessas pessoas serem negras em sua maioria, e estarem reunidas em um mesmo lugar, ainda que por algumas horas, pode ter um sentido de resistência, e um significado importante para conscientização do negro....Existe sim um vínculo muito forte unindo essas pessoas, existe uma identidade que, se foi descaracterizada como racial ao longo da história, permaneceu pelo fator cor que é indisfarçável. Se pessoas negras se reúnem no mesmo local com uma certa constância, é de se entender que estão buscando uma identificação entre si por algum motivo, e acabam dando a esses encontros um caráter de resistência ainda que inconsciente, contra uma situação de exploração que é comum a todas. Neste momento cada indivíduo reconhece no outro um seu igual, (todos são negros e estão procurando a mesma coisa) e esta situação de estar junto tem para o negro um conteúdo muito grande que vai além do fato de dançar.”⁸⁰

Quanto aos objetivos que se propunha o clube:

“procurar o engrandecimento da raça negra no Brasil, promovendo e iniciando sua

⁷⁹ SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da - “Black soul” : Aglutinação espontânea ou identidade étnica - uma contribuição ao estudo das manifestações culturais no meio negro.- In: Ciências Sociais Hoje, nº2, ANPOCS, 1983.

educação moral, social e intellectual; ter na séde com salão de leitura, bibliotheca publica ou privada, facultativa a visitantes e pessoas estranhas ao quadro de associados; manter café, reunião de sócios e convidados, bem como organizar divertimentos lícitos, assignar jornaes e revistas, comemorar os dias de festas nacionaes nomeadamente 13 de maio, 28 de Setembro, 15 de novembro; crear um curso escolar nocturno ou diurno se assim for possível para instrucções dos sócios e seus filhos menores até a idade de 12 annos, e podendo continuar desta idade em diante, porém sendo socios, e finalmente creando fundo de beneficencia, auxiliando os seus associados em caso de doenças, processos que não sejam legaes, enterramentos o outros beneficios que a ocasião determinar.”⁸¹

Observa-se que pelos objetivos existia uma nítida preocupação com atividades sócio-educativas. Ou seja, a busca de uma ressocialização do negro que o levasse efetivamente a se integrar à sociedade. As propostas do Flor de Maio eram bem similares ao da Frente Negra que buscavam: “união política e social da Gente Negra Nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude de sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos, atuais, na Comunhão Brasileira”⁸². Como bem caracterizou Florestan Fernandes os primeiros movimentos sociais do meio negro tinham uma extrema preocupação com a educação desta população, pois seria através dela que o negro superaria a situação que se encontrava. A preocupação com a educação levou o Flor de Maio a criar uma escola de ensino primário. Em ata de 20/07/1934 o presidente da Assembléia colocava que as aulas no Flor de Maio iriam começar no dia primeiro de outubro do mesmo ano. Em uma ata de 24/01/ 36 foi lido um ofício da prefeitura participando que havia nomeado um professor para o curso noturno que reiniciaria as aulas após o termino das férias. Nas atas foram encontradas poucas alusões à escola, não foi possível saber com precisão a data do seu início e do seu fim e muito menos o porquê desse término.

⁸⁰ IBIDEM. pág. 255

⁸¹ Estatutos do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, aprovado em Assembléia geral extraordinária, em 04 de maio de 1932. pág. 3

⁸² Transcrições do estatuto da Frente Negra, APUD. FERNANDES, F.- *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* - Vol. 2, 3 ed. , São Paulo, 1978. pág. 46. (A discussão sobre os objetivos e propostas da Frente Negra é feita com maiores detalhes no item 1.3 deste trabalho, especialmente, entre as páginas 35 e 37.)

“Clubes fundados entre o início e meados deste século, que hoje são apenas sociedades dançantes a exemplo do Flor de Maio, em São Carlos-SP, ou do José do Patrocínio e Luiz da Gama, respectivamente em Rio Claro e Jundiá-SP, eram organizações que tinham um projeto de melhoria de vida e de oportunidades para as populações negras. Prova deste esforço estava no fato de que estas entidades procuravam formar escolas de ensino primário ou profissionalizante, organizar grupos de teatros e bibliotecas.”⁸³

Na entrevista realizada com Dona Leontina Lopes e Dona Anésia Cunha perguntei sobre outras atividades do clube, além dos tradicionais bailes, e, segundo as duas houve uma época em que existiu uma escola que ensinava a ler e a escrever. Esta escola não era exclusivamente dedicada aos negros: “...mas teve uns tempos que até a professora dava aulas aí numa sala, ...não pra raça negra, pra todas crianças, aquelas crianças misturadas.. .”

Segundo o depoimento de uma ex-professora, Dona Gabriela Zanollo, a escola começou a funcionar em 1937, ano em essa professora foi nomeada para a escola. A prefeitura cedia a professora enquanto o Flor de Maio cedia uma sala e fazia a sua manutenção. Esta professora lecionou na escola por oito anos e não sabe com precisão até quando a escola funcionou e nem porque terminou. A escola do Flor de Maio:

“ ..foi uma escola muito boa, eu gostei demais, a gente boa, eles varriam aquela sala, deixavam tudo na perfeição,..tratavam de tudo. Foi muito bom....eram uns 38, mais ou menos,...era uma de manhã e uma à tarde..o Flor de Maio que dava a sala para nós, de graça. A prefeitura não pagava, eles davam de graça e punham as professoras lá. Então a gente arrebanhava todas aquelas crianças da redondeza e nós ensinávamos .”⁸⁴ Segundo Dona Gabriela, os alunos eram todos de origem humilde mas também havia pessoas que “podiam”.

A escola desenvolvida pelo Flor de Maio não se voltava somente para a comunidade negra mas para todas as pessoas, independentes de serem ou não negras. Esta concepção desenvolvida pelo Flor de Maio foi de extrema importância na medida em que tentava solucionar um problema que era geral e não somente

⁸³ CUNHA JUNIOR, Henrique - *Textos para o movimento negro* - São Paulo: Edicon, 1992. pág.71

específico a comunidade negra. É só através da busca de demandas gerais que um movimento será capaz de aglutinar vários grupos sociais ao seu redor e com isso tornará mais fácil a resolução dos seus problemas. Apesar das duas fundadoras não se lembrarem de outras atividades, em julho de 73 o clube promoveria um ciclo de conferências sobre a situação do negro na sociedade brasileira. Três temas foram propostos: 1) Transição de escravo a cidadão; 2) Marginalização do negro no mercado de trabalho; 3) A situação da mulher negra. Logo após a apresentação dos temas havia um debate entre os participantes.⁸⁵

Quanto aos divertimentos, o documento ressalta que “devem ser lícitos”. Nota-se uma preocupação com o comportamento de seus associados, o que demonstra claramente a preocupação do clube quanto à imagem dos seu associados. Este fato fica bastante claro no artigo 12º:

“Os sócios que faltarem ao devido respeito na sede, que desobedecerem, que promoverem desordem, anarchia nas reuniões e sessões, nas assembléias ou que se portarem escandalosamente fóra do gremio, merecendo censuras publicas, que forem presos ou processados por crimes infames, serão eliminados nos termos de estar sujeitos à eliminação e ao que respeito predispõe estes estatutos.”⁸⁶

Interessante também notar a importância que as datas oficiais como o 13 de maio e o 28 de setembro representavam para os negros desta época. Existe também uma preocupação assistencial, passados pouco mais de 40 anos após a abolição fica claro que o negro se sentia “desprotegido” com relação às instituições da sociedade pós-abolição.

A estrutura organizativa: pelo estatuto o Grêmio estaria composto por uma diretoria formada pelo presidente e vice-presidente, dois secretários, um tesoureiro, um procurador, um fiscal geral e um mestre de sala. Essa diretoria era eleita a partir de um conselho formado pelos sócios com suas obrigações em dia. Além dessa estrutura havia uma comissão de sindicância formada por três membros que tinha como função o estudo de propostas para ingresso de novos sócios. Para ser admitido como sócio era necessário a indicação por outros sócios. Havia também

⁸⁴ Depoimento prestado por Dona Gabriela Zanollo em junho de 1997.

⁸⁵ *A Folha* - São Carlos, 11 de julho de 1973, pág. 10

⁸⁶ Estatutos do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, aprovado em Assembléia Geral Extraordinária, em

um fiscal de sala que era o responsável pela manutenção da disciplina no salão.

A diretoria da entidade só poderia ser ocupada por pessoas que não fossem analfabetas. Este preceito estava disposto no artigo 46°. O segundo estatuto data de 1952, o seu conteúdo é o mesmo apenas foi homologado em cartório em 15 de abril de 1952.

O estatuto só foi modificado em dezembro de 1974 e ao que parece pelas informações obtidas permanece o mesmo a partir desta data. Diferentemente do anterior no primeiro artigo não se fala mais que o clube é composto por pessoas de cor "...é composto de sócios sem número limitado, não havendo distinção de sexo, raça ou credo político."⁸⁷ Modificam-se também os objetivos, sendo estes não mais especificamente ligados à comunidade negra:

" A - Incentivar entre os associados a cultura intelectual, física e artística;

B - Propiciar aos associados e suas famílias, festas, reuniões, excursões, conferências e jogos recreativos;

C - Manter uma biblioteca destinada aos associados, para consultas, podendo frequentá-la visitantes autorizados pela diretoria."⁸⁸

No capítulo II deste estatuto há uma classificação dos tipos de sócios que pertencem ao clube. Existem quatro categorias que são os sócios: fundadores, contribuintes, beneméritos e honorários. As duas últimas continuaram pois no estatuto de 1932 essas categorias já existiam. Os chamados contribuintes correspondem ao antigo sócio efetivo que havia no outro estatuto. No antigo estatuto também havia a categoria de sócio correspondente que eram pessoas que residiam fora mas que prestavam ou tinham prestado serviços ao clube.

No novo estatuto a Assembléia Geral passou a ter o poder soberano. Em seguida, em ordem decrescente, de poder vem o conselho deliberativo que funciona como órgão legislativo, a diretoria como órgão executivo e o conselho fiscal como órgão fiscalizador. O mandato da diretoria como do conselho deliberativo e conselho fiscal tem a duração de dois anos. Nenhum dos cargos ocupados é remunerado, conforme estabelece o Artigo 9° do estatuto.

04 de maio de 1932. Grifos meus. pág. 06

⁸⁷ Estatuto do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio - São Carlos: Registro de Títulos e Documentos da Comarca de São Carlos, 1974.

O Conselho Deliberativo é formado por 20 membros escolhidos através do voto direto entre os associados e é deste conselho que são eleitos o presidente e o 1º secretário. A partir de então o presidente escolherá as pessoas que preencherão os outros cargos da diretoria.

Existe um artigo (número 53) no estatuto que coloca que a entidade é neutra em termo de questões de política e religião e que o Grêmio não admitirá em seu seio tais polêmicas. Apesar deste artigo, o grêmio possuiu um papel importante em casos de discriminação, como o que ocorreu em 1995, quando uma menina foi impedida de freqüentar a escola por ser negra. Este caso será descrito com maiores detalhes no item III deste capítulo. A passeata de protesto contra a discriminação sofrida pela garota partiu da frente do Flor de Maio.

O Grêmio Recreativo Flor de Maio acabou se tornando uma referência dentro da cidade. Quando se fala em Flor de Maio na cidade de São Carlos as pessoas o associam a um clube ligado à comunidade negra. As outras duas entidades possuem entre seus dirigentes descendentes de antigos diretores e fundadores do Clube e alguns desses novos militantes ressaltam a importância que o clube teve na vida deles. Desde pequenos freqüentavam o Flor de Maio com suas famílias e pode-se constatar que o clube foi criando terreno para formação de uma identidade negra nessas pessoas.

Outros clubes no interior de São Paulo também tiveram importância na vida das famílias negras. Barbosa⁸⁹ em sua dissertação de mestrado, procurava esclarecer se no processo de socialização dos filhos, as famílias negras possuíam mecanismos socializadores e especiais que preparassem a criança negra para um mundo onde seria discriminada. Para executar tal pesquisa escolheu um grupo de famílias que compunha o Clube Cultural e Recreativo de Campinas.

Os elementos que freqüentavam este clube de Campinas seriam os que forneceriam dados relativos aos mecanismos de socialização da família. Os negros que eram sócios deste clube eram considerados negros de elite. Segundo a autora, na formação histórica de Campinas se encontravam tradições ligadas ao passado

⁸⁸ IBIDEM.

⁸⁹ BARBOSA, Irene Maria Ferreira - Socialização e Relações Raciais: um estudo de famílias negras em Campinas - Dissertação de Mestrado, USP, 1978.

escravista e isso se refletiu por muito tempo nas relações entre brancos e negros na cidade. Este reflexo era percebido pelo maior ou menor número de manifestações organizadas por negros. Dessas manifestações surgiram várias associações recreativas, que, segundo a autora, assumiram importância especial na vida dos negros de Campinas, pois frequentar clube de brancos na cidade era quase impossível. Este tipo de análise pode ser aplicada no caso do Flor de Maio. Segundo Barbosa, o clube propiciava às famílias que o compunham um tipo de sociabilidade importante: “ *A sociabilidade propiciada pelo clube desempenha um papel muito importante na vida das famílias que podem frequentá-lo e desfrutar um tipo de convivência com pessoas que têm os mesmos problemas*”⁹⁰.

Este tipo de sociabilidade, vai criando o ambiente possível para discussão dos problemas que afetam o negro, e além disso, pode ser que o clube crie laços de solidariedade entre as pessoas. Para Barbosa, o baile tem também importância fundamental, porque é o único momento em que, entre iguais, não são discriminados. Na análise desta autora o clube assume importância fundamental na vida das famílias que frequentavam:

⁹⁰ IBIDEM. pág. 04

“O clube, como uma entidade recreativa, reúne as famílias negras em um ambiente onde são fornecidas muitos modelos adultos, onde as crianças pequenas entram em contato com outras crianças sem que haja necessidade da superproteção familiar, pois estão entre iguais. É o mundo de negros, onde os poucos momentos de reunião podem ser desfrutados naturalmente, sem vigilância contínua. Os passeios e jogos promovidos pelo clube ampliam o horizonte desse mundo de negros, colocando-se em contato com outros mundos de negros, ultrapassando os muros do clube, dando oportunidade aos jovens de participarem de atividades semelhantes às dos brancos de classe média.⁹¹”

Em sua dissertação Barbosa concluiu, que não há uma coerência entre as famílias de “elite cultural” negras sobre como preparar as crianças para as relações “raciais” que irão enfrentar. Apesar disso, a nova família de hoje, distinta das gerações passadas possui maiores recursos culturais graças aos caminhos abertos pelas gerações anteriores. Para Barbosa, esse fato irá refletir no processo de socialização, e os novos chefes de famílias têm um distanciamento maior das atitudes acomodadoras tão enraizadas nas famílias negras. Com isso, esses chefes estão conseguindo mudar a feição da família negra, pois dispõem de recursos para preparar as crianças para se assumirem enquanto negros que devem viver num mundo onde serão discriminados. O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio pode ser analisado da mesma forma. As famílias que compuseram o clube no início e o fundaram, em sua maioria eram de ferroviários que garantiam aos seus filhos patamares de sobrevivência. Dessa forma, se comparadas com a maioria de outras famílias negras, poderiam ser consideradas como componentes de uma elite negra da cidade. Muitos de seus filhos cresceram freqüentando o clube e muitos desses irão compor o Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada e o Centro Cultural Negro Municipal. Portanto o Clube teve uma função de grande importância para formação e desenvolvimento do movimento negro na cidade.

⁹¹ IDEM. pág.70

2.2 - O Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada

Segundo um planfeto intitulado “Centro de Cultura Afro Brasileira Congada”, esta entidade foi fundada em 14 de Abril de 1976, *“originária do grupo de teatro “Rebu” que através de peças teatrais levava à tona a problemática do negro na sociedade, para que através das discussões surgissem formas mais avançadas de trabalho que comprometessem um maior número de pessoas na comunidade negra.”*⁹² Para Cunha Jr.⁹³, intelectual e militante do Congada, os grupos teatrais tinham a função de conscientizar a população negra, apresentar o negro como ator e propiciar uma revisão histórica de sua situação. Ainda segundo o autor, a maioria dos grupos militantes possui um grupo de teatro e muitos desses grupos se confundiam com a atividade teatral.

De acordo com este folheto o grupo teatral Rebu existia há aproximadamente 4 anos e sua primeira peça foi a “Rebelião de 1830”. *“O grupo de teatro Rebu de São Carlos (grupo que deu origem ao Centro de Cultura Afro-brasileira Congada) teve na apresentação da peça “Rebelião de 1830” 28 pessoas em cena.”*⁹⁴

Segundo o depoimento de um ex-integrante do grupo Rebu, o grupo teatral nasceu dentro do Flor de Maio, que para ele está na origem do Centro de Cultura Afro-brasileira Congada e do Centro Cultural Negro Municipal:

⁹² “Centro de Cultura Afro Brasileira Congada” - panfeto distribuído sobre o 4º aniversário do grupo em 1980.

⁹³ Cap. IV - Teatro Negro Paulista 1970 - 1980. In: CUNHA JR., - *Textos para o movimento negro* - São Paulo: Edicon, 1992.

⁹⁴ IBIDEM. ver pág. 59

“Muito embora a origem dessas entidades basicamente foram do Flor de Maio, tudo nasceu ali... eu não diria que muitas das entidades nasceram, eu diria que as duas entidades praticamente nasceram ali dentro...Por que esse Rebu era na verdade um grupo de amigos que a gente tinha e a gente montou um bloco de carnaval, tal. E como na época passava essa novela o Rebu, era um nome que estava bastante em evidência, a gente colocou o nome no grupo de Rebu. E aí como juntou uma turminha ali que a gente tinha, tinha algumas idéias assim de comunidade. E dali desse grupo de carnaval começou a idéia de se fazer um trabalho. Aí a gente tinha alguns amigos que estavam estudando aqui, tal e que também faziam parte do movimento negro em São Paulo, tal. Então eles incentivaram a gente e a gente conseguiu montar uma peça de teatro. ...Depois do Rebu saíram algumas pessoas que faziam parte do grupo se reuniram à gente ali, depois por A ou por B também se separaram e tal e fundaram o Congada....porque você vê o pessoal do Centro cultural na época que a gente montou esse grupinho que chamava o Rebu, nos disputávamos carnaval, bloco de carnaval, com a Maria de Lourdes. Que a Maria de Lourdes ela é presidente do Centro Cultural...Então quer dizer a origem é basicamente foi tudo ali. ...Talvez se a gente não tivesse não tivesse um local para se reunir, estaria disperso na cidade cada um num canto.”⁹⁵

Em janeiro de 76 o Rebu, promoveria o I Encontro de Entidades Afro-brasileiras com a participação de vários grupos: grupo de teatro Evolução de Campinas, Centro Comunitário Afro-Brasileiro de São Paulo, Grupo Zumbi de Santos, Instituto de Pesquisas Negras do Rio de Janeiro, Centro de Estudos Brasil África do Rio de Janeiro; este encontro tinha como finalidade um maior intercâmbio entre estas entidades.

⁹⁵ Depoimento concedido por Benedito da Silva em junho de 1997.

“A movimentação dos grupos teve o ápice no ano de 75 e 76, quando parecia que ia deslanchar. Neste ano, foi realizado por iniciativa do grupo de São Carlos (SP) uma primeira reunião inter-grupos e inter estadual na tentativa de fincar bases para o desenvolvimento futuro. A esta duas seguiram-se duas outras no Rio de Janeiro e em Rio Claro (SP).”⁹⁶

Ainda, segundo o folheto, o grupo Rebu era pequeno e já não conseguia congregiar um número de pessoas suficientes para atender os interesses de toda comunidade negra são-carlense. Em função desta constatação foi fundado o CECON (Centro de Cultura Afro Brasileira Congada).

“ A partir daí o grupo passou por uma reestruturação, sendo registrado como entidade, contando com departamentos cultural, teatral e recreativo e esportivo, sendo registrado como entidade, já com o nome de Centro de Cultura Afro-brasileira Congada, sendo reconhecido como de utilidade pública.”⁹⁷

No dia da sua fundação em 14 de abril de 1976, houve a posse da diretoria, do Conselho Deliberativo, do Conselho Fiscal e aprovação dos estatutos. Nesta época sua sede era localizada na rua Sete de Setembro, 2741. Forma-se uma diretoria provisória que teria mandato até 14 de abril de 1978. Foi eleito como presidente da entidade Ismael Antônio Freire. Na história da entidade percebe-se a preocupação de sua sobrevivência financeira, fato que se manifesta claramente na preocupação dos seus membros na manutenção de uma sede própria. Na assembleia de 08/05/76 já se manifestava a necessidade de cooperação financeira dos membros para as despesas iniciais.

A questão cultural é uma preocupação constante da entidade. Numa assembleia realizada no dia 17/06/76, o grupo decidiu pela criação de uma biblioteca, que teria a finalidade de auxiliar as pessoas no estudo de culturas Afro-brasileiras. Outra preocupação que aparece com frequência é como o grupo poderia ter uma maior penetração na comunidade negra são-carlense.

Ainda em 76, o Congada realizaria uma viagem a Poços de Caldas, com o objetivo de apresentar a peça teatral “Carapuça” e também manter contato com o

⁹⁶ Cap. II - Abordagem dos movimentos negros na década de 70 - In: CUNHA JR., H. - *Textos para o movimento negro* - São Paulo: EDICON, 1992. pág. 26.

⁹⁷ “Centro de Cultura Afro Brasileira Congada” - panfleto distribuído sobre o 4º aniversário do grupo em 1980.

grupo Chico Rei. Entre os dias 12 e 19 de dezembro do mesmo ano, o Congada promoveria a 1º Semana do Negro na arte e na cultura, em homenagem a Zumbi.

“ A Semana do Negro tem como objetivo levantar estes fatos, divulgar a história e cultura do negro, incentivar artistas negros em qualquer ramo artístico e cultural, de modo a proporcionar na comunidade maior interesse pela expressão artística e cultural e pela história do povo afro-brasileiro. É uma homenagem aos 281 anos da morte de ZUMBI DOS PALMARES, o único herói negro não proposto pela história convencional, o maior e mais autêntico líder negro, defensor da liberdade e auto-determinação do nosso povo.”⁹⁸

Esta semana contou com vários eventos, foram apresentadas as peças “Ganga Zumba” e “Carapuça” pelo Congada. Além disso foi apresentado o filme “O negro na cultura brasileira”. No final dessas apresentações sempre ocorriam debates sobre a problemática do negro na sociedade.

Em 1977 a peça “Carapuça” é apresentada aos calouros da UFSCar e comemora-se o primeiro aniversário da entidade. Nesta comemoração além do Congada havia participação de outras entidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Este fato foi noticiado duas vezes pelo jornal “A Folha” nos dias 13 e 14 de abril⁹⁹.

No dia 15 de agosto de 78 ocorreria a eleição da nova diretoria, sendo eleitos: como presidente Célia Aparecida Pereira, vice-presidente Joaquim dos Santos, Nilson Casimiro Pereira como tesoureiro e Maria Antônia D’Arc Maciel na diretoria cultural. Entre as principais propostas da diretoria encontrava-se a tentativa de obtenção de uma sede social.

A entidade não se limitava somente à atividades na esfera local e com isso participava de vários eventos que ocorriam em outras cidades. Em setembro de 1978 começavam os primeiros preparativos para a participação da entidade no I FECONEZU (Festival Comunitário Negro Zumbi) que seria realizado na cidade de Araraquara em novembro do referido ano.

Quanto aos objetivos que possuía o festival:

“ O 1º Festival Comunitário Negro Zumbi - FECONEZU, tem como objetivo levantar

⁹⁸ “ 1º Semana do Negro na Arte e na Cultura Afro-Brasileira”- 12 à 19 de dezembro - São Carlos, 1976.

⁹⁹ Ver *A folha* dias 13 e 14 de Abril respectivamente nas primeiras páginas nas manchetes e também na quinta página do dia 14.

*e divulgar fatos históricos, o trabalho, a cultura, os valores negros, bem como incentivar na comunidade maior interesse pela história do nosso povo. É uma homenagem aos 283 anos da morte de Zumbi dos Palmares, dentre tantos outros heróis negros não propostos pela história convencional, o maior e mais autêntico líder negro defensor da liberdade e auto-determinação do homem negro no Brasil.*¹⁰⁰

Neste folheto de divulgação do festival percebe-se uma nítida preocupação com a inserção da população negra em melhores posições econômicas além de uma revalorização do elemento negro:

*“...Hoje a luta continua, em busca do nosso reencontro e do verdadeiro lugar que devemos ocupar dentro do quadro sócio-econômico do país. Hoje temos nossos jornais que falam de negros sob o nosso ponto de vista, onde a palavra negro já não significa desprezo, mas luta, orgulho, ação.”*¹⁰¹

Este festival estava sendo promovido pela Federação das Entidades Afro-brasileiras do estado de São Paulo – FEABESP. A proposta da entidade era a realização desse festival anualmente, e que este ficasse sobre a responsabilidade da entidade da cidade sede do evento. Portanto o I FECONEZU, ficou sob a responsabilidade do grupo Gana (Grupo de divulgação de Arte e Cultura Negra) de Araraquara. Participariam deste festival 12 entidades contando inclusive o Gana: Federação das Entidades Afro-brasileiras do estado de São Paulo, Associação de Capoeira Senzala da cidade de Santos, Cameranga, Orlandia; Centro Comunitário Cultural e Artístico Vissungo, São Paulo; Centro de Cultura e Arte negra (Cecan), São Paulo; Centro de Estudos Culturais Afro-Brasileiros Zumbi, Santos; Centro Social Cultural R. B. José do Patrocínio, Ribeirão Preto; Chico Rei Clube, Poços de Caldas; Sociedade Beneficente e Recreativa Estrela D’Oriente, Barretos e o Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada. No dia 25 de novembro de 1978 foram apresentadas várias peças e músicas.¹⁰²

O II FECONEZU seria realizado em 79 em Ribeirão Preto. Em setembro de 1980, um dos militantes do Congada, Henrique Cunha Jr., participaria no II

¹⁰⁰ FECONEZU - Festival comunitário negro Zumbi - Araraquara, pág. 4 e 5, 1978.

¹⁰¹ Idem. pág. 6

¹⁰² IBIDEM. Ver programação pág. 7

Congresso de Cultura Negra das Américas realizado no Panamá apresentando um trabalho¹⁰³. O terceiro FECONEZU ocorreria em São Carlos. Em assembléia realizada em dezembro de 1979, Nilson colocava a necessidade de uma maior interação com a comunidade são-carlense quando se realizasse o III FECONEZU. E neste sentido o militante Henrique Cunha Jr. propunha nesta assembléia que se fizesse uma pesquisa sobre os interesses da comunidade e o que desejavam do Congada.

Entre os dias 16 e 21 de novembro de 1980 ocorreria o III FECONEZU em São Carlos. Em folheto de divulgação do encontro para a população, a entidade explicava a importância do festival:

*“FECONEZU, encontro anual das entidades negras, é na verdade um reencontro de um povo que foi escravizado, dispersado, mas sempre buscando a UNIÃO DA RAÇA NEGRA e de outras raças. FECONEZU, procura portanto desenvolver a harmonia e compreensão cada vez maior em nossa comunidade de novas formas de luta contra a destruição.”*¹⁰⁴ O convite era feito a toda comunidade são-carlense independente de cor, classe, idade e etc. Apesar disso fica claro a busca de um olhar “negro” sobre a história do Brasil: *“... queremos convidar todos os moradores de São Carlos, de todas as raças, de todas as classes, de todas as profissões e de todas as idades, para que participem da preparação e da realização deste ENCONTRO, que é um ENCONTRO NEGRO, com o ponto de vista NEGRO mas aberto a todos que amam o Brasil e buscam fazer com que ele encontre o seu caminho.”*¹⁰⁵

¹⁰³CUNHA JUNIOR, Henrique - “Abordagem dos Movimentos Negros na década de 70” - In: *Textos para o movimento negro* - São Paulo: EDICON, 1992.

¹⁰⁴ CONGADA- Centro de Cultura Afro-Brasileira - FECONEZU- 80, folheto de divulgação.

¹⁰⁵ IBIDEM.

Em 1981 houve uma preocupação constante da entidade com a manutenção de sua sede social. Em duas assembléias discutiu-se a contribuição financeira dos membros da entidade para sua manutenção. Além disso, cogitou-se a possibilidade de se circular um livro ouro no comércio são-carlense para arrecadar fundos. Essas dificuldades acabaram culminando com a impossibilidade financeira de se continuar com a sede. Com isso no ano de 82 recomeçam-se as reuniões na sede do DCE-UFSCar. Em novembro deste ano o Congada participaria do IV FECONEZU realizado em Campinas.

No início de 1982 começa-se a discutir a participação da entidade no V FECONEZU, que seria realizado em Piracicaba. Neste festival percebe-se nitidamente a valorização do 20 de novembro como dia nacional da Consciência Negra ou seja a redefinição e revalorização de figuras históricas que mostraram um negro não passivo e que lutou para melhoria de suas condições de vida:

“ A história do FECONEZU está relacionada com a difusão da CONSCIÊNCIA NEGRA, que refuta veementemente o dia 13 de maio, cunhado ideologicamente pelo símbolo do paternalismo que tenta camuflar a luta pela liberdade, pelo direito de organização e manifestação popular, mormente dos negros.”¹⁰⁶

Na comissão organizadora deste evento encontram-se: o grupo Gana, o Congada, grupo negro da PUC-SP, o MNU (movimento negro unificado), o Movimento Negro de Piracicaba e o Cultural e Recreativo Campinas.

Henrique Cunha Jr¹⁰⁷. resgata o contexto histórico do florescimento dos movimentos negros na década de 70: *“...o motivados pelas lutas de libertação africanas, pelas guerras urbanas dos movimentos americanos, as tendências nascidas na década de 70 que as posições se radicalizam, mas ainda não conseguem definir muitas das questões apresentadas.”* Ainda segundo, o autor os movimentos das décadas anteriores protestavam contra discriminações e reclamavam uma maior integração, procuravam criar um modelo de negro semelhante ao branco. Já na década de 70 devido a essas influências externas

¹⁰⁶ Texto Estadual FECONEZU - In: V FECONEZU Piracicaba, folheto de divulgação.

¹⁰⁷ Cap. II - Abordagem dos movimentos negros na década de 70. In: CUNHA JR., Henrique - *Textos para o movimento negro* - São Paulo: EDICON, 1992. pág. 25 e 26.

rompe-se com o padrão dos movimentos descritos por Florestan Fernandes:¹⁰⁸ ...“*Na ruptura dos primeiros anos (70,71,72,73), é marcante a luta para escapar aos critérios de valor da sociedade branca. São muitos os esforços de valorização das culturas e manifestações negras dentro da própria comunidade.*”¹⁰⁹ Segundo Cunha Jr., existe uma preocupação por parte dos grupos que surgiram na década de 70, com a história oficial, os grupos procuravam divulgar a história sob o ângulo dos oprimidos e isto era feito através de grupos de teatros amadores, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Em setembro de 1982 o Congada iniciava as discussões sobre novas eleições, decidiu-se pela duração do mandato da nova diretoria por 2 anos. Formam-se duas chapas. A Renovação tinha como candidato a presidente Casimiro Pascoal da Silva enquanto a Vai-com Tudo tinha como candidato Luiz Antônio Fermiano. As eleições ocorreriam em 26 de julho e venceria a Chapa Renovação.

Em 1983 o Congada participaria juntamente com outras entidades da elaboração do VI FECONEZU que seria realizado em São José dos Campos.

Numa reunião da entidade em 25 de julho do mesmo ano, discutiu-se sobre o encaminhamento de um ofício para UFSCar propondo a formação de um Espaço Cultural. Nesta proposta discutiu-se a criação deste Espaço Cultural Afro-brasileiro junto ao Departamento Cultural da UFSCar:

“...A nossa perspectiva de abertura de um espaço com vistas a comunidade negra da região de São Carlos.

Nós em especial da comunidade negra são-carlense realizamos esta reivindicação pois fazemos parte desta, mas acreditamos que tal espaço cultural terá efeito e utilidade as demais comunidades que com a nossa interação ou revelam interagir.

O sentido democrático da atividade universitária, aliada a capacidade desta de desenvolvimento e reprodução com conhecimento terá um impacto sobre a formação e meios de vida da comunidade negra, hoje marginalizada do convívio

¹⁰⁸ Cap. Os Movimentos sociais no meio negro - In: *A integração do Negro na sociedade de classes* -Vol. 2, São Paulo: Ática,1978.

¹⁰⁹ CUNHA JR., H. *Textos para o movimento negro* - São Paulo: EDICON, 1992. pág. 25 e 26.

universitário.”(sic)¹¹⁰

Além disso, o documento ressaltava a importância que este espaço teria nas reflexões de problemas e formação de conhecimentos sobre questões que a universidade não discutiu efetivamente. Ainda neste mesmo documento o Congada traça um perfil de suas atividades:

“...entidade solicitante da criação deste espaço cultural que tem por finalidade congregar as pessoas interessadas nos diversos aspectos sócio, econômico, político e culturais relativos a população de origem afro-brasileira.... este centro desenvolveu atividades culturais no sentido da tomada de consciência e valorização do negro no Brasil. Estas atividades culturais são desenvolvidas das mais diversas formas, contendo, participação em festas locais, realização de peças teatrais e grupos de música e danças, estudo sobre a realidade do negro, palestras e ações e esclarecimentos sobre assuntos de interesse da população de origem afro-brasileira e da população em geral.”¹¹¹

O Congada ainda colocava a sua importância frente a atividades, como o ciclo de palestras sobre o negro no Brasil, da contratação de Eduardo de Oliveira e Oliveira¹¹², e também atuou na organização do núcleo de documentação, além de atividades junto a estudantes do mestrado em Educação na UFSCar. Quanto aos objetivos deste espaço cultural destacava-se o registro audiovisual de manifestações das comunidades negras da região, a recuperação da história da população negra em São Carlos, o intercâmbio com outras comunidades e até mesmo outros países, propunha-se encontros de poetas e literatos da música negra e ciclo de palestras com a preocupação da análise da questão racial no Brasil.

Numa de suas assembléias em julho de 1983, a entidade também discutiu sobre o destino da biblioteca de Eduardo de Oliveira e Oliveira¹¹³, sempre mantendo contato com o Departamento de Educação da UFSCar sobre esse assunto.

¹¹⁰ Proposta da criação de Espaço Cultural Afro-brasileiro junto ao Departamento Cultural da Universidade Federal de São Carlos.

¹¹¹ IBIDEM.

¹¹² Intelectual e militante negro que foi professor na Universidade Federal de São Carlos.

¹¹³ Após a morte desse professor a família resolveu doar sua biblioteca pessoal para universidade. Esta biblioteca é basicamente formada por livros que tratam de temas relacionados ao negro, escravidão, racismo e etc.

Ainda em outubro, deste mesmo ano, a entidade discutiria a preparação da Semana Zumbi que se realizaria nos dias 11 e 12 de novembro. A programação se voltava a projeção de slides do Congada, debates sobre o FECONEZU e uma palestra “ A cultura negra e seus orixás” com participação do Babolorixá Wilson de Jesus e da cineasta Raquel Gerber. Na discussão sobre a programação desta semana colocou-se a necessidade do grupo conseguir divulgar o nome da entidade junto ao povo da periferia.

Em maio de 84 a entidade discutiria o convite feito para a participação na cerimonia da criação do conselho de desenvolvimento da comunidade negra. Duas outras entidades também surgem a partir de idéias do Congada: o Grupo de Cultura Afro da UFSCar e o Núcleo de Estudos Afro da UFSCar. Segundo o atual presidente da entidade Casimiro Paschoal da Silva:

“...o que eu poderia dizer, o Congada, o grupo de cultura Afro da UFSCar, o núcleo de estudos Afro-brasileiros são a mesma coisa, o que existe aí é uma estratégia política porque você não pode estar colocando o Congada para tudo quanto é coisa, o que existe é você constituindo esses espaços todos aí, democrático, você construir um canal de discussão política, mas a entidade externa que é grande interlocutora desses grupos é o Congada...o que culminou com esse projeto que nos apresentamos na Universidade Federal de São Carlos foi em decorrência do MEC, nessa data ter enviado a universidade federal um ofício solicitando, trabalhos.... para o encaminhamento e solicitação de tal medida que o MEC....vale ressaltar que esse documento foi em decorrência do centenário da abolição...peguei o documento convoquei uma reunião do movimento negro Congada...fizemos projeto um discutimos com a pró-reitoria, encaminhou-se para instâncias a viabilidade ou não de um grupo de cultura Afro-brasileira dentro da Universidade Federal....então o objetivo da criação do grupo de cultura é que nós tivéssemos alunos negros da universidade discutindo a problemática racial, alunos negros preocupados com a sua identidade, alunos preocupados com a questão do mercado de trabalho, não basta ser negro estando na universidade que os problemas seriam eliminados....com relação ao núcleo de estudos afro-brasileiros, qual foi a grande preocupação também, nasce também dentro do próprio Congada, essa discussão, eu levei essa discussão com

Petronília¹¹⁴ com Valter¹¹⁵, porque o grupo de cultura afro-brasileira seria uma frente para canalizar alunos negros trazer atividades culturais para universidade de tal forma a aflorar a problemática racial, o núcleo de estudos afro brasileiros, ele assumiria o que o papel da academia, ele assumiria o projeto de formulação de política, de projetos de orientação de pesquisas que é o papel que a academia faz, se desvinculando até inclusive da sua posição política, ideológica ou partidária, então caberia ao núcleo de estudos afro-brasileiros fazer encontros para discutir a questão da religião, a questão política do negro, a questão da educação, mercado de trabalho, mídia, visibilidade ou não do negro no Brasil... .”

¹¹⁴ Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, atualmente docente do Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de São Carlos e também membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFSCar.

¹¹⁵ Valter Roberto Silvério atualmente docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos.

2.3 - O Grupo de Cultura Afro da UFSCar

A partir de propostas de Eduardo de Oliveira e Oliveira e de alunos e funcionários da Universidade Federal de São Carlos, ligados ao Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada, foi criado em 1984 o Grupo de Cultura Afro-brasileira da UFSCar.¹¹⁶

Segundo proposta¹¹⁷ aprovada por membros do Grupo de Cultura Afro-Brasileira da UFSCar em junho de 1997, este grupo era inicialmente vinculado ao Setor Cultural da universidade. Mais tarde, devido a uma reestruturação organizacional da universidade foi extinto este órgão e o grupo deixou de estar vinculado à estrutura formal da universidade. Ainda segundo a proposta, apesar de não estar vinculado à estrutura formal da universidade, o grupo continua sendo reconhecido pelos Conselhos dos Departamentos, pela Pró-Reitoria de Extensão que financia seus projetos, pela comunidade universitária, pela comunidade negra e pelo Movimento Negro brasileiro através de seus grupos.

O grupo propõe lutar por uma sociedade mais justa com todos os grupos e classes que formam a sociedade brasileira contribuindo com a educação de todos os brasileiros a partir da valorização da identidade e cultura dos Afro-brasileiros. Possui como objetivos:

- “- Divulgar manifestações de diferentes culturas de origem africana.*
- Criar condições para a produção de conhecimentos a partir de raízes de origem africana.*
- Manter fórum permanente de debates sobre questões de interesse da população afrodescendente, visando influir nas políticas públicas.*
- Propor, encomendar, realizar estudos que permitam compreender, explicar e transformar as relações inter-étnicas na sociedade brasileira, a começar pela UFSCar.*
- Propor, realizar, participar de manifestações, atividades, trabalhos, visando ao combate ao racismo a toda sorte de discriminações.*

¹¹⁶ Proposta de vinculação do Grupo de Cultura afro-brasileira da Universidade Federal de São Carlos ao Núcleo Extensão UFSCar-Cidadania.

¹¹⁷ IBIDEM.

- *Manter contato com grupos do Movimento Negro nacional e internacional.*¹¹⁸

Nos objetivos deste grupo fica claro que existe uma busca da valorização e produção da Cultura Afro-brasileira e da criação de uma identidade negra. Neste sentido, como bem coloca Barth¹¹⁹ a cultura aparece mais como uma construção do grupo étnico do que uma característica primária. Ou seja, compartilhar uma cultura comum é mais um resultado da organização do grupo do que uma característica primária. A identidade vai sendo construída socialmente.¹²⁰

Segundo a proposta, quanto à forma de organização, este grupo é coordenado por um colegiado renovável a cada dois anos. Deste colegiado tomam parte docentes, funcionários, alunos da UFSCar e pessoas da comunidade negra em geral. São realizadas reuniões periódicas que discutem questões relacionadas a organização e funcionamento do grupo, projetos, planos de atividades, avaliação de atividades e articulação com outros grupos do movimento negro principalmente de São Carlos, buscando propostas de trabalhos comuns no combate ao racismo e discriminação.

Várias atividades¹²¹ foram feitas pelo grupo. Em 1990 realizou-se um curso de extensão em dança moderna que teve a participação de 60 pessoas. Em 1991 foi realizado o **Encontro de Mulheres, Mães e Negras**, visando especialmente às mães da comunidade de São Carlos embora outras comunidades fossem convidadas e atingiu-se um público de 40 mulheres. Houve também, neste mesmo ano, um curso de aperfeiçoamento realizado em parceria com a Delegacia de Educação e com a Secretária de Educação do Estado sobre **Escola e Discriminações: negros, índios e cultura erudita**. Neste curso houve a participação de 70 professores de primeiro a terceiro graus. O Grupo teve em 1992 co-participação na promoção do **I Seminário de Estudos Afro-brasileiros** organizado pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFSCar. Também em 1992, participou com um grupo de dança num recital de poemas no Grêmio Recreativo e

¹¹⁸ Objetivos e organização do Grupo de Cultura Afro-brasileira/UFSCar - In: Proposta de vinculação do Grupo de Cultura Afro-brasileira da Universidade Federal de São Carlos ao Núcleo Extensão UFSCar-Cidadania.

¹¹⁹ BARTH, F. - "Introdução" - In: *Los Grupos étnicos y sus fronteras*/ Fredrick Barth; Trad. Sérgio Lugo Renalan - México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

¹²⁰ A discussão mais detalhada deste autor encontra-se no item 1.2 do capítulo 1 deste trabalho. pág. 27.

¹²¹ Proposta de vinculação do Grupo de Cultura Afro-brasileira da Universidade Federal de São Carlos ao Núcleo Extensão UFSCar- Cidadania.

Familiar Flor de Maio em comemoração ao 20 de Novembro, dia nacional da Consciência Negra. Em 1993 teve co-participação no Curso **Africanidades Brasileiras: Perspectivas para História Sociológica dos Afro-brasileiros** que também foi realizado pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFSCar. Em 1994 foi realizado uma **Oficina de Dança Afro** que buscava a origem e execução de ritmos afro como o *reggae*, capoeira e samba. Em 1995 realizou a **I Oficina de Capoeira de Angola do Estado de São Paulo** e a exposição **Presença Negra em São Carlos**, esta exposição foi feita a partir de fotos do acervo de famílias negras de São Carlos. Ainda neste mesmo ano houve um **Recital de Textos de Autores Negros: Roda Poema e Prosa**, com a participação de poetas do Quilomboje.

2.4 - O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar.

A idéia da criação de um Núcleo de Estudos Afro da UFSCar surge a partir de discussões do Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada e do Grupo de Cultura Afro da UFSCar. Muitas vezes pessoas do Congada e do Grupo de Cultura Afro da UFSCAR eram as mesmas que participavam no grupo e no núcleo.

Segundo um membro do Núcleo de Estudos Afro da UFSCar o Núcleo nasce ligado ao Grupo de Cultura Afro da UFSCar, ressaltando-se o papel do Professor Eduardo de Oliveira e Oliveira:

“ Em 1992 foi criado o Núcleo. Ele foi criado a partir de interesses de pesquisas de professores, e também de interesses de estudos de alunos quer dizer o núcleo tem a sua raiz no grupo de Cultura Afro-Brasileira, eu não sei a data precisa , eu acho que é 86 de criação do Grupo de Cultura Afro da UFSCaro núcleo quando surgiu, ele não surgiu enquanto proposta do Congada, quer dizer, vamos dizer assim: não como proposta declarada, porque pessoas do Congada, quer dizer até surge como possivelmente proposta do Congada, na medida que pessoas do Congada fazem parte do núcleo, mas não assim como proposta declarada entendeu ? quer dizer as pessoas são do grupo, o grupo tinha essa intenção, mas o que eu quero dizer é o seguinte: anteriormente, e essa história eu realmente não conheço, mas tem a presença do Prof. Eduardo de Oliveira Oliveira ...enfim dentro da universidade a discussão enquanto eu saiba surge com o Professor Eduardo Oliveira, então nessa cronologia que eu não sei se está correta, vai surgir o grupo de Cultura Afro-brasileira, realmente a partir do Congada, então surge uma proposta parece que é fortalecida com os 100 anos da abolição, então o grupo é formalizado”

No Projeto de implantação do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros está registrado que este núcleo nascia com *“ a finalidade precícua de desenvolver e de apoiar estudos que visem a visibilidade positiva dos brasileiros descendentes de africanos, à elucidação de sua história, à valorização de sua cultura, ao reconhecimento de seu papel na construção da nação brasileira”*.¹²²

Ainda segundo esse documento o núcleo surgiria com o objetivo de estudar a

¹²² Projeto de Implantação do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Proposta de Trabalho

documentação existente no Arquivo de História Contemporânea da UFSCar, arquivo que possui um acervo sobre a escravidão e pós-abolição em São Carlos, e, fato importante, guarda a biblioteca particular de Eduardo de Oliveira e Oliveira.

O Núcleo também se propõe a buscar a contribuição do negro na história de São Carlos, o que não é enfatizado na historiografia oficial do município. O documento ressalta também que este núcleo surge em função do movimento negro na cidade principalmente em função do Grupo de Cultura Afro-brasileira da UFSCar.

Durante o ano de 1992 o Núcleo desenvolveu três atividades: a) o Inventário analítico de documentos sobre a escravidão¹²³; b) 1º Seminário de Estudos Afro-brasileiros; c) o levantamento sobre a realidade do estudante negro nas instituições de ensino superior de São Carlos.

O Inventário analítico já foi concluído e o Seminário foi realizado entre junho e dezembro de 1992. Participaram vários pesquisadores: Clóvis Moura, Irene Salles, Rachel de Oliveria. Todos esses pesquisadores possuem trabalhos destacados sobre a problemática do negro na sociedade brasileira.

¹²³ RIZZOLI, Alvaro; CARMO, Vivian do (Bols. CNPQ-PIBIC); SILVA, Jansen Moraes da (Bols. CNPQ-PIBIC); SIMÕES, Rosseli (Bols. CNPQ-PIBIC) - *A escravidão em São Carlos: Inventário Analítico: 1847-1888*. mimeo: UFSCar, 1993.

2.5 - O Centro Cultural Negro Municipal

O Centro Cultural Negro Municipal foi fundado em 05 de novembro de 1985. A idéia de se criar essa entidade nasceu a partir da participação dos seus membros fundadores em uma reunião de políticos negros do PMDB:

“ Nós tínhamos sido convidados para participar de um debate dos políticos negros do PMDB em São Paulo. Aí ficamos imaginando que talvez pudéssemos agremiar esse pessoal que tinha participado do Congada....querendo fazer alguma coisa mas não tinha se adaptado, conversando com alguns amigos, a idéia foi crescendo e eles acharam que seria viável falar com o Mello que era o prefeito da época, para saber se haveria respaldo, porque não adianta você começar uma entidade e você não tem nem a onde ficar, não tem o básico, aí conversando com o Mello, falamos que a gente queria fundar um Centro Cultural ele concordou, achou viável, aí a gente começou as atividades no dia 05 de novembro de 1985.”¹²⁴

Na ata de fundação da entidade estavam presente os sócios fundadores Luiz Carlos Germano, Maria de Lourdes Thobias Serafim, Marilda Aparecida Goes, Maria de Fátima Silva , Maria Lucia Thobias, José Carlos de Oliveira e Maria Amélia da Silva.¹²⁵Essas pessoas fundam o centro que tinha como objetivo:

“ Divulgação da cultura negra e sua igualdade social, objetivando em benefício da própria comunidade negra, participando de eventos culturais, congressos , debates políticos, visando a igualdade social não só da comunidade negra, como também de todo o povo brasileiro, assegurando os direitos de todas as pessoas, dentro dos princípios da moralidade social.”¹²⁶

Nos objetivos ficam claros a preocupação do Centro com os eventos culturais e, além disso, defender e garantir os direitos das pessoas sejam elas brancas ou negras.

¹²⁴ Entrevista concedida em novembro de 96 ao pesquisador por Maria de Lourdes Thobias Serafim, atual presidente do Centro Cultural Negro Municipal.

¹²⁵ Ata de Fundação In: Livro I prenotado sob nº 52.639 - Cartório de Registro de Imóveis e Anexos de São Carlos.

¹²⁶ Cap. I - Da denominação, Fundação e Fins , Artigo 1º A , *Estatuto do Centro Cultural Negro Municipal* , São Carlos: Cartório de Registro Civil das Pessoas jurídicas da Comarca de São Carlos, Dezembro, 1988.

Neste estatuto também figuram os órgãos diretivos do Centro Cultural por ordem de poder: Assembléia Geral, Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal, Presidência, Diretoria. O estatuto ressalta que nenhuma das pessoas que assumirem cargos receberão remuneração. A presidenta da entidade ressaltou que este estatuto está sendo modificado pois ele está configurado como um estatuto de clube.

O Centro Cultural Negro Municipal desenvolve algumas atividades que já estão institucionalizadas pela entidade : A Feira de Literatura Negra, a Semana do Nove de Julho, participa das comemorações da Semana da Pátria. Promove também o Dia Internacional da Mulher e uma missa afro no dia 13 de maio. Em todas essas atividades observa-se a busca da valorização do elemento negro da cidade de São Carlos. Além disso o centro atua no auxílio e denúncia de vítimas de preconceito e discriminação racial no município conforme atesta o depoimento da presidenta da entidade:

“ ... as atividades do Centro Cultural que de início eram divulgar a cultura negra, porque era antes de 88, antes da nova constituição, então se você falava que ia defender, trabalhar contra o racismo e o preconceito, bom já iam falar: Pô, essa gente vem criar problema, aquela coisa toda. Mas além de divulgar a cultura, nos denunciemos o racismo, divulgamos a cultura afro através de exposições, por exemplo, o Centro já tem algumas atividades que já são de todo ano, a gente começa o ano com o dia internacional da mulher que a gente homenageia uma ou duas mulheres de nossa comunidade...maio a gente faz a missa afro, 13 de maio, nove de julho a gente homenageia os pracinhas que morreram na revolução. São quatro pracinhas ,três eram negros. Setembro geralmente a gente põe faixas na cidade com frases, novembro a gente faz a feira de literatura negra, essas são coisas que a gente faz durante o ano, são atividades que fazem parte da vida do centro cultural.”

A I Feira de Literatura Negra ocorreu em outubro de 1990 e tinha como objetivo:

“ divulgar a literatura negra; incentivar a população à leitura de obras de escritores de todas épocas que centralizam os seus temas no negro brasileiro; difundir a cultura

*negra na comunidade e divulgar as atividades do Centro Cultural Negro Municipal de São Carlos.*¹²⁷

Neste mesmo ano, o Centro também promoveu uma exposição da artista plástica Sônia Restier cujo o tema era “ Negro, somos todos nós” nas dependências do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio. Esses eventos faziam parte do quinto aniversário comemorativo da entidade.

Apesar do Centro ter uma sede da prefeitura, a presidente da entidade ressalta que o centro é apartidário tendo entre seus membros pessoas de vários partidos, pois quando surgem problemas na comunidade negra esses são problemas de todos independente do partido com que simpatizem ou estejam filiados:

“embora ele chame Centro Cultural Negro Municipal,..a prefeitura tem dado infra-estrutura para a gente,.....,mas nós temos a liberdade para ser do partido que a gente quiser, inclusive falar do prefeito como muitas vezes teve necessidade,.....,então a gente tem a infra-estrutura da prefeitura mas com plena liberdade de fazer crítica em cima da prefeitura ...a maioria é bem politizada mas cada um no seu partido e quando a gente está falando da comunidade negra, a gente não está falando de partido, porque a gente sabe também que nenhum partido engloba as causas negras da forma como a gente gostaria...”.

Um aspecto interessante desse depoimento é quando ela se refere ao termo “causas negras”. Ao que parece ela identifica essas causas com a resolução dos problemas relacionados a desigualdade social e cidadania. São problemas que atingem principalmente a população mais pobre do município, em que os negros são maioria. (A análise de seu depoimento bem como de outros militantes será feita em detalhes no próximo capítulo.)

Em março de 1986 o Centro Cultural também enviou uma carta à Câmara Legislativa de São Paulo narrando um caso de um vereador de Ibaté que foi espancado e chamado de “negro sujo” pela polícia militar. O deputado Vicente Botta fez um pronunciamento na câmara sobre o caso e enviou requerimentos ao governador pedindo esclarecimentos.

¹²⁷ *A Tribuna*, São Carlos, 28 de outubro de 1990.

Uma das principais conquistas do Centro Cultural Negro Municipal foi a condenação de um radialista da cidade por crime de racismo. O crime ocorreu em outubro de 1991. O radialista, ao narrar uma notícia sobre um roubo praticado por dois brancos e um negro, começou dizendo: “Só podia ser preto” e terminou a narração do forma ainda pior: “Cana neles, principalmente no preto.”¹²⁸

O Centro Cultural procurou o Ministério Público do município que intimou o radialista gerando um processo que culminou na sua condenação. Segundo a revista *Raça Brasil*¹²⁹ o radialista foi condenado a dois anos de reclusão com direito a suspensão condicional e prestação de serviço à comunidade.

Essa foi uma das grandes conquistas que o Centro conseguiu. São Carlos é a segunda cidade do país que conseguiu condenar alguém por prática discriminatória:

“...a gente ficou sabendo que nós somos a segunda cidade do estado de São Paulo, onde conseguiu que uma pessoa fosse condenada por racismo no estado de São Paulo, só duas conseguiram, uma acho que foi a grande São Paulo,..., eu só fiquei sabendo disso porque a semana passada, o Fantástico se interessou por fazer uma gravação, só que não saiu no ar, não sei porquê e através do Fantástico eu fiquei sabendo que São Carlos é uma das duas....foi o Centro Cultural que fez uma denúncia contra o moço, porque ele quando deu a notícia policial, ele ofendeu a comunidade inteira.....quando a gente foi pra justiça, a gente não foi pra justiça pra defender o negro safado, o ladrão, ele tem que ir pra cadeia. A gente foi pra justiça pra defender a nossa comunidade, ser mais respeitada. ...”¹³⁰

Em abril de 1995 ocorreu um outro caso de racismo na cidade que teve repercussão em todas as entidades negras da cidade. Uma menina de três anos foi impedida de freqüentar a escola por ser negra. Sua mãe registrou queixa contra a proprietária da escola. A dona da escola alegou ter impedido a menina de freqüentar a escola por falta de pagamento e não por ela ser negra. O caso foi amplamente noticiado na imprensa local¹³¹ e mobilizou as entidades, conforme depoimento de Maria de Lourdes Thobias Serafim:

¹²⁸ *Raça Brasil*, Seção Olho vivo, janeiro de 97.

¹²⁹ IBIDEM.

¹³⁰ Entrevista concedida ao pesquisador por Maria de Lourdes Thobias Serafim em novembro de 1996.

“...o caso da menina, o ultimo que aconteceu, da escolinha, aí foi todo o movimento negro, não foi só o Centro Cultural foi todo o movimento negro, o moço do jornal me ligou, e disse se eu sabia o que tinha acontecido, eu estava lendo o jornal naquela hora e o pai da menina é meu amigo de trabalho, aí telefonei para ele, ele contou direitinho o caso, eu tive que ir atrás dela para falar para ela: Olha Maria José, você faz boletim de ocorrência, assim a gente vai estar defendendo não só sua filha como toda a comunidade negra... .”

No dia 07 de maio de 1995 o Jornal Primeira Página destaca em sua manchete de primeira página: “Comunidade Negra exige fechamento de escola”. A notícia destaca que as entidades negras da cidade iriam promover uma passeata exigindo o fechamento da escola. A passeata começaria as nove horas da manhã em frente ao Grêmio Recreativo Flor de Maio no dia 13 de maio. A notícia ainda destaca que uma carta assinada pelo Centro Cultural Negro, Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada, Grêmio Recreativo Flor de Maio, Grupo de Cultura Afro-brasileira da UFSCar e Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar havia sido enviada à vários órgãos públicos e ao prefeito municipal. Há ainda cópia do panfleto distribuído à população:

“Num caso particular o movimento negro repudia as manifestações racistas que impediram uma aluna negra de freqüentar a escola infantil Mundo da Criança e exige a apuração dos fatos. Esta atitude só vem a confirmar o quanto a sociedade brasileira é racista e ao mesmo tempo as ações deste tipo são conseqüências de um projeto político elaborado por parte das elites dirigentes que aprofunda e reforça as desigualdades sociais e raciais no país.”¹³²

Em março de 1996 o juiz acabou absolvendo a acusada por falta de provas e com isso as entidades se manifestaram através de uma carta aberta:

“A comunidade negra são-carlense, através das entidades abaixo assinadas, vem manifestar seu repúdio diante da atitude do Eximo. Meritíssimo Sr. Dr. Juiz de Direito da 2º Vara Criminal da Infância e Juventude de São Carlos, João Batista Galhardo Júnior, que ao proferir sentença no processo de racismo sofrido pela menor K. L. S. C., na escola infantil Mundo da Criança, de propriedade de Márcia Aparecida Felipe,

¹³¹ *Folha de São Paulo*, 28 de Abril de 1995; *Primeira Página*, 03 de maio de 1995.

absolveu esta última da acusação supra, por, segundo seu entendimento haver falta de provas que levassem à convicção da certeza da culpa de Márcia. ...”¹³³

Este caso demonstrou que apesar das entidades muitas vezes atuarem separadas elas se unificam quando possuem um problema que é comum. Esse caso também teve grande repercussão pois, afinal, em 95 comemoravam-se os 300 anos da morte de Zumbi e, em São Carlos, houve uma série de eventos para relembrar o herói. As duas universidades de São Carlos (UFSCar e USP) juntamente com as entidades negras da cidade (Grupo de Cultura Afro da UFSCar, Núcleo de Estudos Afro da UFSCar, Centro de Cultura Afro-brasileira Congada, Centro Cultural Negro Municipal, Irmandade Espiritual Mãe Yemanjá, Academia de Capoeira Pena de Ouro), promoveram entre março e novembro vários eventos como exposições, palestras e lançamentos de livros sobre a situação do negro no Brasil e em São Carlos.

Neste mesmo ano um projeto foi apresentado à Câmara Municipal que instituiria o estudo da História e da Cultura Negras no currículo das escolas municipais de São Carlos. O projeto propunha que ao se instituir esta disciplina ela objetivasse: “ Parágrafo 1º - valorização do Negro como um agente que juntamente com as demais etnias, constrói o Brasil.Parágrafo Único - o tema em pauta visa, sobremaneira, fazer com que, através do estudo da História e da Culturas Negras, o cidadão negro busque assumir sua identidade e aconteça uma maior integração entre as etnias.”¹³⁴ Este projeto foi apresentado a câmara municipal de São Carlos em 24 de julho de 1995. A idéia do projeto foi sugerida pelo Centro Cultural Negro Municipal quando se comemorava os 300 anos da morte de Zumbi. Segundo o Jornal Existência¹³⁵ (um jornal que publica notícias relacionadas à comunidade negra de São Carlos) o projeto ficou “engavetado” quando passou pela Comissão de Educação da Câmara de São Carlos.

Em seu editorial de lançamento ele coloca os seus objetivos:

“ A Comunidade negra ganha um novo espaço de comunicação. Através desse

¹³² *Primeira Página*, 07 de Maio de 1995.

¹³³ *Carta Aberta À População São Carlense* - Centro Cultural Negro Municipal de São Carlos, Centro Cultural Afro-brasileiro Congada, Centro de Cultura Afro da UFSCar, Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFSCar, Irmandade Espiritual Mãe Yemanjá. São Carlos: Março, 1996.

¹³⁴ *Projeto de Lei de autoria de Emerson Pires Leal* - São Carlos: Câmara Municipal, julho de 1995.

jornal continuaremos a reivindicar nossos direitos enquanto cidadãos brasileiros, um povo que sempre trabalhou e ajudou a construir este país.Aqui falaremos sobre nossa cultura, religião, música, dança etc. Denunciaremos discriminações e discutiremos nossa participação na política nacional, nos esportes enfim, onde estiver um negro em destaque procuraremos estar divulgando e incentivando, para que todos consigamos a vitória. ...”

Os primeiros números do jornal contam a história de algumas entidades negras da cidade bem como apresenta uma lista delas, além das três analisadas neste trabalho: Academia de Capoeira Pena de Ouro, Irmandade Espírita Mãe Iemanjá, Lanchonete De Repente Acontece, União das Escolas de Samba Independente de São Carlos, Escola de Samba Padre Faustino, Escola de Samba Rosas de Ouro, Escola de Samba de Vila Pureza, Escola de Samba Unidos do Pacaembú. Este jornal não está vinculado ao Centro Cultural Negro Municipal, segundo informação da presidente da entidade, Maria de Lourdes Thobias Serafim. Na edição de setembro o jornal publicou a foto de vários candidatos negros a vereador por São Carlos, totalizando 35 pessoas. Uma coisa interessante que se observa nas fotos é que algumas pessoas que estão se identificando como candidatas negras poderiam passar por brancas. Este fato demonstra a importância da auto-identificação e identificação pelos outros na formação da identidade¹³⁶.

¹³⁵ *Jornal Existência* - Nº 02, São Carlos: Julho, 1996. pág. 03

¹³⁶ Ver item 1.2 especialmente as pág. 27, 28 e 29 onde essa discussão é feita com mais detalhes.

Nas eleições de novembro de 1996 as entidades em conjunto elaboraram um documento com uma série de reivindicações aos candidatos para que estudassem e na medida do possível as incorporassem ao seu programa de governo essas pautas: “ a gente fez um documento, onde todos as entidades que participaram, o Núcleo, o Centro Cultural e o Congada, o Centro Cultural Afro da UFSCar, as escolas de samba, o Israel que é da capoeira, um menino que é presidente do Candomblé, todos nos fizemos reivindicação não só dos cargos na administração, hoje o prefeito eleito é o Mello, como também os negros estejam presentes em cartazes de Festa do Clima, nas casas de saúde de forma digna.”¹³⁷

Observa-se claramente no documento uma preocupação com a participação efetiva do negro no poder municipal, além disso o documento ressalta a importância de uma representação digna do negro na cidade de São Carlos:

“ Sr (a) Candidato (a)

Estamos encaminhando a Vossa Senhoria as nossas reivindicações para que possam ser estudadas por sua equipe e serem colocadas no seu programa do governo para o município de São Carlos:

1) *Participação na administração direta do seu governo em posições de destaque;*

2) *Representação condigna da comunidade nos materiais de divulgação de eventos promovidos pela prefeitura (festa do clima, aniversário da cidade, exposições, etc.), e nos posters em paredes de prédios públicos ex: SAAE, postos de saúde, escolas, EMEIS, etc;*

3) *Uma delegacia contra racismo, incentivando seu trabalho com órgãos superiores; gostaríamos de participar de sua implementação;*

¹³⁷ Entrevista concedida ao pesquisador por Maria de Lourdes Thobias Serafim em novembro de 1996.

4) Preparar professores das escolas municipais (e materiais didáticos adequados) para que ensinem, de forma positiva, aspectos relativos à presença da Comunidade Afro-Brasileira na formação da sociedade brasileira (história, heróis, etc.) e seus direitos constitucionais em relação a práticas discriminatórias e racistas;

5) Nos postos de saúde, que haja orientação sobre as especificidades pertinentes à saúde da população negra, bem como de técnicas alternativas de diagnósticos que se baseiam na coloração da pele;

6) Que a prefeitura facilite o processo de denuncia, de caso de racismo nos órgãos públicos e em particular nas escolas;

7) Que se crie um Disque Racismo;

8) Que se crie um Conselho da Comunidade Negra de São Carlos, nos moldes dos que existem a nível federal e estadual e em algumas cidades do nosso estado.

São Carlos, junho de 1996.

- Centro Cultural Negro Municipal de São Carlos
- Irmandade Espírita Mãe Iemanjá
- Grupo “De Repente Acontece”
- Centro de Cultura Afro da UFSCar
- Centro de Cultura Afro Congada
- Sociedade Escola de Samba Independente em São Carlos
- Núcleo de Estudos Afro Brasileiros da UFSCar
- Academia de Capoeira Pena de Ouro
- Escola de Samba Padre Faustino
- Escola de Samba Rosas de Prata
- União de Escolas de Samba de São Carlos
- Escola de Samba Vila Pureza
- Escola de Samba Unidos de Pacaembu¹³⁸

¹³⁸ *Jornal Existência* - Nº 02, São Carlos: Julho, 1996. pág. 08.

Um aspecto interessante do documento e que já foi constatado em conversas com militantes é a preocupação cada vez maior das organizações que compõe o Movimento Negro com a educação. Através da educação na escola e do ensino de uma história crítica que resgate o papel do negro na formação da sociedade brasileira, a criança negra poderá formar uma identidade positiva. Esse fato é observado por Lopes¹³⁹, que coloca que no caso da criança negra, para que a socialização cumpra sua função, seria necessário que a escola contasse a história do seu povo, de sua religião e manifestações culturais. Com isso, a criança negra não teria vergonha de ser negra. Muitas vezes a escola acaba reproduzindo uma ideologia de desvalorização do ser negro e com isso tornam-se necessárias mudanças na estrutura de ensino e nas disciplinas, para que estejam atentas a essas preocupações.

Apesar do empenho das organizações do Movimento negro de São Carlos eles não conseguiram eleger candidatos ou ocupar cargos de destaque no município, fato narrado com certa amargura pela presidenta do Centro Cultural Municipal:

“ a gente fica meio encabulada, embora seja um movimento forte a gente não consegue eleger pessoas para os cargos políticos, deu uma mudada,.... o Casimiro foi candidato, todo mundo jogou força na candidatura dele ,independente de ele ser do PT....eu notei embora os candidatos negros não eleitos, foram bem votados...dessa vez eles tiveram uma votação expressiva que variavam de 200 a 700....., Casimiro com 700 votos... a população está tendo maior credibilidade junto aos candidatos negros, eu acho que aqui em São Carlos em termos de movimento negro já estamos trabalhando juntos para fazer alguma coisa,.... cada entidade desenvolve o seu trabalho mas quando é pra resolver um problema da Comunidade, a gente está fazendo em termos de movimento.. .”

¹³⁹ LOPES, Ademil - Escola, Socialização e Cidadania: um estudo da criança negra numa escola pública de São Carlos - São Carlos: EDUFSCAR, 1995.

Capítulo 3 - O Movimento Negro na voz dos seus agentes

3.1 - As influências na formação do Movimento negro na cidade: o papel do Flor de Maio e das universidades.

O Flor de Maio teve um papel de fundamental importância para o desenvolvimento do movimento negro na cidade de São Carlos. Muitos dos futuros militantes da cidade eram filhos ou netos de fundadores do Flor de Maio, que acabou funcionando como uma referência para estas pessoas.

O Flor de Maio nas palavras de um dos seus integrantes é um marco, uma referência dentro da cidade. Além disso, a participação desde pequeno, através da família, no clube, foi para muitos de fundamental importância para a constituição de uma identidade:

“O Flor de Maio é para mim..., foi um marco importante, é um marco importante, tanto como negro, como enquanto cidadão. Eu acho..que é um objetivo de vida, vamos dizer assim para um sentido de vida né, como negro para me situar no contexto da cidade e enquanto a comunidade como um todo....como sendo um ponto de referência de uma comunidade que deveria ser...,sabe, bem mais homogênea do que é. E para o tipo pessoal poder assim, ter uma identidade comum, entendeu? e partindo daí você ..conseguir traçar uma série de planos, de objetivos, de conquistas, tal de uma comunidade como um todo. ...eu falo do Flor de Maio com orgulho porque eu sempre...de quando eu me conheço por gente, por adulto eu sempre participei do Flor de Maio... Além dessa questão familiar, que a minha família participou do Flor de Maio, meu pai, minha mãe, minha família de um modo geral; eu também, na minha fase de adolescência, tal, eu achei que era uma coisa interessante, eu sempre tive a consciência para situação do negro, tal. Então eu me envolvi de cabeça...porque você começa, se você começa de criança a participar, a acompanhar esse segmento da sociedade, você..., se você sente que você tem alguma afinidade , alguma identidade com isso, então você acaba automaticamente ingressando. Aí depois, depois de você..., desse envolvimento através dos pais, você automaticamente você acaba seguindo o mesmo caminho....para você ter uma identidade sabe de você

ter...chegar para seu filho, para sua família e falar: não, oh! nós temos uma comunidade na cidade, assim como existe da colônia italiana, a colônia japonesa, a colônia espanhola, tem a colônia africana... .”¹⁴⁰

A concepção de identidade deste integrante do Flor de Maio transparece na sua fala. Para ele ser negro é ter uma “referência” de “comunidade”. Viver em uma “comunidade” parece ser o ponto mais importante para a pessoa ter uma “identidade comum”. Veja que também ele ressalta que essa comunidade deveria ser bem mais “homogênea” do que é. Ele fala ainda, dos negros enquanto “segmento”, cuja possibilidade de união seria uma certa “afinidade” cultivada desde a infância pela participação no Flor de Maio. A identidade para ele é uma experiência de comunidade.

Nas palavras de uma professora, membro do Núcleo de Estudos Afro da UFSCar, o Flor de Maio é um ponto concreto de resistência da comunidade negra são-carlense:

“...é o ponto concreto de referência, é um ponto concreto de resistência, quer dizer todo mundo sabe onde está, quer dizer tem uma casa num lugar,...então tem um ponto é um marco mesmo e embora aí sim ideologicamente haja diferenças dos outros como movimento social eles seriam se a gente pode usar esse termo, tenderiam a ser mais conservadores do que os movimentos sociais ou pelo menos na interpretação dos próprios grupos do movimento social... .”

Os futuros militantes do movimento negro da cidade, desde pequenos participavam do Flor de Maio com seus familiares, fato narrado por uma das líderes do Centro Cultural Negro Municipal:

¹⁴⁰ Depoimento de um dos integrantes do Flor de Maio.

“...a gente sempre militou, por exemplo, meu avô militou sem saber, sem perceber que era militante do movimento negro, mas ele foi presidente de uma entidade negra (Flor de Maio) e por que surgiu essa entidade? Na época tinha aqui o São Carlos Clube, clube dos ricos, nem os brancos pobres tinham acesso a eles, muito menos negros, se você tinha dinheiro, você era barrado por ser negro...quando eu venho de uma família que tinha um homem, que tinha uma cabeça boa e juntamente com outros elementos negro se juntaram e fundaram um clube,..., clube dos negros, já é uma militância que vem vindo de vários anos, tem a ver com a história familiar, então porque você não é só militante do movimento negro, por ser do Congada ou do Centro Cultural Negro Municipal, ...eu sou neta de presidente, minhas tias, minha mãe “moravam” lá dentro, todas levaram o nome do clube fora.... .”

Outro líder do Centro Cultural Negro Municipal ressalta a importância da vivência familiar no Flor de Maio:

“ O papai me deu meu nome, porque eu sou filho adotivo, o papai me deu nome, ele foi do Flor de Maio, ele foi um dos diretores do Flor de Maio junto com Dona Anésia, Seu Ismael, o finado Seu Zezinho...meu pai foi ator de teatro dentro do Flor de Maio, minha madrinha foi princesa, o casamento dela foi realizado lá”

Também foi perguntado ao mesmo militante, sobre a contribuição do Flor de Maio na sua valorização enquanto negro: *“Lógico que contribuiu!! porque pela minha vontade o Flor de Maio ainda representaria a minha sociedade, no entanto eu precisei criar dois movimentos negros para ter uma participação como jovem aos 25 anos de idade....o Flor de Maio foi a minha escola, eu achei que um dia eu seria diretor no Flor de Maio... .”*

Veja que este militante além de ressaltar a importância do clube na sua valorização enquanto negro coloca que o Flor de Maio ainda “representaria a minha sociedade”. O Flor de Maio na sua concepção deveria ser um representante de determinado grupo da sociedade.

Um dos líderes do Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada também foi filho de pessoas que trabalharam no Flor de Maio: *“...como surgiu o Flor de Maio, que era congregar famílias negras que constituíram o Flor de Maio, a exemplo do meu tio, do meu pai, da minha mãe que participava da direção do Flor de Maio.. .”*

Este depoimento é confirmado pela mãe deste líder do Congada que também ressalta que o Flor de Maio é um clube da “raça”:

“...eu fui diretora, meu marido era da diretoria também...os meus filhos sempre freqüentavam com a gente. Então era muito bom, a gente se dava muito bem com todas elas trabalhavam...é um clube muito bom mesmo, um clube da raça mesmo, não tem preconceito... o único clube de negro é o Flor de Maio, então é ali que se reúne, tem um baile, no sábado tem baile bom, aí a gente vê um pouco da massa, mas nem todos, a maioria era ali mesmo....”

Neste depoimento aparece um aspecto interessante. Ou seja, a pessoa não se identifica com as outras enquanto um grupo social específico mas enquanto “raça”. A importância do Flor de Maio aparece na medida em que ele aparece enquanto um clube da “raça” e o mais importante, um local onde “não tem preconceito”.

Nos depoimentos analisados destas pessoas que participam ou participaram do Flor de Maio sobressaem certas palavras que indicam uma certa concepção de identidade. A palavra que mais se destaca é “comunidade”. A identidade, para estas pessoas que participam no Flor de Maio é a vivência de uma “comunidade”. Esta concepção de identidade irá refletir em uma determinada forma de organização, ou seja, um clube. Este clube propiciará a reunião desta “comunidade”. Nos bailes e nestas festas de certas datas comemorativas como o 04 de Maio (data de fundação do clube) a “comunidade” se reunirá.

A universidade aparece também como um aspecto importante na formação de grupos de movimento negro. Na entrevista deste líder do Congada, ele ressalta a importância da Universidade na sua formação enquanto militante do Movimento Negro:

“...tenho a felicidade de estar numa família onde essas discussões sempre..., desde cedo discutíamos em casa e exemplos de participação e até o próprio acesso à universidade muito cedo..., porque eu comecei a trabalhar formalmente aqui na USP com 12 anos...dado o convívio, dada a influência com esse novo espaço social que é a universidade, acabou trazendo novas informações, contato com outros tipos de pessoas, acesso ao conhecimento, acesso à cultura... .”

Um outro militante do Congada ressalta que este movimento muitas vezes foi identificado como um movimento de negros universitários:

“...esse movimento ele era considerado como movimento de negros universitários, da universidade, mas se você fosse ver mesmo, de universitário lá no meio era muito pouco, era considerado desse jeito, porque o negro dentro da universidade, ele está vendo as discussões lá, está vendo como as coisas andam, então tinha esse lado...”

Os líderes entrevistados do Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada e do Centro Cultural Negro Municipal tinham pais, tios ou avós que trabalharam ou fundaram o Flor de Maio. Este fato demonstra a importância do Flor de Maio na vida dessas pessoas e que de alguma forma contribuiu na suas vidas de militantes do movimento negro. Além disso, os três líderes são trabalhadores da universidade o que de alguma forma ajudou como atestam os depoimentos transcritos.

3.2 - A cultura como estratégia de agremiação de novos membros

As manifestações culturais como dança, teatro e outras atividades aparecem dentro dos grupos do movimento negro constantemente. Em uma análise superficial pode-se supor que estas manifestações têm apenas um caráter recreativo sem nenhuma preocupação com a resolução dos problemas que atingem o negro na sociedade. No discurso dos militantes a cultura assume um papel importantíssimo no movimento.

Segundo um dos militantes do Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada:

“...naquela época, a gente poderia estar ganhando algum espaço na sociedade, se a gente aproveitasse esse lado cultural para poder estar divulgando as coisas que acontecem e ao mesmo tempo trazer o pessoal para discutir, debater, se conscientizar não aceitar as coisas que estavam sendo colocadas...era colocado através de peças teatrais que a situação era aquela e que de repente a gente tinha que mudar aquela situação, então através da cultura a gente estava passando, cultura a nível de teatro...tinha a apresentação e em seguida a apresentação tinha uma participação da comunidade que assistiu a atividade para estar debatendo

aquilo que foi feito...”.

O “lado cultural” como uma forma de “conscientizar” as pessoas sobre os problemas que elas vivem no seu cotidiano aparece como um aspecto importante para este militante. Esta visão é muito parecida com as concepções de cultura do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes¹⁴¹.

Fica claro que as manifestações culturais aparecem como um veículo ou uma linguagem através do qual seria possível discutir os problemas relacionados ao preconceito e a discriminação vivenciada pelo negro na sociedade brasileira. Para esse militante do Congada tentar agremiar novos membros através de discussões políticas se tornaria inviável:

“...se você pegar o conjunto geral da sociedade para ver quem gosta de ficar assistindo programa político na televisão: a minoria...então você acha que a gente vai colocar pro nosso pessoal isso?, o elemento negro que é tão massacrado na sociedade para ele ficar discutindo política ? não tem sentido, então vamos partir para um lado que a gente sabe que o pessoal vai participar...a gente faz que o teatro vá até eles, vamos fazer uma coisa na linguagem deles...”. Observe-se como articula a questão política com a cultural:

“...quando que o Grupo de Cultura Afro-Brasileira foi fundado, ele já foi fundado pensando nesse lado que teria que ter a participação política no meio da sociedade, então não deveria ser só a parte cultural, teatro, não! a gente tinha que participar politicamente das coisastemos que conscientizar o nosso pessoal...”.

As manifestações culturais surgem para este outro militante do Centro de Cultura Afro-Brasileiro Congada como uma forma de propiciar a formação de uma chamada “consciência étnica”:

¹⁴¹ A discussão mais detalhada sobre o Centro Popular de Cultura da UNE encontra-se na pág. 49.

“...A estratégia continua e está dando certo até hoje, espero que continue nessa linha é com as atividades culturais. Entendemos que com as manifestações culturais, com os grupos de danças, que nós já temos um novo grupo de dança trabalhando...através dessa atividade que você vai trazendo a consciência cultural, consciência étnica nessas crianças, nós não podemos de forma alguma pegar adolescente e querer discutir política, querer discutir acesso a universidade, ... o espaço cultural, no meu entender, é um espaço que você vai levantar toda essa problemática, você vai mostrar a importância sim da participação política, o resgate de sua identidade cultural, identidade étnica, a etnia que você faz parte, não ter como acontecia no passado, criança com vergonha de ser negro, então a dança, não é só a dança, isso tem que ficar bem claro, porque quando se faz um trabalho, a preocupação principal do Congada é sentar com as crianças é discutir o papel delas enquanto mulher, enquanto adolescente negro, o porquê que está com o cabelo trançado, o porque que tem o corpo daquele jeito, o porquê que tem facilidade de dançar, porque ela rebola mais que outras etnias, enfim, existe toda uma herança cultural que é peculiar à raça a qual você pertence é nesse trabalhos culturais que a gente passa essas preocupações”

Nas concepções destes militantes do Centro de Cultura Afro-Brasileiro Congada ressalta-se a relação entre “manifestações culturais” e formação de uma “consciência étnica”. As “manifestações culturais” propiciam o debate dos problemas do negro na sociedade. A partir deste debate o negro se conscientiza dos seus problemas, o que seria o primeiro passo para a participação política. A identidade para eles aparece como “conscientização” que desemboca numa ação política.

Um militante do Centro Cultural Negro Municipal coloca também a importância dessas manifestações como uma maneira de propiciar ao negro a sua expressão. Além disso, essas manifestações, para ele, irão diminuir na medida em que o negro tenha maior visibilidade na sociedade brasileira:

“...eu acho que é uma forma de você conseguir fazer com que o negro expresse alguma atividade..eu acho que é uma forma de você reunir pessoas iguais, pares iguais pra discutir interesses comuns..a medida que se criar um plano educacional

onde você possa falar de negros e brancos igualmente constituídos, uma sociedade democrática, eu acho que o negro vai deixar de fazer as suas reuniões culturais, porque ele vai ter outros espaços, se ele não tem outros espaços, eu acho que ele deve, eu acho que ele deve ficar mesmo lá discutindo e falando coisas para tentar abrir um espaço dele, mas ele está abrindo um espaço de branco, porque se ele assumidamente for um espaço pró negro, ele vai entender o que acontece com as reuniões culturais, porque você não consegue reunir, você ainda consegue reunir em alguns locais como o movimento negro... .”

A mesma percepção é compartilhada por outro militante do Congada:

“ Olha quando você fala que há uma grande concentração de italianos, que teve também sua mão na construção do país. Mas quando você sai de São Carlos ou mesmo quando você permanece em São Carlos, você consegue, as demais culturas estão visíveis no seu cotidiano. Então o que falta para o negro é ele sentir se como parte integrante desse processo de construção política, cultural e social seja em São Carlos, seja em Ribeirão Preto, seja no Brasil como um todo. ... Então o que a gente quer nesse momento é esse resgate para sua identidade, sentir presente, é sentir visível: embora São Carlos tenha uma grande contribuição dos italianos, (como também em) Ribeirão Preto, mas o negro aqui em São Carlos também deu sua contribuição. Então eu quero fazer parte desse processo.”

Uma questão que sempre aparece é sobre a especificidade de uma cultura negra no Brasil. Considerando que o Brasil é formado pela interação de várias culturas e que as mesmas não se apresentam como entes separados, como falar de uma especificidade cultural negra ? Estudiosos como Ortiz¹⁴², argumentam que essa é uma das dificuldades do movimento negro: como reivindicar uma certa especificidade cultural se a cultura negra já foi apropriada pelo resto da população? Parece claro que todas as vezes que o movimento negro tenta reivindicar uma certa especificidade cultural ele encontra dificuldades. Muitos estudiosos argumentam que essa cultura já não é específica do povo negro mas dos brasileiros como um todo. Talvez não seja essa a questão a ser levantada, é obvio que as culturas estão diluídas e interagidas e portanto não são propriedade de determinado povo. O

¹⁴² ORTIZ, Renato - *Cultura Brasileira & Identidade nacional* - São Paulo: Brasiliense, 1994. Especialmente

problema é que, quando grupos do movimento negro tentam mostrar as origens africanas de certas manifestações culturais brasileiras lhes é negado esse direito. A cultura brasileira é formada pela interação de várias culturas, mas muitas vezes, a contribuição negra é desvalorizada em relação às demais.

A percepção de uma militante do Centro Cultural Negro Municipal sobre o que seria a cultura negra:

“... No meu ponto de vista eu acho assim: o negro nasce ouvindo samba, cantando samba...porque nós negros, nós nascemos numa casa onde a gente ouve falar de samba,...não é que o negro nasceu só para sambar, não é isso, o negro não nasceu só para dançar samba, ele nasceu para estudar, para falar inglês, para falar francês, para tudo isso, agora o que eu acho que é uma coisa de sangue mesmo e muito poucos negros que vão sair da nossa cultura para dançar ballet, para cantar opera para fazer isso, fazer esse tipo de coisa, a gente pode fazer outras coisas, daí você vê mesmo os negros que estão se destacando aí na música, são poucos. A maioria no samba mesmo, tem o Djavam que canta uma música diferente é lógico que tem alguns, o que eu acho é que você não impõe uma cultura para uma pessoa, é a mesma coisa, outro dia eu vi um conjunto de japonês cantando pagode, achei excelente mas é uma coisa rara, ele saiu totalmente da cultura dele, nós não vivemos na África, não temos aquela cultura africana mas temos as coisas que vem vindo aí, de décadas, 100 anos, 500 anos, mas está aí, foi passado de certa forma alguma coisa...cultura afro, tem algumas coisas como eu falei para você nas formas de se vestir que se não é uma coisa que eles fazem porque vem vindo culturalmente e algumas coisas estão sendo colocadas, por exemplo, na área de esporte, hoje a capoeira, se antes ela não era bem vista, agora não só os negros mas a capoeira está em todas as classes sociais, quantos artistas está jogando, lutando, a música é que nada disso aí a comunidade negra é detentora, nem deve, como o branco não é detentor da sua cultura também, que já passou para os negros, ninguém está detendo isso aí nas mãos mas são coisas específicas de cada cultura, a origem é a música, a religião e revalorizando. Tanto é que você vê, candomblé não é privilégio de negro, os grandes pais de santos são até brancos...quando a gente defende tudo

isso não quer dizer que eu enquanto negro tenho que ser do candomblé, absolutamente, mas eu tenho que ter entendimento que é uma coisa da comunidade afro, mas eu não tenho nenhum compromisso de ser do candomblé, assim como o branco não deixou de ser católico, presbiteriano e sei lá que seja.. .”

No depoimento deste outro militante do Centro Cultural Negro Municipal como ele percebe a cultura negra:

“...cultura da raça italiana, da raça do judeu, do japonês, seria o ideal que eu gostaria que existisse na minha raça...mesmo que as outras culturas ignorem, é impossível não ver, que a presença do negro marcou o desenvolvimento do país...cultura negra no Brasil, tem muito mais veículo de comprovação do que você juntar um monte de japoneses, e, fazer cerimônia japonesa. O negro brasileiro, com a sua capacidade de sincretismo continuou congregando, continuou celebrando os santos da religião católica com seu sincretismo e praticando a religião africana, que é a Umbanda e a Quimbanda. Eu acho que é por aí, cultura negra não tem jeito de ignorar.”

A cultura é concebida pelos militantes das organizações negras de São Carlos, principalmente como manifestações artísticas como dança, teatro, música e etc. Para eles a cultura é essencial na medida que promova a valorização a identidade negra e propicia a reflexão sobre os problemas do negro na sociedade brasileira.

3.3 - Identidade para os militantes e as dificuldades para sua constituição devido ao contínuo de cor.

A identidade negra para os participantes dos grupos do movimento negro de São Carlos é pensada de forma positiva. Busca-se criar a identidade a partir da valorização do elemento negro na história brasileira e dos aspectos estéticos do negro. A revalorização estética é cada vez mais importante e o sucesso da Revista Raça vem demonstrar isso ajudando na auto-estima. Veja como esta militante do Centro Cultural Negro Municipal concebe uma identidade negra e vê o papel desta revista:

“ ...ser negro é mais ou menos o que eu falei pra você, não é só eu ter a pele negra, ser negra é eu aceitar, eu gostar da minha cultura, eu aceitar...., ser negra é ser o que eu sou, é gostar do meu cabelo como ele é, é gostar do meu nariz, dos meus lábios e hoje eu estou vendo que o pessoal está valorizando e está chamando isso para as crianças, para eles ficarem contentes do jeito que elas são,...somos diferentes e as nossas diferenças não quer dizer que as suas são bonitas e as minhas diferenças são aquilo que me faz feia não!, as minhas diferenças são aquelas características da minha raça, então é isso ser negra é eu gostar de mim...depois da saída dessa revista Raça eu acho que ficou melhor ainda porque começou criar uma auto-estima tão grande no negro, todo mundo gostando de ser negro, os atores estão falando que é muito bom ser negro, está se auto-valorizando enquanto negro, isso está passando prós nossos adolescentes, nossas crianças essa coisa positiva...eu acho que a coisa está mudando,...sou negro sim e daí, então eu acho está mudando pode não ser na minha geração mas as gerações que estão vindo aí... .”

A revalorização das origens também aparece como um ingrediente essencial para definição da identidade para esta militante do Congada:

“...identidade é lá de trás, quem é que vê como é que eu estou aqui porque eu nasci aqui, antes de eu nascer aqui teve que ter alguém aqui, então essa identidade, vamos dizer física...então nesses aspectos todos, quem sou eu ? eu sou africano sim, os meus antepassados vieram da África, por exemplo, na minha família tenho,

a minha identidade também é indígena, porque eu tenho meu bisavô, não meu tataravô é indígena, então eu não posso dizer eu sou puramente africana, eu não sou, eu tenho o índio também, só que muito mais forte o africano .”

No depoimento transparece também a identidade associada principalmente à característica “física”. Para esta militante ser descendente, por exemplo, de índio já lhe confere uma identidade indígena. A identidade, nesta percepção, parece estar associada a questões de ordem genética. De alguma forma, existe uma “naturalização” de características que são sociais e não transmitidas hereditariamente.

Algumas vezes a identidade é percebida como algo existencial. Como se ser negro fizesse com que as pessoas tivessem uma percepção diferente da realidade e até outras sensações. Observe no depoimento deste militante do Centro Cultural Negro Municipal: *“...Ser negro, é uma coisa muito importante,..ser negro para mim é um negócio inexplicável, porque eu tenho experimentado os maiores prazeres da vida...eu tenho orgulho de ser negro.”*

Para um dos integrantes do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio ser negro é você ter consciência que pode ir até aonde os outros vão:

“...não adianta você achar que você tem o tom de pele mais claro você não é negro. Não adianta ,sabe? Eu fico revoltado até com essa questão de pessoa chegar e te chamar de moreno. Porque dá a impressão de que se ela te chamar de negro ela está te ofendendo. Quando na verdade, não, espera aí, eu sou negro mesmo, entendeu e não tenho vergonha disso não...é você assumir sua negritude, entendeu? você ter personalidade, sabe, ter assim...consciência de que você tem condições de ir até onde os outros tem (vão), ou você tem capacidade desde que te dêem condições para isso, coisa que não acontece... .”

No seu depoimento ele ressalta a questão do contínuo de cor, ser moreno numa sociedade discriminatória como a brasileira é preferível a ser negro. No seu caso ele se sente ofendido quando chamado de moreno. No decorrer da entrevista foi lhe pedido para definir negritude:

“..é você se assumir como negro, então...de você chegar nos lugares de cabeça erguida: se eu posso entrar, eu vou entrar ...sem problema nenhum.”

Apesar da maioria dos militantes falar em sua identidade de forma positiva um dos integrantes do Congada coloca as grandes dificuldade de ser negro no Brasil. Apesar das mudanças por que passou a sociedade brasileira ainda impera certa expectativa estereotipada do comportamento do negro. O negro ainda é associado à “malandragem” e ao “samba” e muitas vez ser negro no Brasil e um “não ser”:

“...Ser negro no Brasil é ser jogador de futebol? Ser negro no Brasil é ser mulata, negra, gostosa, desrespeitada no país, ser negro no Brasil é você estar numa sala de aula e você olhar para traz e vê 2, 3 alunos negros e não vê nenhum professor negro dando aula para você, ser negro no Brasil é ser lembrado 3 dias por ano: no carnaval, onde toda a sociedade reconhece que existe a presença negra e acaba inclusive te aplaudindo na avenida, o que é ser negro no Brasil é você pegar o jornal noticias populares e ver seu irmão ser assassinado, estourado sua cabeça na rua, e você pegar , ligar um rádio e você sendo escorraçado perante a imprensa, ser negro no Brasil é você ligar a TV Globo e se ver como serviçal, empregada doméstica, como motorista ou papel de bandido, enfim ser negro nesse país é você não ser visível é você não ver a presença negra e esse retrato está incorporado em toda mente, em todo coração negro, em toda descendência africana no Brasil...é você ficar inquieto é você ser incomodado, e você ter toda uma forma diferente de você se expressar, o seu modo de andar, o seu modo de falar, o seu modo de vestir e isso servir como piada...o que é ser negro é você não ser negro...porque não adianta, tem um ingrediente muito forte que é a cor da pele, embora você queira assumir um outro padrão mas você está lá, basta fazer uma coisinha errada, independente de ter a cor da pele um pouquinho mais clara e ter um cabelo um pouquinho melhor, não ter o nariz largo, beijo grande, tá ali marcada, o nariz largo, o beijo grande, está ali sua marca registrada... .”

O contínuo de cor aparece como um obstáculo para criação da identidade e de uma comunidade negra para esses militantes. Observe neste depoimento de uma militante do Congada:

“..porque as vezes as pessoas, são mais claras e tal, porque aqui eu tenho uma sobrinha ela sempre fala assim: eu não sou negra, eu sou bege; você é bege clara, se for aquele tom mais escuro de bege também não serve, porque não adianta,

você trabalha mas lá fora a situação ela não é fácil. Então essa coisa de moreno, não! a gente já explica: não tem esse negócio de que é moreno, moreno é você que é branco e tem cabelos escuros, nos somos negros mesmos e tem que assumir e tem ter orgulho mas também é uma coisa que você tem que trabalhar... .”

Essas diferentes matrizes de cores no Brasil é que, na opinião de uma militante do Centro Cultural Negro Municipal, dificultam a formação de uma comunidade negra:

“...porque aqui aconteceu o seguinte, essas diferenças de cores é que separam a gente..ah! você não é negra, você é mulata; você é morena; isso e aquilo, isso não é bom para nós, separa ...quando eles tiverem que tirar puxar o tapete aí eles vêem que você é negro mesmo...nos somos todos uma comunidade, quando a gente fala de comunidade negra é o povo de descendência afro-brasileira, então fica difícil, por isso que tudo mundo tira partido disso, os partidos políticos, a política vai aí não leva muita consideração porque exatamente esse é o ponto fraco que eles pegam, as pessoas ainda não tem o sentimento de comunidade, de união, de estar junto, então na minha opinião uma das coisas que divide nos enquanto comunidade negra são as denominações das diferenças matrizes, a mulata, o moreno, sabe porque mesmo o branco vem quando convém, ah! mas você não é negra e isso acaba passando na cabeça de algumas pessoas que elas não negras, porque eu vou estar naquele grupo, porque eu vou estar defendendo determinada ideologia se eu não sou negro

....¹⁴³

¹⁴³ Destaques meus.

3.4 - As diferenças entre as entidades

Os grupos do movimento negro não são homogêneos. Como partidos, sindicatos ou outras organizações inseridas na sociedade eles apresentam diferentes visões. Neste item pretende-se mostrar algumas das divergências das entidades.

Na visão de militantes do Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada e do Centro Cultural Negro Municipal o Flor de Maio hoje se encontra afastado da comunidade negra:

“ ...Onde está o instituto Cultural Afro-Brasileiro de São Carlos ? Não tem. Na verdade, este papel deveria estar com o Flor de Maio. É neste contexto que também surge o Flor de Maio. Ele surge com famílias negras, que eu posso dizer também tradicionais da cidade aqui de São Carlos, famílias negras que também tinham essa preocupação, não tinha um espaço para a comunidade negra. É esse o papel que serviu o Flor de Maio, foi com esse propósito que surgiu o Flor de Maio e que infelizmente hoje nós não estamos na plenitude esse papel, esse resgate fundamental para a comunidade negra. ..o Flor de Maio, como eu já disse para você, no passado o grande referencial das famílias negras de São Carlos que infelizmente já não é mais... .”

Para uma outra militante do Congada, sempre existiu uma certa “resistência” do Flor de Maio para com as outras entidades:

“É o Flor de Maio, desses aí que você citou, foi o mais difícil assim com a questão de resistência, que o Flor de Maio eles tem uma linha que era fazer baile,... eles não tinham muita preocupação com essa coisa que nos tínhamos e temos ainda hoje que é a conscientização, então havia uma certa, não é rivalidade, é uma divergência, porque alguns trabalhos que nós podíamos levar para eles não interessava, então era um espaço que a gente poderia ocupar de melhor forma, porque era um lugar estruturado, porque nós podíamos, por exemplo, ter uma biblioteca, ter um lugar físico para ensaio, então eles nunca abriram mão pra gente nesse sentido...a linha deles é fazer baile e ganhar dinheiro, não importa o tipo de baile, por exemplo, o baile de Forró nunca interessou pros jovens negros...então o que tinha mais

divergência é com o trabalho do Flor de Maio, mas mesmo assim a gente teve muitos trabalhos lá, mas é sempre assim, nunca foi fácil o acesso... .”

Essas divergências podem se dever ao fato das entidades possuírem objetivos diferentes. O Flor de Maio quando surge tinha a preocupação de criar um local para encontro e diversão das famílias negras da cidade. Ainda hoje esse objetivo permanece mas, quando necessário, ele também exerce seu papel político como ficou claro na sua atuação com outras entidades nos casos de racismo narrados no item 2.5 do capítulo 2. Talvez essa resistência também possa ser interpretada como um conflito de gerações, ou seja, os mais “velhos”, que são os diretores do Flor de Maio, têm outra visão do que se deva ser um clube enquanto a nova geração cobra uma atuação mais política da entidade. Mas, apesar disso, o Flor de Maio não deixa de ser a grande referência para este militantes como já foi dito.

Este integrante do Flor de Maio fala da resistência narrada pelas outras entidades e ressalta que a grande diferença do Flor de Maio com outras entidades é ser apartidário:

“Então eu acho até que..., eu sou favorável a que as pessoas diverjam de opiniões tal, de ponto de vista diferente, mas eu acho que deveria ter um objetivo comum,..algumas pessoas tem, além do interesse social da coisa, de comunidade, existe o interesse pela política partidária...o Flor de Maio, na minha opinião, eu acho sempre teve a vantagem de ser uma entidade a-política...entendo essa posição das pessoas que têm a resistência, porque realmente tem, eu vivi isso na pele, tá. E, no entanto mesmo com essa resistência toda eu não abandonei o Flor de Maio, eu estou lá até hoje, entendeu..., não concordo com a atual linha administrativa do clube, mas nem por isso eu deixei de participar , entendeu.... Então se você partir do princípio de que.. há 25 anos atrás, por exemplo, seria o Flor de Maio onde o pessoal se reunia, entendeu? a comunidade negra seria representada pelo Flor de Maio, vamos dizer assim. Hoje em dia, essa mesma comunidade, que hoje é um número bem maior, tem oficialmente essas três entidades, que seriam o Flor de Maio, o Congada e o Centro Cultural e no entanto a gente tem uma representatividade bem menor, entendeu? Então, quer dizer, a gente ficou grande

mas não cresceu....eu acredito que até essa resistência mesmo que a gente falou há pouco tempo atrás de que o clube sempre foi fechado...eles não davam abertura para juventude, como não dão até hoje. Então essa é uma das razões porque o pessoal não tem muito acesso àquilo lá. ”

As diferenças de visões que também podem ser vistas como diferenças de gerações podem ser atestadas no depoimento de um membro do Congada:

“...o Flor de Maio é uma entidade que vem, é coisa de famílias dentro da cidade, foi fundado por famílias etc. e tal, tem famílias que são bastante tradicionais dentro do Flor, mas eles..., a geração que estava naquele momento não via desse jeito, não sei talvez até o medo de embate mesmo, de repente eu estou conflitando, quando eu começo a colocar, então para colocar esse empenho dentro da cidade, junto aos órgãos, bem constituída, preferiram não atacar esse lado e a gente atacava, para não criar animosidade, conflito, eles achavam que tinha que ser pacífico...então a gente falava coisas que eles não gostavam que a gente ficava falando...cada vez que a gente tinha que desenvolver alguma coisa lá, que a gente nunca deixou eles de lado, passava por um crivo de reuniões deles, pra vê se aceitavam aquilo que a gente estava pedindo, foi sempre assim, então é por isso que eu falo: existia uma interação do tipo que eu estou falando, existia uma articulação, a articulação, a articulação sempre foi puxada por esse grupo o Congada...assim como existia divergência de atuação do Centro Cultural Negro e com o Flor de Maio... .”

Existe também diferenças de visões entre o Congada e o Centro Cultural Negro Municipal. O Congada sempre ressalta que existe uma diferença de projetos políticos entre as entidades. Para esta entidade o Centro Cultural Negro Municipal está ligado ao PMDB, mas apesar dessas diferenças quando necessário as entidades se unem:

“...o Centro Cultural Negro é uma entidade que não faz parte do Congada, é uma outra entidade com outro projeto político que não me cabe nesse momento está falando sobre esse projeto mas que tem ao longo das manifestações que requer a presença do movimento negro como um todo, estamos juntos na atuação, que requer que estejamos juntos, mas cada entidade tem total liberdade, tem seus projetos específicos, tem sua forma de intervenção no município, o que eu posso

dizer é que o Congada é uma entidade política mais contundente, muito mais organizada, muito mais preparada para os embates políticos..o que nos temos assistido é que ficam discutindo espaço público , espaço físico junto ao poder local que infelizmente não tem trazido contribuição de reversão política, tem servido de espaço para revanche para discussão, para apresentação de atividades culturais mas não tem sabido ainda canalizar, ter tido ainda a estratégia política de utilizar esse espaço para reversão social do negro em São Carlos, não tem sabido apresentar projeto para que o poder constituído aqui em São Carlos, pudesse através dessa entidade, que tem proximidade, que assumiu esse projeto junto à administração pública municipal, não tem apresentado nenhum projeto na sua história na área de lazer, na área política, na área social, na área cultural... .”

Uma outra militante do Congada também coloca o Centro Cultural ligado ao PMDB:

“ É uma facção do Congada dentro da universidade.....o Centro Cultural é uma criação do PMDB é bem ligado com o partido,...tudo bem que funciona, eles fazem atividades também em prol da comunidade negra, mas também tem este aspecto político que não interessava pra gente, ser ligado a nenhum partido e alguns trabalhos a gente desenvolveu muito tal, mas eles têm a linha de trabalhos deles e a gente tem a nossa, não tem nenhuma ligação não....o Centro Cultural Negro se eu não estou enganada é uma criação do PMDB ... então de repente cria-se um centro cultural tal, mais foi tal partido que criou, então você vai aglomerar para aquele partido, só que não é uma coisa tão clara é tudo por traz.. .”

Neste depoimento o Centro Cultural é associado ao poder político local. Para militantes do Centro Cultural essa é uma imagem pré-concebida da entidade. Um de seus integrantes ressalta que entre seus militantes existem pessoas de vários partidos. Além disso o espaço conseguido junto à prefeitura é da comunidade negra como um todo não especificamente ligado a nenhum partido:

“...embora ele chame Centro Cultural Negro Municipal, ...a Prefeitura tem dado infra-estrutura para a gente,..., mas nos temos a liberdade para ser do partido que a gente quiser, inclusive falar do prefeito como muitas vezes teve necessidade...então a gente tem a infra-estrutura da prefeitura mas com plena liberdade de fazer crítica em

cima da prefeitura...o Paulo Altomani fez uma reunião com a comunidade no Centro Cultural; porque o Mello não pediu, não quis, e só não fez o Lobbe porque também não solicitou; a Silvana também, porque não solicitou, porque se você quer falar com a comunidade negra se houvesse intenção deles, ali era o espaço correto, porque o Centro Cultural é que tem uma entidade que tem uma sede, tem um local onde poderia estar reunindo a comunidade negra...todos os candidatos poderiam estar fazendo isso, porque o Centro Cultural não tinha vínculo com partido nenhum,...os elementos de lá tem mas o Centro Cultural não... .”

Ainda neste depoimento, a militante do Centro Cultural ressalta que as diferenças existem e são importantes mas quando é preciso as entidades se unem: *“.....sempre teve a Congada, tinha o Flor de Maio que é mais visto pelo lado cultural tal, mas o lado de lazer...eu acho que do meu ponto de vista para que a gente cresça é preciso ter oposição, aí pintou o Centro Cultural, eu acho isso super natural, não foi bem visto quando começou lá pelo pessoal do Congada, porque afinal de contas , Você está aí anos sozinho, fazendo determinado trabalho, aí vem outra, por que mais um ? por que não veio com a gente ? fica aquela coisa tal, então pintou o Centro Cultural, no começo ficou assim, o Congada de lá e a gente parecia o primo rico sem ter nada, mas eu falo o primo rico sem ter nada, mas eu falo primo rico porque a gente veio apoiada pela administração, apoiada pelo Mello na época, então com uma salinha, então a gente era vista com uma certa antipatia até pelas pessoas que não eram do Congada,...o Congada sempre vinha e você sempre preparava para defesa, mesmo sem ter diálogo de discussão, ofensa, nada, fica sempre um na ofensiva, na defensiva e vice-versa....se eu não posso juntar no Centro Cultural determinadas pessoas, o Congada pode, ótimo! o importante que nós todos estamos trabalhando com o mesmo objetivo,...então se antes no começo foi uma coisa, assim tipo não muito agradável, hoje se convive muito bem com isso e a gente ter que ter inteligência suficiente de perceber que nos temos que estar unidos porque enquanto isso o branco tira proveito, o branco que está no poder...porque a gente quanto mais a gente separa mais perde principalmente na política porque quando saí, a gente põe um elemento negro para ser candidato, a gente está dividindo, assim mesmo assim mesmo a gente está dividido....só que nessa eleição a gente*

optou pelo menos por não dividir em torno da candidatura do Casimiro...porque a gente precisa eleger um candidato negro e daí você perceber o Casimiro teve uma boa votação, 700 votos.... .”

Na eleição municipal de 1996 as três entidades se uniram em torno da candidatura de Casimiro Paschoal da Silva, o que ressalta que, apesar das diferenças elas se unem quando preciso.

O Centro de Cultura Afro-Brasileira é visto pelo Centro Cultural Negro como uma entidade radical. Na concepção desta entidade a radicalidade se dá no sentido de se criar uma comunidade fechada de negros sem interação com outras pessoas. É em função disso que eles explicam a fundação do Centro Cultural Negro Municipal:

“.... eu achava que o movimento negro de São Carlos era dominado por negros de São Paulo, eu falei olha, tinha sempre umas atitudes, achava que as negras...eles queriam fazer um quilombo, mas só cheio de mulheres negras, usasse trancinhas e roupas africanas e que não podia mulher negra conversar com homem branco e homem branco e homem negro não podia conversar com mulher branca, eu achava isso ridículo...eu fiquei revoltado com isso e falei eu vou sair daqui, vou sair daqui, vou formar um movimento que não seja radical de negros contra brancos, vai ser uma discussão antropológica, uma discussão séria de que espaço o negro pode ocupar em São Carlos,...achava o Congada um pouco radical, 2 ou 3 anos depois eu fundei o Centro Cultural,... .”

Veja no depoimento de um dos militantes do Congada o que seria a radicalidade do Congada:

“..porque a gente sempre foi visto como um grupo assim rebelde, radical...a gente falava direto, tem problema de racismo na polícia, e isso...isso, eles já achavam que a gente tinha que vir suave, porque ficar falando tanto assim... .”

A radicalidade, por outro militante do Congada, é vista como uma forte atuação política:

“...nós éramos chamados para debater com lideranças estudantis,..., está discutindo com lideranças políticas aqui de São Carlos,...,então existe essa outra faceta ...acaba de certa forma rotulando, estigmatizando o Congada como sendo grupo

radical, um grupo político muito radical que não tem espaço para discutir racismo, porque nós somos um grupo fechado; não é essa realidade, a realidade que nos somos um grupo, que era constituído naquele momento, um grupo de pessoas preparadas, embasadas politicamente preparados para discutir com qualquer segmento organizado da cidade. E que tinha suas formulações próprias e que tinha sua leitura... .”

Nesse mesmo depoimento este militante coloca que talvez a radicalização do conflito étnico seja a única solução para o problema do negro no Brasil:

“.....não existe conflito étnico no Brasil... mas é só quando você liga a televisão quem leva pancada ? quem morre?; a gente sabe quem é!; então se continua essa cultura do bem bom, embora negro,..embora em minoria em participação nas instâncias, mas é bom!; nos somos Brasil...eu quero assim que a gente tenha condições de vislumbrar um processo de radicalização racial nesse Brasil, porque eu acredito que será a única forma e esse processo não significa violência não! não significa luta armada!.... .”

Esse depoimento pode ser interpretado como um desabafo e um alerta, desabafo pois apesar da luta e organização dos grupos do movimento negro, a situação social do negro não melhorou muito e o racismo e discriminação ainda são fortes. Pode ser visto também como um alerta, são cada vez mais necessárias políticas públicas que promovam o desenvolvimento e integração dos mais pobres a sociedade.

Apesar dessas diferenças existentes entre as entidades elas atuam juntas quando preciso como foi bem relatado na atuação das mesmas nos casos de racismo. Como bem relata um membro do Núcleo de Estudo Afro-Brasileiros da UFSCar elas representam diferentes formas de resistência:

“... é muito importante a presença deles, eles representam de formas diferentes, lugares de resistência e ao mesmo tempo a canalização da luta seja enquanto movimento social que é o caso do Congada e do Centro Cultural, importantíssimo, importante e eles, a gente tem um trabalho em conjunto mas tão pouco porque até haviam diferenças, não sei se diferenças pessoais,...porque ideologicamente me parece que fundamentalmente não há grandes diferenças e por isso eu chego a crer

que houvesse diferenças entre pessoas... .”

Considerações Finais

Este trabalho se propôs a fazer uma análise de três organizações negras da cidade de São Carlos: O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, o Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada e Centro Cultural Negro Municipal. Procurou-se desvendar a história dessas entidades e entender como tais entidades articulam política e cultura no movimento negro.

Durante o estudo pode-se perceber a importância da cultura para o movimento, pois a cultura surge como uma linguagem através do qual podem ser inseridas questões políticas que discutam os problemas gerais do negro na sociedade brasileira. Esta estratégia é muito parecida com as idéias desenvolvidas pelos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes¹⁴⁴. A idéia destes CPCs era utilizar as manifestações culturais populares como uma forma de conscientização que levasse a uma ação política. Da mesma forma grupos do Movimento Negro passam a utilizar das manifestações culturais com os mesmos objetivos. A cultura é um fator importante, na medida em que fornece elementos para se repensar os estigmas que se abatem sobre o negro na sociedade e com isso ela possibilita a formação de uma identidade positiva nas pessoas participantes do movimento¹⁴⁵.

Os grupos do movimento negro de São Carlos passam a se organizar segundo os tipos de concepção de identidade que possuem. No caso do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio a idéia de identidade esta ligada à noção de comunidade. As pessoas pensam a identidade como uma vivência de comunidade, desta forma, a organização se dá na forma de um clube recreativo que propiciará o encontro da “comunidade”. Este “encontro” se dá nos bailes e festas promovidas em datas especiais¹⁴⁶ que levam a reunião desta “comunidade”.

¹⁴⁴ ORTIZ, Renato - *Cultura Brasileira & Identidade nacional - São Paulo: Brasiliense, 1994*. Maiores detalhes sobre esta discussão ver pág. 49 deste trabalho.

¹⁴⁵ Sobre esta conclusão ver também: SOUZA, I.S. - *Resgate da Identidade na travessia do Movimento Negro - São Paulo: USP, tese de doutorado*.

¹⁴⁶ Datas como 04 de maio (dia em que se fundou o Clube) e o 13 de maio são algumas datas importantes para o Clube.

O Centro de Cultura Afro Brasileira Congada ressalta mais o aspecto “político” utilizando as manifestações culturais como uma forma de conscientização da identidade que leve uma ação política. A cultura e a identidade são concebidas com fins eminentemente políticos.

Quanto ao Centro Cultural Negro Municipal é uma associação com fins de divulgação cultural. Em seus objetivos ele se propõe: a divulgação da cultura negra e buscar a igualdade social dos vários segmentos que formam a sociedade brasileira. Para alcançar esses objetivos o Centro Cultural Negro Municipal realiza exposições, feiras de literatura negra e etc. Busca-se mostrar a contribuição da cultura negra no Brasil. Deve-se ressaltar também que ele tem um papel político importante, pois foi principalmente através da sua atuação que conseguiu a condenação de um caso¹⁴⁷ de racismo na cidade. A identidade, para esta entidade, surge como uma forma de revalorização da contribuição cultural dos negros na sociedade brasileira com isso sua forma de organização é uma associação de divulgação cultural.

Neste trabalho utilizou-se da definição de movimentos sociais proposta por Claus Offe: “...puedem definir-se los nuevos movimientos sociales políticamente relevantes como los movimientos que reivindican ser reconocidos como actores políticos por la comunidade amplia - aunque sus formas de acción no disfruten de una legitimación conferida por institucionales sociales establecidas - , y que apuntan a objetivos cuya consecución tendria efectos que afectarían a la sociedad en su conjunto más que al mismo grupo solamente.”¹⁴⁸ Esta definição contempla tanto o Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada quanto o Centro Cultural Negro Municipal que visam em seus objetivos a igualdade social, especificamente para os negros e de forma geral para todos os segmentos que compõe o Brasil. Na medida que essas duas entidades lutam por esses objetivos, elas estão contribuindo para busca de uma efetiva cidadania no Brasil, e com isso, elas afetaram não somente aos negros mas a população como um todo. Quanto ao Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, o mesmo se insere nos movimentos sociais surgidos na

¹⁴⁷ ver item 2.3 do Cap. 2.

¹⁴⁸ OFFE, C. - *Partidos Políticos y Nuevos Movimientos Sociales*/ Claus Offe; Trad. Juan Gutierrez - Madrid: Sistema, 1992. pág. 176. Sobre a discussão de movimentos sociais e definição adotada neste trabalho ver item 1.1 do Cap. I.

década de 20 analisados por Florestan Fernandes¹⁴⁹.

Uma questão que se coloca é se há uma especificidade na organização dos movimentos negros ou se eles se configuram da mesma maneira que outros grupos da sociedade? No caso específico desta pesquisa ficou constatado que essas entidades se organizaram a partir de padrões já existentes na sociedade. O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio surgiu na cidade em função da falta de possibilidade da comunidade negra poder ingressar em clubes ou outras organizações da sociedade (Moura, 1988). Ou seja, na época vários segmentos existentes na sociedade são-carlense possuíam seus clubes. Existia por exemplo o São Carlos Clube e o Ítalo que são clubes que se iniciaram com os descendentes de Italianos no Brasil. A comunidade negra, da mesma forma, se organizou nos mesmos padrões de clubes já existentes e neste sentido não há qualquer tipo de especificidade na sua forma de organização. Veja que até entidades mais antigas a como Frente Negra¹⁵⁰ se organizam a partir de padrões existentes na sociedade. Havia na Frente Negra uma certa influência de uma hierarquia autoritária que era muito presente na sociedade da época. Dessa forma os grupos sociais utilizam de padrões de organização existentes na sociedade.

Em São Carlos, o Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio teve extrema importância para o surgimento de grupos do Movimento Negro na cidade. A pesquisa constatou que os líderes destes grupos são em sua maioria filhos, netos ou sobrinhos de fundadores do clube. O Clube aparece como uma referência para estas pessoas, um marco que demonstra a capacidade de organização desta população. Um marco da comunidade negra dentro da cidade. A população de uma forma geral identifica o clube como um clube de negros. Neste sentido o clube exerceu papel fundamental na vida dessas pessoas. Desde pequenas elas participavam do mesmo, com seus familiares e amigos e portanto pode ter sido mais fácil a formação de uma identidade negra nessas pessoas. A identidade para os membros dessas entidades é reelaborada de forma positiva, fato este que já fora constatado em outro trabalho¹⁵¹. Pessoas que participam em grupos do Movimento Negro operam uma

¹⁴⁹ FERNANDES, F. - *A integração do negro na Sociedade de Classes* - Vol. 2, 3 ed., São Paulo: Ática, 1978.

¹⁵⁰ Ver cap. 1 item 1.3 págs. 35, 36,37.

¹⁵¹ SOUZA, I.S. - *Resgate da Identidade na travessia do Movimento Negro* - São Paulo: USP, tese de doutorado.

mudança em sua identidade reelaborando identidades negativas em positivas.

Muitos desses novos líderes fazem críticas ao Flor de Maio mas, apesar disso, sempre ressaltam a importância do mesmo em suas vidas. Talvez o conflito que se dê não seja tanto em função de profundas divergências entre as entidades mas devido aos objetivos diferentes a que se propõem.

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio nasceu com o objetivo de congregar as famílias negras de São Carlos e propiciar um lugar onde pudessem se encontrar e se divertir. Em seus quadros de diretoria estão pessoas mais velhas que tem outra percepção sobre os problemas do negro. Muitas vezes parece que o conflito se dê mais em função de pontos de vistas diferentes do que se deva ser um clube de negros na cidade. Tais pontos de vistas refletem o conflito de diferentes gerações dentro do movimento negro pois o Flor de Maio se insere nos movimentos narrados por Florestan Fernandes ocorridos na década de 20.

O Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada surge em 1976 influenciado por vários fatores. Dentre eles destacam-se o movimento negro nos Estados Unidos e o processo de independência nas antigas colônias Africanas. Além disso existe uma forte influência do Movimento Negro Unificado. Vários de seus fundadores eram pessoas que vinham da capital estudar no interior e que influenciaram outras pessoas. A universidade neste sentido exerceu um papel peculiar na cidade, pois muitos dos componentes do Congada eram estudantes.

A partir de idéias de membros que participavam no Congada surgiram o Núcleo de Estudos Afro da UFSCar e do Grupo de Cultura Afro da UFSCar. As duas entidades possuem pessoas que foram ou são do Congada. Hoje em dia, cada entidade tem a sua própria autonomia.

O papel na universidade fica também claro na formação do Centro Cultural Negro Municipal pois dois de seus fundadores são funcionários da Universidade de São Paulo, como também o presidente do Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada. No caso do Centro Cultural houve a influência do grupo de políticos negros do PMDB.

Uma análise superficial do Movimento Negro na cidade poderia dizer que o movimento é fraco. Apesar de manifestar-se principalmente a partir das manifestações culturais, o movimento tem uma presença política atuante na cidade. Nos casos das manifestações de racismo as três entidades atuaram em conjunto e um fato inédito aconteceu com a condenação de um radialista por racismo. Além disso, as entidades procuraram atuar em conjunto nas últimas eleições municipais. Apesar de não terem conseguido eleger um candidato, o candidato apoiado pelas três entidades conseguiu uma votação suficiente para ser primeiro suplente. Fica claro que, apesar de pequenas divergências, elas atuam conjuntamente quando ocorrem manifestações de racismo na cidade.

As três organizações analisadas neste trabalho demonstram a capacidade organizativa de uma população que muitas vezes é acusada de conformismo com a situação em que se encontra. O desenvolvimento e manutenção dessas entidades é importante, pois através da sua atuação elas estão contribuindo para construção de uma verdadeira cidadania na cidade de São Carlos.

Bibliografia:

BARBOSA, Irene Maria Ferreira - *Socialização e Relações Raciais: Um estudo de famílias Negras em Campinas* - Dissertação de Mestrado - São Paulo: USP, 1978.

BARTH, Fredrick - *Los Grupos Étnicos y sus Fronteras* / Fredrick Barth; Trad. de Sérgio Lugo Renalan - México: Fondo de Cultura Econômica, 1976.

CANDIDO, Antônio - "A faculdade no Centenário da Abolição" - *Novos Estudos* , 34, 1992.

CARDOSO, Fernando Henrique - *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional* - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CARDOSO de OLIVEIRA, R. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*, São Paulo: Pioneira, 1983.

CARDOSO, Ruth C. L. - "Movimentos Sociais Urbanos: balanço Crítico" - In: Sorj. B. e Tavares, M. H. (orgs.) - *Sociedade e política no Brasil pós-64* - São Paulo: Brasiliense, 1983.

CLIFFORD, J., "Identity in Mashpee" In: *The Predicament of Culture - Twentieth Century Ethnography and Art* - Cambridge: Harvard University Press, 1988.

COMOROFF, J., "Humanidade, Etnia e Nacionalidade", RBCS, 22, 1983.

CUNHA, M.C.da, "Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível", In: *Antropologia do Brasil* , São Paulo: Brasiliense, 1987.

CUNHA JR., *Textos para o Movimento Negro* - São Paulo: EDICON, 1992.

DANTAS, Marcelo - *Olodum: de Bloco afro a holding cultural* - Salvador: Grupo Cultural Olodum; Fundação Casa de Jorge Amado, 1994. Trabalho apresentado originalmente como dissertação de mestrado na Universidade Federal da Bahia.

DEBERT, Guita Grin - "Antropologia e Velhice" - In: *Textos Didáticos*, 13, IFCH/UNICAMP, 1994.

DUARTE, L.F.D., "Classificação e valor na reflexão sobre identidade social" In: *A Aventura Antropológica - teoria e pesquisa* - Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

_____, _____, *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986. (Especialmente Capítulos I e IV)

DUMONT, Louis - *Homo Hierarchicus* / Louis Dumont; Tradução de Carlos Alberto da Fonseca - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. Especialmente Introdução e Apêndice A.

DURHAN, Eunice - "Movimentos Sociais - A construção da cidadania" - In: *Novos Estudos Cebrap* - São Paulo, 1984.

FANNON, Frantz - *Pele Negra, Máscaras Brancas* / Frantz Fannon; Tradução de Alexandre Pomar - Porto: A. Ferreira, sd.

FERNANDES, Florestan - *A Integração do negro na sociedade de classes* - Vol. 1 e 2 - São Paulo: Ática, 1978.

_____, _____ - *O Negro No Mundo dos Brancos* - São Paulo:

Difusão Européia, 1972. Especialmente os Capítulos I, IV.

_____, _____ - Significado do Protesto Negro - São Paulo: Cortez, 1989.

FRANK, André Gunter; FUENTES, Marta - “Dez teses acerca dos Movimentos Sociais” - *Lua Nova* (17), São Paulo, Junho, 1979.

FREIRE, Gilberto - *Casa Grande & Senzala* - Rio de Janeiro: Record, 1989. Especialmente prefácio.

FISCHER, M. M, “Ethnicity and the post-modern arts of memory”
In: CLIFFORD, J. & MARCUS, G.E.(org.) *Writing Culture - The Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley: University of California Press, 1986.

GEERTZ, Clifford - *A Interpretação das Culturas* / Clifford Geertz; Trad. Fanny Wrobel - Rio de Janeiro: Guanabará, 1989.

GOFFMAN, Erving - *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* - Rio de Janeiro: Editora Guanabará, 1988.

HALL, Stuart - “A Questão da Identidade Cultural”/ Stuart Hall; tradução de Andréa Borghi Moreira Jacinto e Simone Miziara Frangella - *Textos Didáticos* n° 18, IFCH/UNICAMP, 1995.

HASENBALG, C. *Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

IANNI, Octávio - *As Metamorfoses do Escravo* - São Paulo: Hucitec, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude - “Raça e História” - In: *Raça e Ciência I* - São Paulo:

Ed. Perspectiva, 1970.

LÉVI-STRAUSS, C. *l'Identité* - Paris: Grasset, 1977.

LOPES, Ademil - *Escola, Socialização e Cidadania: um estudo da criança negra numa escola pública de São Carlos* - São Carlos: EDUFSCAR, 1995.

MAGGIE, Yvonne - *A Ilusão do concreto: Análise do Sistema de Classificação Racial no Brasil* - Tese apresentada como parte dos requisitos para o concurso de professor titular, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

MARGARIDO, Alfredo - *Negritude e Humanismo* - Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 1964.

MOURA, Clóvis - *Sociologia do Negro Brasileiro* - São Paulo: Editora Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele - *Negritude - usos e sentidos* - São Paulo: Ática, 1986.

NASCIMENTO, Maria Ercília do - *A Estratégia da Desigualdade: o movimento negro nos anos 70* - Dissertação de Mestrado - São Paulo, PUC, 1989.

OFFE, Claus - *Partidos políticos y nuevos movimientos sociales* / Claus Offe; Trad. Juan Gutierrez - Madrid: Sistema, 1992.

ORTIZ, Renato - *Cultura Brasileira & Identidade nacional* - São Paulo: Brasiliense, 1994. Especialmente capítulos II e III.

PIERUCCI, Antônio Flávio - "Ciladas da Diferença" In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP* - São Paulo, 2(2), 1990.

PINTO, Regina Pahin - *O Movimento Negro em São Paulo: luta e Identidade* - Tese de doutorado, São Paulo: USP, 1993.

RABINOW, P., "Representations are social facts - modernity and post-modernity in anthropology" in: CLIFFORD, J. & MARCUS, G.E. (org.), *Writing Culture - The Poetics and Politics of Ethnography* - Berkeley: University

SCHERER-WARREN, Ilse; KRISCHKE, Paulo (Orgs.) - *Uma revolução no Cotidiano? os novos movimentos sociais na América Latina* - São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, Luiz Antônio Machado da e outros - *Movimentos Sociais Urbanos, Minorias étnicas e outros estudos* - Brasília: ANPOCS, 1983.

SINGER, P.; BRANT, v. - *São Paulo: O Povo em Movimento* - Petrópolis: Vozes, 1983. Especialmente capítulo VI.

SOUZA, I.S. - *Resgate da Identidade na travessia do Movimento negro*. - São Paulo: USP, tese de doutorado.

Anexo

Roteiro de entrevista utilizado na pesquisa:

- 1) Gostaria que você contasse um pouco de sua história de vida.

- 2) Você poderia nos contar algumas situações de discriminação e preconceito que tenha vivenciado: por exemplo, na escola, no trabalho, e nas relações com outras pessoas.

- 3) O que levou você ingressar no (Congada, Centro Cultural Negro Municipal, Clube Flor de Maio)?

- 4) Você é filho de diretores ou sócios do Flor de Maio?

- 5) Você poderia contar a origem e um pouco da história do (Congada, Centro Cultural Negro Municipal, Clube Flor de Maio) ?

- 6) Vocês possuem algum estatuto?

- 7) Existe alguma estratégia por parte da entidade para atrair novos membros?

- 8) Qual o papel da cultura dentro da entidade?

- 9) O que é Cultura Negra para você? O que diferencia esta das demais culturas que existem hoje e estão interagidas no Brasil ?

- 10) Uma das estratégias do movimento negro para agremiar novos membros é a cultural, através de atividades culturais como dança e teatro eles inserem questões

políticas. Como vê essa questão.

11) O que é ser negro para você ?

12) Quais os tipos de atividades que sua entidade promove ?

13) O que diferencia a sua entidade das demais?

14) Existe alguma articulação da sua entidade com as demais ? (Nesta questão citava-se os nomes das três entidades estudadas).

15) Qual a relação de sua entidade com a comunidade negra são-carlense ?

16) Qual a relação da sua entidade com os partidos políticos e entidades locais ?

17) Qual a relação da sua entidade com movimentos de âmbito nacional?

18) Você poderia fazer um balanço das conquistas e dificuldades de sua entidade?

(Esse roteiro foi elaborado a partir de entrevistas abertas com militantes e também no roteiro de entrevistas de Irene Sales de Souza¹⁵²).

¹⁵² IBIDEM.